



NORDESTE

Este número: Cr\$ 5,00

"São Os do Norte que vêm..."



Gerações e Individuos Em Poesia

LUIZ DELGADO

Estou chegando àquela idade ou àquela situação espiritual em que todo homem, — particularmente o homem de letras, levado pela vocação ou pelas circunstâncias a uma análise como que profissional dos sentimentos, dos próprios e dos alheios sentimentos —, defronta a necessidade de realizar umas escolhas mais decisivas e mais duras do que as da adolescência.

Final, o adolescente possui a vida toda diante de si e nada deixou para traz. Essa semente pode ser lançada aqui ou ali e tem a esperança — mais do que esperança: tem a estimuladora certeza de que irá germinar e florescer. Ao passo que as outras escolhas, as de mais tarde, implicam, queira-se ou não se queira, um julgamento de tudo aquilo que se veio realizando até aquele momento. Não é apenas uma escolha: é também uma sentença. A semente de ontem possui agora raízes ligadas a um solo, aprofundadas numa gleba, e não se arrancam raízes sem um dilaceramento e um choque. Quando o homem tem um passado — obscuro ou ilustre, pouco importa, pois em todo passado vai o destino e o preço de um coração —, escolhe entre as idéias, entre as escolas, entre as doutrinas, é por em jôgo a própria alma.

Dai, o dramático dessas deliberações dos espíritos que não têm os olhos voltados apenas para os longínquos e luminosos horizontes do amanhã, mas a sensibilidade presa também à lembrança dos dias que se perderam na irrevogável bruma do tempo.

Pode o homem de letras não se aperceber da fatalidade e da obrigação dessa crítica de si mesmo. Uns, porque se refugiaram nas velhas mas sempre renovadas torres de marfim da vaidade e do orgulho e fingem desprezar a opinião alheia, certos, deshumanamente certos de seu acerto e sua glória; outros, porque se esconderam à sombra de grupos e de clientelas e ouvem apenas a linguagem convencional que ali dentro se fala, no rito morto de uns elogios sem eco. Fora daí, porém, fora dessas duas ilhotas estéreis que não têm praias de salvamento nem paisagens fecundas, corre e estende-se o mar, o largo mar sempre móvel e vivo, feito de ondas que se alteiam e abismos que se cavam. E quem olha para esse oceano, sabe que são inevitáveis as confrontações e as sucessões, sabe que incessantemente sistemas deperecem e sistemas não digo que nascam mas ressurgem. Teorias vêm e vão. E como não são abstratas essas teorias mas em nós se incarnam, em nossas convicções e em nossas crenças, — nós é que vivemos essa luta, nós é que sofremos ou vencemos nela.

Os espíritos mais moços sabem sempre disso porque tiram daí o seu estímulo e a sua glória. Os mais velhos, porém, apegados ao seu conforto e à sua fama, à fama que conseguiram dentro de um determinado sistema, correm o risco de ignorá-lo. E correm o risco ainda maior de, não o ignorando, desentendê-lo.

Há, com efeito, os que lançam uma autocrítica e inútil maldição contra tudo que é novo, que vem nascendo, que vai viver. Há os que regem com artificial energia aquilo que praticaram sempre, buscando com isso renovar os brilhos do seu nome. Há os que se sentam à margem, desalentados e tristes. Há também os que escolhem uma atitude benevolente, mas no fundo, cética e, portanto, de uma

O patrono do I Salão de Poesia do Recife



Castro Alves
fotografia aos 18 anos

fecundidade apenas exterior e fictícia. Creio que terá sido esse o caso de um João Ribeiro, por ocasião do nosso movimento modernista: ele não compreendeu nem amou o modernismo; aprovou-o, sim, porque não se importava muito... E já que pessoalizei, deixai-me dizer que considero um erro o gesto de Graça Aranha, supondo chefiar uma das alas' desse mesmo modernismo: adaptemos a lição do Evangelho, de deixar os mortos enterrar os mortos, e deixemos aos moços comandar os moços. Eles é que têm a mesma voz, o mesmo ímpeto, a mesma fé. Antes dizer, como o velho Alberto de Oliveira, em 1927.

Agora é tarde para novo rumo dar ao sequioso espírito; outra via não terei de mostrar-lhe, e à fantasia, além desta em que peno e me consumo. Ai me hei de ficar, até cansado cuir, inda abençoando o doce e amiguo instrumento em que canto e a alma me encerra.

Não, porque em qualquer tempo seja tarde para dar novo rumo ao espírito; mas, enquanto não se tenha visto a imperiosidade e a urgência da mudança.

Assim as gerações se revezam e as idéias se reformam. As que chegam, trazem, na categórica afirmação de si mesmas e no empenho de destruir o que encontram, sua própria ra-

zão de ser, essa necessidade de oposição que dizem alguns psicólogos ser a fonte da consciência da personalidade. As outras possuem uma tarefa mais larga e mais difícil. Têm de realizar, então, aquela escolha de que falei no começo. E' então que temos de dizer se quisemos a verdade ou a notoriedade, se buscamos exprimir a nossa alma ou ouvir o rumor de nossa voz.

Nada mais fácil ao homem do que opor-se aos outros ou segui-los, do que entrenchear-se ou enfileirar-se. O difícil é escutar-se a si mesmo, indagar-se, definir-se. E esse não é um insultamento, uma negação da comunidade com os outros seres: é caminhar à procura dos outros corações dentro do seu, à procura da humanidade toda dentro de si. Tomar contacto com o próprio sonho e com a própria experiência, é poder colocar dentro das próprias palavras o sentido da ambição e o da vida — a ambição que ilumina a vida e a vida que mata a ambição. E' descobrir, no silêncio mais íntimo da alma, que nada foi um fracasso. E' ter a convicção não eloquente nem heroica mas honesta, de que a vida é nobre, o homem é grande e a arte é santa e são maravilhosas as criações de Deus.

A luta das gerações e dos estilos não deve atordoar-nos a ponto de fazer-nos esquecer que o nosso coração humano é o mesmo no tempo e no espaço, assediado pelas mesmas espigas e libertado pelas mesmas virtudes. As escolas de poesia, da mesma forma que os sistemas de filosofia, são tentativas pequenas e parciais do nosso esforço para nos abranger e realizar. Um dia, diremos deante de Deus o nosso nome, a expressão total do nosso ser, o que a natureza e a sobrenatureza fizeram em nós, o verbo vital em que se cristalizam todas as nossas emoções e todas as nossas decisões, todos os nossos gestos. Até esse momento, não fazemos mais do que procurá-los. A poesia não é mais do que essa procura revestida de música e de beleza.

E' evidente que a poesia moderna está dominada por um espírito de fuga, assim como a poesia romântica inspira-se na melancolia e na saudade. E tudo isso parece antes um alheamento e um abandono, do que uma procura. Mas, ninguém sonha uma fuga para Passárgada, se em Passárgada não imagina que existe outra civilização. E' ainda de Manuel Bandeira o seguinte pequeno e expressivo poema.

Nas ondas da praia
nas ondas do mar
quero ser feliz
quero me gozar.

Nas ondas da praia
quem vem me beijar?
Quero a estrela dalva
rainha do mar.

Quero ser feliz
nas ondas do mar
Quero esquecer tudo
Quero descansar.

Dizei-me se o que marca essa poesia é o sinal do descanso e do esquecimento ou o brilho da estrela dalva, a conquista irreal e puríssima?

E' uma lástima e um crime que esse sentido afirmativo da poesia, de toda poesia autêntica, tenha sido transviado modernamente

para os campos da declamação político-social. Partidários de várias cores e várias configurações, adeptos do realismo bisantino de reduzir as divisões intelectuais e estéticas à separação das cores nos partidos do circo... quem quer que os poetas venham servir de arautos e de tambores em seus exércitos. Mas, a função da poesia é bem outra. Não que ela não reforme o mundo: reforma-o, porém, como a meditação do pensador ou a oração do santo: movendo os mundos interiores, transfigurando os corações à luz da Beleza que é apenas um aspecto, nada mais do que um aspecto, da verdade.

Um poeta nosso, poeta de inspiração discreta e intensa cujo nome está fazendo falta em nosso salão, Willy Levin, disse isto:

"Depois de beber alguns chopps
o romancista torturado
explica que sente como ninguém o novo mal
[do século
[do século
[quilíbrios do após-guerra.

O crítico de arte começa a discorrer
sobre as novas tendências estéticas

Somente o poeta se cala.
Na roda, é o único que não entende de mis-

[cegação
e é alheio à luta de classes.
Não é inquieto nem sutil.
E' simples como uma valsa antiga,
como uma tarde de domingo,
como um chalé de subúrbio com ayencas e
[gaíolas de passarinhos.

Em tal simplicidade transparece um tipo de humanidade que cumpre trazer lembrado aos homens de hoje como aos de todos os tempos. Não é apenas a grandeza da ciência ou a da técnica ou a da política, que revela o homem. E' também essa simplicidade, essa entrega à natureza.

Vejo, porém, que acabo de empregar uma expressão cheia de malentendidos. A poesia moderna não gira mais em torno de debates sobre a composição, a rima ou a métrica; passou de moda discutir essas coisas; e o soneto regressa do exílio, ouvindo talvez com pequena modificação aquilo que outro exilado ilustre cantou num soneto sonoro: a justiça de Deus na voz da vida... O que se discute é a natureza da poesia, como reflexo da natureza do homem: uma natureza coroada

(Continua na pg. 19)

SUMARIO

NUMERO DEDICADO AO I SALÃO DE POESIA DO RECIFE COM POEMAS E SONETOS DE EXPOSITORES.

Conferência de Luiz Delgado.
Artigos de Francisco Julião e Hélio Galvão.

Palestra de Fernando Mota.
Cortos de Antônio Franca e Carlos Alberto Matheos de Lima.

Ilustrações e desenhos de Ladjane, Hélio Feljó, Eros Martins Gonçalves, Manuel Bandeira, F. Barreto Campelo e Elzeir Xavier.

Fotografias do Salão.
Tópicos — Comentários e Transcrições sobre o Salão — Relação completa dos expositores do I Salão de Poesia do Recife.

TÓPICOS

A repercussão do

Salão de Poesia

Neste número, que NORDESTE dedica aos expositores do I Salão de Poesia do Recife, transcrevemos várias notas, artigos e editoriais publicados na imprensa pernambucana e de outros Estados que demonstram, eloquentemente, a repercussão que alcançou a iniciativa desta revista com a realização do certame de poesia manuscrita no "hall" do Gabinete Português de Leitura da cidade do Recife.

As mensagens de solidariedade, de incentivo e de admiração que recebemos pagam em moeda inestimável todos os pequenos sacrifícios que fizemos para tornar realidade, no Recife, a primeira exposição de poemas manuscritos do mundo. Acresce ainda, a circunstância de que o povo pernambucano compreendeu e apoiou o Salão que foi visitado por milhares de pessoas de todas as classes sociais, visitas essas documentadas com assinaturas no livro de visitantes que NORDESTE guarda em seu arquivo como um documento de alto valor histórico e como um atestado muito forte de que o povo não está divorciado dos poetas e, nem tampouco, da poesia.

Estudantes, desde os alunos das escolas primárias, secundárias até os das escolas superiores, compareceram diariamente ao Salão não se limitando a olhar a disposição da poesia manuscrita nos "standars". A maioria aparecia, no "hall" do Gabinete Português de Leitura, de lápis em punho e caderno nas mãos, copiando os poemas que mais lhe agradava à sensibilidade.

Fatos como este foram documentados, também, através de reportagens nos jornais locais, ilustradas com fotografias, onde

se vê na exposição de poemas manuscritos o pessoal interessado de verdade na leitura dos versos ali expostos.

Salientou-se, ainda, o I Salão de Poesia do Recife, com as suas palestras e declamações através do Rádio JORNAL DO COMMERCCIO e Rádio Clube de Pernambuco, que ofereceram meia hora de seus programas, durante as quatro semanas do Salão, à comissão promotora para que fizesse os programas de POESIA VIVA.

O interesse que despertaram esses programas, ouvidos não somente em Pernambuco como no mundo inteiro, foi invulgar e veio demonstrar também que a poesia não existe para ficar mumificada em livros, que ela pode, moderna ou antiga, chegar até nos ouvidos do povo através da própria voz do poeta. E foi o que se fez, afrontando todos os que pessimisticamente nos acenavam com o possível ridículo dessa atitude. Ridículos ficaram eles, do lado de fora do Salão, gemendo de inveja diante da alegria e da correspondência sentimental que encontramos em todo o povo desta mui heróica cidade do Recife.

A Academia Pernambucana de Letras, pela sua maioria absoluta, enviou-nos um documento de apoio que invalida e conduz para um plano secundário os que dele discordaram porque o Salão aceitou versos de todas as escolas e tendências.

O atual número de NORDESTE, com poemas de todas as escolas e tendências, é um exemplo, em miniatura, do que foi o Salão de Poesia do Recife. Salão livre, independente e democrático. Salão que não exigiu e nem passou certificado de poeta a nenhum dos expositores. Salão que teve a única finalidade de irmanar todos os homens em defesa e exaltação da POESIA.

O documentário

do Salão

A comissão promotora do I Salão de Poesia do Recife está preparando o documentário desse certame para entregá-lo a uma editora a fim de que, em 1949, já esteja circulando em livro que será uma espécie de anuário da poesia brasileira de 1948. De cada expositor publicaremos, pelo menos, um trabalho. Caberá à crítica, então, distinguir os vencedores poetas dos que nomearam a poesia mas não conseguiram ser fielmente correspondidos.

O Rádio JORNAL DO COMMERCCIO e o Salão



Dr. Pessoa de Queiroz

O Rádio JORNAL DO COMMERCCIO apoiou, desde o início, a iniciativa dos intelectuais pernambucanos em promover a primeira exposição de poesia manuscrita do mundo. Tanto assim que, através de seus potentes emissores, os poetas pernambucanos enviaram, aos quatro cantos do mundo a sua mensagem de fraternidade poética no dia mesmo em que se inaugurava, no "hall" do Gabinete Português de Leitura, o I Salão de Poesia do Recife. E durante o tempo em que permaneceu aberto o Salão, o programa POESIA VIVA do Rádio JORNAL DO COMMERCCIO foi um incentivo e um apoio a esse movimento de inteligência que NORDESTE se sente feliz de ter patrocinado. Por isso consignamos aqui os nossos agradecimentos à "voz mais potente da América do Sul e Central", dinâmica e inteligentemente supervisionada pelo dr. F. Pessoa de Queiroz.

Também estendemos os nossos agradecimentos ao Rádio Clube de Pernambuco que gentilmente irradiou dois programas de POESIA VIVA durante o Salão e ao gentilíssimo Gabinete Português de Leitura.

A conferência de Luiz

Delgado e o Salão

Já alguns comentaristas de suplemento literário salientaram a importância da conferência do escritor Luiz Delgado pronunciada no dia do encerramento do

I Salão de Poesia do Recife. Neste número, NORDESTE publica, na íntegra, o trabalho do autor de "Ruy Barbosa" onde estão seriamente determinadas as chamadas fronteiras da poesia em relação com o senso do homem comum.

Não é demais salientar que somente um acontecimento da força e da expressão intelectual da exposição de poemas manuscritos teria poder de fazer Luiz Delgado abandonar, por alguns horas, o velho casarão de Duarte Coelho e vir falar em público. Esse Luiz Delgado que é a negação da publicidade e que à frente do jornal católico da Diocese vem fazendo um trabalho silencioso e fecundo.

O público numeroso que superlotou o Gabinete Português de Leitura deu-se por bem pago em ouvir a palavra admirável do ainda jovem professor da Faculdade de Direito do Recife que falou nos incontáveis mistérios da poesia numa linguagem de conversa, aliás, marcada, sobretudo por aquela seriedade específica que é uma constante no temperamento intimamente lírico do crítico pernambucano, um poeta das idéias distarçado em redator de notas avulsas, na imprensa local. E quem duvidar que leia a sua seção diário no JORNAL DO COMMERCCIO.

Teatro de Figuras

no Recife

Patrocinado pela Diretoria de Documentação e Cultura, da Prefeitura do Recife, SESI e Departamento de Educação, funcionou na Escola Industrial, durante os meses de outubro-novembro, o curso do Teatro de Figuras (marionettes, fantoches, sombras chinesas) a cargo de Eros Martin Gonçalves, Sílvia Watson, Maria Helena Amaral e Olga Obry.

A exposição dos trabalhos realizados pelos alunos desse curso provou, sobejamente, o êxito que o mesmo alcançou entre alunos de todas as idades.



Desenho de LADJANE — a jovem pintora pernambucana que fará a sua 1.ª exposição de desenhos e pintura no dia 11 de dezembro, patrocinada pela Sociedade de Arte Moderna.

des. Com a presença do pintor Eros Martin Gonçalves, da técnica em marionetes, Olga Obry e das desenhistas Sílvia Watson e Maria Helena Amaral que ensinaram fantoches (marionetes) e sombras chinesas, sem falar nos fantoches de massa de jornal velho.

Entre nós, já possuímos o "mamulengo" do artista popular Chelisso e, ultimamente, as realizações do Teatro do Estudante de Pernambuco com a peça "Haja pau", de José de Moraes Pinho.

Os professores do teatro de marionetes, que aqui se encontram, ensinaram os seus alunos a fazer os seus próprios bonecos, desde as marionettes até cortar a lhetas para as sombras chinesas, sem falar nos fantoches de massa de jornal velho.

Depois vieram os espetáculos em público com histórias da nossa folclore e outras histórias, como a de Salomé por exemplo pelo Teatro de figuras para adultos para crianças que alcançou uma repercussão magnífica entre os recifenses e deu uma nova compreensão desse trabalho aos amantes de tão popular diversão.



O governador Barbosa Lima Sobrinho inaugurou I Salão de Poesia do Recife — Aspecto do salão quando falava o poeta Carlos Moreira.

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA
Editado pela Empresa JORNAL DO COMMERCCIO S. A.
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 463
1.º andar — Recife — Pernambuco

REPRESENTANTES:

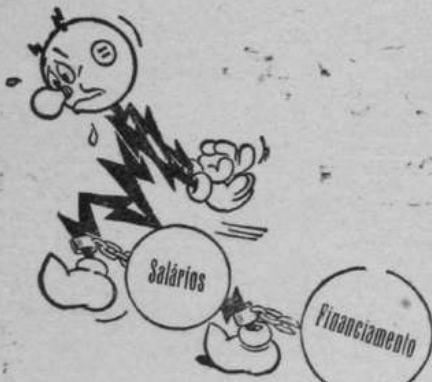
- França (Paris): Cicero Dias
- Estados Unidos (New York): Artur Coelho
- Rio de Janeiro: José Irineu Cabral
- São Paulo: Eulo Silveira
- Alagoas: Igor Tenório
- Bahia (Salvador): Jota Soares
- Parahyba (João Pessoa): Gambarra Filho
- Rio Grande do Sul (Porto Alegre): Sílvia Ducan
- Ri Grande do Norte (Natal): J. Gonçalves de Medeiros
- Minas Gerais (Belo Horizonte): Lara Rezende
- Paraná (Curitiba): Dalton Trevisan
- Ceará (Fortaleza): José Edésio Albuquerque

Diretor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderbal Jurema

— Solicitamos permuta com as publicações congêneres.
independente de crítica assinada.

— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados

Número avulso Cr\$ 3,00
Número atraado Cr\$ 5,00



SITUAÇÃO DIFÍCIL

— Não se diga que estou ficando velho, porquanto minha agilidade e sincero empenho de bem servir são os mesmos. Mas, há circunstâncias especialíssimas influndo no meu ânimo, que reduzem minhas forças. Além de ter de prestar serviços de notória complexidade, enfrente, neste momento, dificuldades de toda sorte. Minha folha de pagamento sobe assustadoramente e, embora muito deseje que meus dedicados auxiliares sejam convenientemente remunerados, a "gaita" vai ficando escassa. . . É, para ampliar meus serviços preciso, também, de muito dinheiro, hoje tão difícil de obter — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS
Fone - 2141 — Recife

POEMA DA GUERRA

Oh! Ebríos de tanta luz
Do meu continente americano
Espolhados da paz,
O ralo de sol foi feito para vós
Para vós
Que guardais ainda
A memória das estradas molhadas
Em tardes cinzentas de França.
O primeiro pórtico de mar
Para vós que ganhastes a custo
E que ao deixar a casa de anos
Sozinhos
Ouvistes ainda a larga janela do sótão batendo
Como batia tantas vezes
Enquanto dormíeis
E sob pesadas bategas
O campo infinito negrejava em solidão
Lá fora.
Vós que tomastes o trem ainda a medo
Vendo-o dinamitado em cada curva
Rolar no abismo
E que viníeis com o ouvido cheio de frases:
"Pátria traida!", "Mataram papai!"
"Meu filho foi um herói!"
Enchei-vos agora da manhã brasileira
Que o ralo de sol
Também foi feito para vós!

Lucílio Varejão Filho



POEMA PARA LORD JIM

Sepultem-me na pedra
de uma ilha deserta,
no meio do mar.

Um coração que não freme,
o sangue gelado,
cégos os olhos...

Detrito inútil
do que já fui
para que lamentar?

Entre o vento e a noite,
inconsequente,
permanecerei.

Basta que as ondas
depositem ostras
sobre o meu fim.
E os sargaços verdes
surjam na terra
como meus cabelos.

Quero a ilha
como as algas
querem o mar

E o silêncio
como as raízes
querem a ter

Sepultem-me na pedra
de uma ilha deserta
no meio do mar.

Herculano Maranhães



O RIO

Seu curso o rio que defluiu
Silencioso dentro da noite
Não temer as trevas da noite
Se há estrelas no céu, refleti-las
? Se o céu se peja de nuvens,
Como a nu as nuvens são água,
Refletir também sem mágoa
nas profundidades tranquilas

Manuel Buarque
Petropolis, 1948

SONETO A NADADORA

A meus olhos terrestres, teu sorriso,
Enquanto existes, fruta de esplendor.
Não se assemelha às ondas, mas à flor
Pelo acaso deposita onde é preciso.

Entendes o equinócio, no indiviso
Sulco de luz dormida. E é meu tumor
Que te desgaste o sol, com seu fulgor
Perfervente e sonoro como um riso.

O verde condensável das piscinas
No cántico braçal desenha os prantos
Que a noite oferta à fimbria de teus olhos.

Conformada às marés, como as ondinas,
Dás a manhã aos céus, e os acalantos
De teus pés frios soam como lírios.

Lédo Ivo



A FOLHA DO CAJUEIRO

O redemoinho que me arrancou de teu tronco
fez-me varar pelo espinho de uma árvore
que nada tem comigo.

Que me importava a poeira dos dias de verão
ou os raios do sol de meio dia
se o orvalho da noite me lavava o corpo
e se em todas as minhas veias
a tua vida palpitava?

Não me reconhecerias agora
se o teu olhar caísse sobre mim
exangue a tremular entre suspiros
sob os caprichos do vento
no espinho inerte.

V. M. Ribeiro Job



SONETO DA NOITE DISPERSA

Na noite vã fantasmas vão soprando
Enquanto a violenta ventania
Como cavalos doidos, galopando,
Rebenta ao longe, desdenhosa e fria.

Recordo bailarinas se espalhando,
E escondo um pensamento que fugia
Ao mesmo tempo: terno, louco e brando,
Buscando os seios — doida fantasia.

Escuto vozes roucas de martírio
No mais estranho e lúgubre delírio,
A recolher mortícios sofrimentos

Escuto o tango, o tango, oh! Deus levai-o,
Levai as brancas pernas em desmaio,
Levai do cabaré meus pensamentos.

Duarte Neto

A DANSA

(1.º movimento)

Sonho. Símbolo. Natureza morta.
Cansado estou, meu irmão,
Paisagem que ficou
Sonho. Símbolo. Natureza morta.

Quadros. Manchas. Céus limpos.
Pincéis inutilizados.
Cansado estou, meu irmão.
Vidros quebrados.

Símbolo. Bandeiras rasgadas.
Foram-se os anéis,
Ficaram os dedos.

Sonho. Mocidade passada.
Cansado estou, meu irmão.
Mulher chorando. Encruzilhadas

(2.º movimento)

Murmúrios. Soluços. Tarde de outono.
Muro das lamentações.
Um galo cantando.
Canções. Adeuses. Tarde de outono.

Sombras. Fugas. Tarde de outono.
Violinos parados.
Após mim, virão outros
Olhos cansados.

Tarde de outono,
Aquarela envidraçada,
Estréla primeira que aparece.

Tarde de outono,
Vento de leste aprisionado,
Doces amores desencantados.

José Ferreira Gonçalves

Culta penada

Antes, que esta alma, as praias silenciosas
Do mar de Deus, se abrisse, em devadouro
Adens do mundo, escuta os dolorosos
Solavios de quem fez seu primeiro

Escuta e atenta bem: Tozé o primeiro
Amor... De quanto sonho, e quantas vezes
E apaixonado, construí, belo e atlanteio,
Um castelo de linhas harmónicas

Para me guardar, gloriamente,
O Minueto que eu fui, meu doce anjo...
Nad soube até entender meu culto ardente

E agora, nada mais... Quina, e mais nada
- Têta, vamos construir outro castelo
E encetar, novamente, outra jornada.

Quintilha

Saucho

Rescaudo os cabelos!
Tirando os esporos!
Través das Cochilhas!
Sabi de meus Papos
Em louca araucada!

- Para que?
- Pra nada!

Aracuanis

A DANSA DAS VAGAS

As vagas doidas ao luar estão na praia a dançar. Nunca baile estranho assim à beira-mar alguém viu. Uma artista se vestiu de vestido verde-mar, para entre as vagas bailar, no mais belo desvario, um bailado ao desafio, na areia fluida sem fim...

Mas entre as vagas ficou, Debalde a artista buscou, na tela em que se perdeu, o caminho que a levou, e que de todo esqueceu. Por onde, agora, voltar? Tudo ali é um só claro: de céu, de areia, de mar. E as vagas doidas estão na luz da lua a valsar.

Esperança é só o que tem, — e é já ventura esperar —, de na onda, que inda vem com outras ondas também, poder um dia volver, ou ser vista por alguém. Se entre as vagas não ficar, perdida no imenso mar, eternamente a viver, eternamente a bailar...

Pelas tardes de verão, doce encanto é contemplar as ondas que vão, que vêm, nessas areias sem fim... Se a imagem da artista então, alcança-la o meu olhar, vejo-a já noutra visão, a de uma siltide assim por sobre os mares além surgindo do próprio mar!

Odlion Nestor



A HISTÓRIA SE REPETE

O homem, incauto, o cavalo montou, E o bicho, de repente, Tomando o freio nos dentes, Numa carreira louca desembestou!

Por onde passava o doido, Era a voz de toda a gente:

— Eh! cavalheiro, enlouqueceste! Para onde é que tu vais? Para onde é que tu vais?

E o cavaleiro:

— Por ora não se sabe... — Por ora não se sabe...

O mundo bonito, De Nosso Senhor, Incauto montou Fogoso ginete. E o bicho, de repente, Tomando o freio nos dentes, Numa carreira louca desembestou!

E enquanto corre o doido, Eis a voz de toda a gente:

— Eh! mundo, enlouqueceste! Para onde é que tu vais? Para onde é que tu vais?

E o mundo:

— Por ora não se sabe... — Por ora não se sabe...

Jayme Griz

EVOCAÇÃO

Eu guardarei o teu retrato na memória E farei dele o meu depósito de amarguras

Eu chorarei sobre ele a minha vida a perda das minhas ilusões e ausência de amor.

E farei dele reliquia de saudade

Que me fere o coração

Já diluído nas lágrimas de incertezas.

Os meus olhos gastarão a tua imagem

E os teus beijos

Tiritantes de amarguras, Mas quentes de saudade

Rasgarão os teus tábios de retrato.

E o papel não falará de amor;

E os meus ouvidos não sentirá a carícia de tua voz

Que penetraria em meus cabelos;

E eu chorarei a solidão num mundo povoado.

LADJANE



Tu sabes, Senhor, que eu sou humilde em meus desejos E satisfeito com a herança que me destinaste!

Que eu nunca Te pedi além do que me quizesse dar

Nem a libertação de meus sofrimentos, eu Te pedi, Senhor!

Nem a água da fonte, nem o fruto da árvore,

Mas hoje, eu quero, Senhor, que me dê Sônia

A prostituta Sônia

Que não quer mais pecar,

Não quer mais pecar!

Guerra de Holanda

INFANCIA PERDIDA

Minha infância perdida minhas doenças do figado, meu rosto cadavérico, meus sonhos de criança. Cadê os banhos no rio? Cadê o amor pela prima? Cadê o pão-de-ló comido seguido de uma indigestão? Seguido de dias tristes? Cadê a cadreira de jona? O nariz cheio de espinha? Os chutes dados na bola no campo de futebol? Cadê tua infância, rapaz?

Evaldo Cabral de Melo Janeiro de 1948



POEMA N.º 35

Quando a hora amarga chegar; quando das rosas só restarem espinhos; quando vier o verão impiacável, e os rios e as fontes minguarem, quando vier o frio do inverno; quando as aves partirem e as [árvores se despirem; quando a noite se prolongar (indefinitamente; quando a paz se destizer, e a tranquilidade fugir dos [corações quando tudo isso vier;

Eu, feliz e resplendente dos tesouros que me deste, partirei de porta em porta a socorrer os desgraçados!

Angela Delouche.



É LONGO O CAMINHO...

O caminho é longo coberto de sombras. Há névoas na terra e angústia nos homens.

Há lamentos na noite. As estrelas morreram e a madrugada vem vindo em silêncio de morte.

Eunice se foi nas sombras da noite. Só existem fantasmas na estrada sem rumo.

Há sombras em meu corpo, desespero na alma, quebrantos no espírito. Como é longo o caminho...

Quis ir com Eunice meu lindo amor,

a noite cresceu e não me deixou.

Meus olhos fecharão na escuridão do sono e as sombras vieram quando Eunice se foi.

Não há mais cantigas na planície deserta. Meu caminho perdeu-se no abismo da noite.

O caminho é longo como meu destino, como a longa ausência da meiga Eunice...

Cezario de Mello

POEMA N.º 11

Nas noites infindáveis quando inasbe tu ficares eu velarei contigo como se fosse tua mãe, porque u'a mãe não tem sono,

No momento, incerto quando inquieto ficares contigo eu estarei como se fosse tua irmã

porque uma irmã não tem medo. Nas horas de lazer quando cheio de desejo ficares permaneço contigo como se fosse tua amante porque é para o prazer, a amante. Dia a dia, passo a passo contigo eu estarei; como se fosse tua esposa, desconhece o cansaço, a esposa.

Mas lembra-te: não sou tua mãe, nem tua irmã, nem tua amante, nem tua esposa. Sou apenas um fragmento, u'a migalha, um pedaço de Tempo que com um só sopro poderás aniquilar. Não me traíras, Amigo; porque te amo sou mísera em tuas mãos.

Angela Delouche



AS DORES DO MUNDO

Eu sou o Mundo, Maria! As minhas faces tão pálidas — desenhos do sofrimento — mostram as dores da fome... Eu tenho fome, Maria! Fome nas bocas dos homens das mulheres, dos meninos... Fome que faz desastros, que faz o Mundo sofrer! Fome espalhada na terra, que fez e fará a guerra, que faz o Mundo morrer! Eu tenho fome, Maria!

As minhas carnes geladas, de sofrer tanta nudez, não suportam mais o frio... Eu tenho frio, Maria! Minhas faces decoradas — retratos de enfermidades — para as quais não há remédio, são o símbolo da dor que aflige o Mundo, Maria! Quero pão para os famintos, tecidos para os desnudos, remédio para os enfermos, lareira aos enregelados, justiça aos injustiçados, todos eles meus irmãos!

Para tanto sofrimento, eu tenho um consólio — a Fé! O mundo precisa crer, trabalhar com temperança, ter fé nos destinos seus, nunca perder a esperança, na só justiça de Deus! Eu tenho crença, Maria!

Sinto a fome, sinto o frio, eu sento as dores do Mundo... Eu sou o Mundo, Maria! —

Hercilio Cobo

INQUIETAÇÃO

Quanto mais vivo nesta vida ingrata, Mais no oceano do tédio me aprofundo; E sei quanto a minh'alma se maltrata Em suportar vilezas neste mundo.

Não levanto, o chapéu ao magnata Empanzinado, estúpido, iracundo; Antes, dou meu bom-dia a um vira-lata, A um cachorro plebeu e vagabundo.

E assim vou-me lamentavelmente, Debatendo-me ao sabor da onda ingente, Como um barco perdido, sem socorro,

Esperando que um dia o vento abrande, Para, na calma de um remanso grande Poder vagar tranqüilo enquanto morro...

Eufrásio Barbosa

ANGÚSTIA

Sobre minha cabeça dolorida, Qual espada de Dâmocles suspensa, Paira, vinda de tua indiferença, A ameaça cruel! de te perder na vida!

Esta sombra, que tanto me intimidada, Obscurece-me a idéia e perco a crença Nessa tua promessa, hoje esquecida, De contigo gozar ventura imensa!

Ah! não vens aplacar o meu tormento Que, em lágrimas, a sóa, experimento, Vibrando, assim, neste delírio vão...

Meu coração já de esperar se cansa... Vejo fugir minha última esperança E a saudade invadir-me a solidão!

Maita de Mendonça Campo Grande, 1948

TEMPO

Numa noite, no tempo, eu te encontrei. Era noite de um tempo desolado. Era noite tão triste que eu julguei Ser a noite do tempo eternizado.

Pelas noites do tempo procurei A noite do teu corpo desceado. Vi mulheres surgindo do passado Mulheres que fugiram, que eu amei.

Hoje é noite no tempo. Estou sozinho. Verdade de afagar-te com carinho Embora que no tempo sem presente.

No regresso de longa caminhada Voltar a caminhar a mesma estrada Onde um dia fugiste ao tempo ausente.

Oliveiros Litrento

SÔBRE POESIA

Fernando Mota

O Salão de Poesia inscreveu, entre seus propósitos, a realização de palestras e conferências. É de fato, um procedimento feliz de movimentar os escritores da terra em torno de alguns temas de interesse para o momento. Por exemplo: — quais serão as tendências que se descobrem na poesia atual, essa poesia "novíssima" que vem surgindo para o presente e para o futuro, como uma "outra" experiência depois de tantas experiências? Está aí um assunto que me proponho a colocar em debate, não tanto pela pretensão de resolvê-lo, mas de agitá-lo. E este assunto deve preocupar a todos nós que tratamos da arte, porquanto já é tempo de proclamar que não vivemos mais sob o signo do Modernismo. Ninguém pense todavia — e quantos profissionais do verso já estão sentindo cócegas nas mãos! — que estamos voltando ao classicismo, como quem volta de uma jornada inútil. Não. A essência do classicismo está esgotada inteiramente. Este culto da forma é, por si, uma ausência de culto à poesia. A poesia não pode ser impassível. A poesia é uma experiência profundamente subjetiva, uma intuição que apreende não apenas a "essência do belo", mas a "essência do emotivo", nas coisas que se dão à visão do poeta. A força poética (no pleno sentido que lhe deram os gregos) é uma força que vai à "essência do emocional" — ao que de "estética" existe num estado de desespero como uma flor — para "comunicá-la" aos outros, fazendo-os "experimentar" o que lhes poderia passar despercebido. O grande segredo do simbolismo foi "agüçar" este poder de penetração às zonas mais fechadas da alma e das coisas. Na "chanson grise", como a chama Verlaine, há a visão panorâmica das virtualidades estéticas que se manifestam ao poeta, que se revelam num halo de coisa sagrada e que, como um fermento, fazem viver em nós, em renovadas sugestões, a "experiência" do artista. Por isso mesmo, a poesia não é só "simpatia", mas "empatia". Sentimento profundo, profundamente vivido. Tudo mais se queremos repetir o autor de *Sagesse*, é literatura...

Estas virtudes do Simbolismo, entretanto, não raro se comprometem pelo hermetismo dos que o praticam. Já dissemos que a "força poética" visa à comuni-

cação. Requer, por isso, uma "forma" através da qual se comunique, forma que não lhe é da essência, mas que se lhe torna imprescindível. A escola modernista, num justo empenho de revelar a essência da poesia, bania de suas cogitações a forma. Isto, tanto quanto o abuso da forma, serviu à mediocridade dos profissionais do verso, os que se contentam com as rimas, os verbosos de todos os matizes. É preciso, portanto, que ajustemos à "força poética" a "expressão poética". Esta demanda um poder, vamos assim nomeá-lo, de "sublimação verbal", fazendo com que as palavras se enchem de conteúdo significativo, sem o que, como nota Husserl, são "vazias". Este foi o poder de um Rilke, como o é de muitos poetas que estão no Salão, um Cardoso ou um Bandeira, por exemplo.

E a poesia que vem surgindo agora no Brasil, mau grado as suas indefinições ainda persistentes, deixa-nos entrever este sentido totalizador da própria poesia, como intuição da "essência emocional" e como comunicação de uma experiência profundamente vivida. Contê-

do e forma, eis os seus polos. Sincretismo de escolas — notadamente do simbolismo com o parnasianismo. Inegavelmente, uma atitude de superação, uma procura do "equilíbrio". E toda a perenidade que possam ter os novos poetas está na sua capacidade de sentir tão profundamente o valor da poesia que jamais a supunham possível de sobreviver, como arte, se para no abstracionismo do conteúdo ou se fica mirrada no feiticismo da forma.

Com efeito só quem desce às profundezas do "emocional" e possui a força de dar às palavras um sentido de comunicação das mais diversas experiências estéticas, pode-se julgar um grande, um autêntico poeta, que, por sinal, não se condiciona a escolas... É, no sentido puro da palavra, um "vate", um "adivinho", um homem dotado de "poder divinatório" para intuir, nas virtualidades do ser, a essência do emocional. Realizar a poesia será, então, para os que a eis se consagram, descobrir em si ou nos outros, este grande, este autêntico poeta! (Palestra lida no "Rádio JORNAL DO COMMERCIO", ao programa Poesia Viva).



Um voto de aplauso da Academia Pernambucana de Letras ao I Salão de Poesia

O professor Geraldo de Andrade, vice-presidente da Academia Pernambucana de Letras, dirigiu à comissão promotora do I Salão de Poesia do Recife, o seguinte ofício:

Recife, 6 de outubro de 1948.

Aos ilustres dts. Aderbal Jurema, Carlos Moreira e Hélio Feijó.

"A ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS, em sessão de ontem, por proposta do acadêmico Lins e Silva, aprovou por maioria absoluta, um voto de aplauso, a inauguração do I Salão de Poesia, do qual fostes os organizadores. Quis, deste modo, a Academia, juntar a sua voz à voz de todos os que estão louvando, justamente, a grandeza de tão belo acontecimento".

Cordiais saudações.

(a) Geraldo de Andrade — Vice-presidente"

— Também na Assembléa do Estado, o deputado Júlio de Melo pronunciou um discurso enaltecendo o Salão como um dos maiores acontecimentos culturais de 1948.

ENCERRAMENTO DO SALÃO DE POESIA

O encerramento do I Salão de Poesia foi o que se pode chamar um acontecimento intelectual.

O escritor Aderbal Jurema referiu-se ao êxito do Salão, à sua finalidade cultural, ao seu conteúdo, sentimental e huma-

no; e apresentou à assistência (o Gabinete Português de Leitura estava literalmente cheio de escritores, poetas, jornalistas e famílias) o conferencista Luiz Delgado.

O escritor Luiz Delgado fez uma conferência de grande sentido poético, que não pode deixar de ser meditada e citada por quem venha, mais adiante,



Aspecto parcial do Salão de Poesia

Sentido do Primeiro Salão de Poesia

A inauguração do Primeiro Salão de Poesia do Recife, quarta-feira última, foi um acontecimento literário e também um acontecimento político. Demonstrou a existência dos nossos poetas e a existência de um ambiente onde eles puderam botar a cabeça de fora e comunicar as suas mensagens sem medo.

Apareceu toda uma obra produzida ou pelo menos revista de três anos para cá. Porque a começar do nascimento do monstro que se chamou Estado Novo, constituiu uma aventura perigosa qualquer manifestação literária em Pernambuco. Não estamos aqui seguindo a filosofia do nosso amigo Luiz Seixas ("Cafu, páu mele") mas antepondo a lembrança dos fatos às afirmativas. Matéria nenhuma literária (na política, nem falamos) podia ser publicada sem que os originais recebessem o "imprimatur" dos delegados de polícia, os únicos críticos em atuação durante o regime infeliz. Custava caro a mais leve rebeldia dos escritores.

seus poemas sem autorização da censura. Tintui nem ao menos era um poeta social, era um lírico e em dois poemas condenados chamava-se "O Passarinho". Não aguentou a perseguição, acabou emigrando para a Bahia.

Alvaro Lins escreveu certa vez um comentário sobre alimentação. Dois investigadores agarraram-no horas depois em sua casa, em Olinda. Tinha praticado grave infração contra o programa dietético do Estado, disseram caridosamente, antes de fecharem a porta das grades nas costas dele. Seis dias na cadeia passou o nosso redator que, em nome dos companheiros, num jantar, no Automóvel Clube, ousera saudar Aníbal Fernandes quando ele completou 30 anos de serviço neste jornal. Aníbal Fernandes não era "pessoa grata". Uma das maiores figuras literárias do Brasil, o grande poeta Joaquim Cardoso, foi expulso do Recife como um indesejável.



de um Cardoso que morreu aos 21 anos, por sinal irmão do grande Joaquim, e grande poeta, amigos. O Aderbal Jurema, com aquela gravata lavallana, mas completamente enfático parecia o São José do Salão ao lado do poeta "do Gramofone" e do pintor Hélio Feijó. Enquanto isso me apontaram, de longe, uma jovem, mal saída da adolescência, com a responsabilidade pelas melhores ilustrações ali expostas — E de Nazareth da Mata, ex-professora e agora no Salão de Poesia, brilhando, amigos, como se fosse uma Noémia ou um Santa Rosa já feitos, comentou um "fui" da jovem musa nazarena.

Tem razão os rapazes que tiveram a audácia de organizar o Salão de Poesia. Tem razão Mauro Mota com o seu soneto "As Mãos". Tem razão Edson Régis com os seus belíssimos poemas. Tem razão o velho Odilon com a sua fidelidade conmovedora às musas de sua terra. Tem razão essa estranha e desconhecida Angela Delouche. Tem razão o sr. Filho de Oliveira, autor de uma série de retratos de poetas conhecidos. Tem razão uma jovem expositora de 7 anos quando diz que nem o sol e nem a lua valem a sua janéla, porque, amigos, nem o Banco de Londres, nem Wall Street, nem mesmo o Kremlin com o pão de açúcar de contrabando valem o Primeiro Salão de Poesia do Recife! Mas vamos ver, amigos, como se portaram os suplementos e propósito do Salão.

a se ocupar da Poesia brasileira, de suas tendências, de suas escolas e dos seus estilos.

O poeta Murilo Mendes enviou ao escritor Luiz Delgado a mensagem de exaltação à Poesia e ao Salão.

O Salão, que foi o primeiro do mundo, marcou uma época na Província. Está, desde já, obrigado a falar neste certame o historiador da literatura pernambucana, quando, amanhã, tiver de situar os nossos movimentos poéticos. A menos que esse historiador seja um caturra, para quem ou a Poesia é a sua caturrisa ou não é Poesia...

("Folha da Manhã", 17-X-1948).

A opinião do sr. J. C. Araújo, responsável pela secção "Revista dos Suplementos", do "Jornal do Commercio":

Até que enfim, amigos, fui ao Salão, Encontrei o "hall" do Gabinete Português de Leitura com um ar de casa de pobre quando se batiza o primeiro filho. Que alegria, amigos, nos semblantes dos poetas que organizaram o tal. O Carlos Moreira abrindo-se em gentilezas para todos os visitantes, amigos, quasi que me pegava pelo braço para me mostrar os versos

de um Cardoso que morreu aos 21 anos, por sinal irmão do grande Joaquim, e grande poeta, amigos. O Aderbal Jurema, com aquela gravata lavallana, mas completamente enfático parecia o São José do Salão ao lado do poeta "do Gramofone" e do pintor Hélio Feijó. Enquanto isso me apontaram, de longe, uma jovem, mal saída da adolescência, com a responsabilidade pelas melhores ilustrações ali expostas — E de Nazareth da Mata, ex-professora e agora no Salão de Poesia, brilhando, amigos, como se fosse uma Noémia ou um Santa Rosa já feitos, comentou um "fui" da jovem musa nazarena.

Tem razão os rapazes que tiveram a audácia de organizar o Salão de Poesia. Tem razão Mauro Mota com o seu soneto "As Mãos". Tem razão Edson Régis com os seus belíssimos poemas. Tem razão o velho Odilon com a sua fidelidade conmovedora às musas de sua terra. Tem razão essa estranha e desconhecida Angela Delouche. Tem razão o sr. Filho de Oliveira, autor de uma série de retratos de poetas conhecidos. Tem razão uma jovem expositora de 7 anos quando diz que nem o sol e nem a lua valem a sua janéla, porque, amigos, nem o Banco de Londres, nem Wall Street, nem mesmo o Kremlin com o pão de açúcar de contrabando valem o Primeiro Salão de Poesia do Recife! Mas vamos ver, amigos, como se portaram os suplementos e propósito do Salão.

("J. do Commercio", 3-X-1948)

As citações dos casos cancelam o leitor e ultrapassariam os limites desta secção. Mesmo porque o que pretendemos é defender-nos contra as ditaduras, venham elas de onde vierem. Porque, venham elas de onde vierem, só poriam a sua base no esmagamento da inteligência, da cultura e da sensibilidade humanas. Temos um exemplo doloroso e bem recente.

O Primeiro Salão de Poesia tem assim um sentido que é motivo de orgulho para todos nós. Representa no Recife a primeira manifestação em conjunto da recuperação da nossa liberdade de pensar, sentir e dizer. Manifestação sem ódio e sem ironia: a doce e eterna poesia voando, como o passarinho de Tintui, sobre a cova da força que pretendem aniquilá-la.

("Diário de Pernambuco", 26-9-1948)

No dia da inauguração do Salão, o escritor Luiz Delgado escreveu em Notas avulsas sobre o fato:

O Salão de Poesia que se inaugura hoje nesta cidade é a dois passos desta redação, não é coisa que deva passar despercebida. Ele é um símbolo, evidentemente. Basta ver o interesse com que se fala de, com que o aguardam todos — não só os poetas que vão expor os seus poemas, senão também os simples curiosos, os que irão apenas ler ou olhar o que os outros escreveram.

A sugestão, lançada, talvez, a título de brincadeira, encontrou quem a louvasse e efetivasse. E logo surgiram as adesões, vindas de todas as partes e de todos os meios. Vieram os nomes ilustres cuja presença vale por um apadrinhamento da glória — Manuel Bandeira ou Carlos Drummond, por exemplo. Vieram os novos nomes que estão abrindo caminho para ser a representação da literatura de amanhã. Vieram ainda os nomes inteiramente desconhecidos e que vão ter assim um primeiro contacto com o público. Vieram todos.

Uma leitura feita nas condições especiais que a natureza da exposição vai exigir, não garantirá — é claro — a permanência de tantos poetas na memória dos visitantes. Provavelmente andará disseminado no ar esse espírito de crítica e de irreverência com que os literatos em geral se tratam uns aos outros — e isso não facilitará as revelações.

Mas, o sentido do Salão creio que seja outro: é de uma afirmação de idealismo. Não um individualismo só, mas um grande grupo deles aparecem diante da população dizendo que creem no esforço desinteressado com que o espírito humano se transcende e se alarga, afirmando-se na procura da beleza e na expressão de seus abismos interiores. Pouco importam as duras tarefas da vida: há também o sonho. Pouco importam os

(Continua na pág. 12)



O prof. Odilon Nestor visitou o Salão de Poesia, onde foi recebido pelos expositores Ladjane, Hélio Feijó, Mauro Mota, Aderbal Jurema, El cardo Cunha, Carlos Moreira, Mariano Lemos e jornalistas Luiz Nascimento e Tenório de Cerqueira

AS INDÚSTRIAS PEIXE

de CARLOS DE BRITO & Cia.

*desejam aos seus fregueses
e amigos do Nordeste*

FELIZ NATAL

- e -

PRÓSPERO ANO NOVO

A "REVISTA DA ACADEMIA PARAIBANA DE LETRAS" E O SALÃO DE POESIA

No seu número de outubro do corrente ano, a "Revista da Academia Paraibana de Letras" publicou um editorial de apoio ao I Salão de Poesia do Recife, do qual destacamos os seguintes trechos:

Obteve o mais entusiástico sucesso a realização, na metrópole pernambucana, de um certame inédito para o gosto artístico da gente nordestina. Foi o PRIMEIRO SALÃO DE POESIA, ideado pelo poeta Carlos Moreira e levado a efeito pela brilhante Revista NORDESTE, com o apoio de "Região" e da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife".

"A realização de NORDESTE obteve um sucesso sem precedentes, notando-se o interesse não somente das classes cultas, mas do povo em geral que ali compareceu para aplaudir, sem restrições, o PRIMEIRO SALÃO DE POESIA DO RECIFE e seus promovedores".

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Literatura - Livros escolares, técnicos e científicos

Livraria da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua da Imperatriz, 43 — Telefone 2726

Atendemos pelo Serviço de Reembolso

RECIFE — PERNAMBUCO



Rua do Sossêgo
dos meus dias sossegados,
das doces cantigas de roda,
das noites de lua clara,
das conversas na calçada,
dos namoros no escuro
que findaram em casamento,
dos cochichos, dos segredos
que preocupavam as mocinhas,
dos quitutes saborosos
feitos pela minha avó.

Rua do Sossêgo
dos valentões da Aldeia,
da Aldeia do 14,
dos clubes carnavalescos
Destemido e Vencedor,
da bravura discutível
do velho cabo Ribeiro,
da mangueira secular
retalhada friamente
por ordem não sei de quem
quando a rua quis calçar.

Rua do Sossêgo
da velha cocheira do Agra
com seus carros de cavalo,

com seus cocheiros de fraque,
da maxambomba apitando,
quando passava na esquina,
da meninada a furtar
no sítio, frutos maduros,
a correr pela campina
perseguido tanajuras,

Rua do Sossêgo
das minhas estouvanças,
dos meus dias de estudante,
das danças, dos "assustados",
dos meus amores ingênuos,
das noites de serenata.

Rua do Sossêgo
modesta e desajeitada
dos tempos que longe vão,
com seus lampões à gaz,
com suas casas antigas,
com seus tipos populares,
com seu verde capinzal,
com seus moleques vadios,
com seus cães ladrando à luz,
era uma paisagem poética,
era bem a poesia,
no meio das outras ruas.



SALÃO DE ARTE MODERNA

O Diretório Acadêmico de Direito e a Sociedade de Arte Moderna do Recife vão realizar, num dos salões da Faculdade de Direito, uma exposição de arte moderna, no dia 18 de dezembro deste ano. Tomarão parte no salão, pintores, desenhistas, escultores, arquitetos, fotógrafos etc. Entre outros já estão inscritos os artistas Lula Cardoso Ayres, Francisco Brumand, Hélio, Feljó, Abelardo Alhora, Ladjane, Aloisio Magalhães, Bersin, Augusto Reinaldo, Eros Martin Gonçalves e Zuleno Pessa.

The Great Western Of Railway Company Limited.

SERVIÇOS DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excedentes de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dobro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verifique se suas bagagens estão dísticas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os dísticos usados.

A falta de dísticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

Tomar o Trem em Movimento é Perigoso
COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, 1948.

A ADMINISTRAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO AO ROMANCEIRO NACIONAL

HELIO GALVÃO

— Casa! Vossa filha,
Que eu serei o vigário.

O que belo, ó que bom,
Vigário já temos;
Só falta o feijão,
Daonde éle vem?

Respondeu o grilo
De dentro do chão:
Eu darei o feijão.

O que belo, ó que bom,
Feijão nós já temos;
Só falta o arroz;
Daonde éle vem?

Respondeu o tico-tico;
— Si fór pra nós dois
Casa! Vossa filha
que eu darei o arroz.

Milho em lugar de gorgulho.
E como festa de negro,
Sempre se acaba em barulho.

Trata-se de um tema peninsular. Rodriguez Marin (11) publica **O Casamento do Polho e da Pulga**, que começa assim:

La purga y el piojo se quieren casar
por falta de trigo no lo han hecho ya
Arrurín, que del arma'run-run.

Salió una formiga de su formigá:
— Haga-se la boda, yo daré un costá, etc.

No México é abundante. Nunca apenas sente-se a necessidade do padre, que é substituído pela coruja:

El piojo y la pulga se quieren casar,
no se hacen las bodas por falta de pan:
responde el gorgojo desde el gorgojal:
— Tágan-se las bodas, que yo doy el pan.

Bendito sea Dios, que todo tenemos,
Solo tocadores, quién sabe qué haremos.
Responde el zorrillo desde al zorrillal:
— Que se hagan las bodas, que yo iré guisar.

Bendito sea Dios, que todo tenemos,
Solo cantadores, quién sabe qué haremos.
Responde el sapito desde su sapal:
— Que se hágan las bodas, que yo iré tocar.

Bendito sea Dios, que todo tenemos,
solo cantadores, quién sabe qué haremos.
Responde la rana desde su ranal:
— Que se hagan las bodas, que yo iré cantar.

Bendito sea Dios, que todo tenemos,
Solo bailarones quién sabe qué haremos.
Responde el grillito, desde su grillal:
— Que se hagan las bodas, que yo iré a bailar.

Bendito sea Dios, que todo tenemos,
solo del currita quién sabe qué haremos.
Ostá la locuza desde el techuzal:
— Que se hagan las bodas, yo voy a casar.

Bendito sea Dios, que todo tenemos,
solo de casita quién sabe qué haremos,
reconheciam todos, afinal, que seus intuitos eram os mais nobres, os mais elevados".
— Que se hagan las bodas, que yo iré a techar.
Bendito sea Dios, que todo tenemos,
solo de techito quién sabe qué haremos.
Responde el zacate desde el zacatal:
Que se hagan las bodas, que yo iré a cercar.
— Responde el tarrito desde su tarral:
Bendito sea Dios, que todo tenemos,
e todos muy juntos aqui viviremos (12).

5. A MOÇA TENTADA

Este romance é bastante conhecido. A versão que damos adiante provem de Sumaré, município de Goiânia. O erudito Alberto Faria, firmando-se em Edgar Tylor, vislumbra um longínquo fundo religioso, "asserção que pode parecer temerária, mas merece estudada". (13) Filia-se esta Relação ao ciclo das mouras em Portugal. Note-se o caráter aglutinante, precisamente o inverso do romance da *Ninhada do Velho*.

As demais versões, como a espanhola, tem final comum: no casamento tomam parte ratos, gatos, etc. E de prever que não acabam bem... Numa versão estrofiada que possuímos, procedente do Estado da Parahyba, o final é também assim:

No dia do casamento
Chegou duas corre-campo
Uma jararaca-açu ficou por ali de espiã
Pode pegar dona já.
— Olhem que festa sem gosto,
Sem brilho, sem poesia.

Danou-se a mãe da noiva,
Não teve quem mais a visse,
O noivo e os convidados,
Por feliz se escapuliram

Festa de sapo em barreiro,
Estava a moça em seu lugar,
Veio a mosca lhe atentar,
E a mosca na moça, e a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Tava a mosca em seu lugar,

Veio a aranha lhe atentar.
E a aranha na mosca, e a mosca na moça,
e a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Tava a aranha em seu lugar,
Veio a barata lhe atentar,
E a barata na aranha, e a aranha na mosca,
e a mosca na moça,
E a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Tava a barata em seu lugar,
Veio o grilo lhe atentar,
E o grilo na barata, e a barata na aranha,
e a aranha na mosca,
E a moça na moça, e a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Tava o grilo em seu lugar,
Veio o rato lhe atentar,
E o rato no grilo, e o grilo na barata,
E a barata na aranha,
E a aranha na mosca, e a mosca na moça,
e a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Tava o rato em seu lugar,
Veio o gato lhe atentar,
E o gato no rato, e o rato no grilo,
e o grilo na barata,
E a barata na aranha, e a aranha na mosca,
e a mosca na moça,
e a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Tava o gato em seu lugar,
Veio o cachorro lhe atentar,
E o cachorro no gato, e o gato no rato,
e o rato no grilo,
E o grilo na barata, e a barata na aranha,
e a aranha na mosca,
E a mosca na moça, e a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Tava o cachorro em seu lugar,
Veio a onça lhe atentar,
E a onça no cachorro, e o cachorro no gato,
e o gato no rato,
E o rato no grilo, e o grilo na barata,
e a barata na aranha,
E a aranha na mosca, e a mosca na moça,
e a moça namora,
Só eu não posso namorar.
Tava a onça em seu lugar.

Veio o homem lhe atentar,
E o homem na onça, e a onça no cachorro,
e o cachorro no gato.

E o gato no rato, e o rato no grilo,
e o grilo na barata,
E a barata na aranha, e a aranha na mosca,
e a mosca na moça,
E a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Tava o homem em seu lugar,
Veio o diabo lhe atentar,
E o diabo no homem, e o homem na onça,
e a onça no cachorro,
E o cachorro no gato, e o gato no rato,

e o rato no grilo,
E o grilo na barata, e a barata na aranha,
e a aranha na mosca,
E a mosca na moça, e a moça namora,
Só eu não posso namorar.

Procedente do Vale do México o prof. Mendonça registou a **Relação da Rã** de que transcrevemos o princípio e o fim:

Estaba la rana cantando debaixo del agua
Quando la rana se puso a cantar,
Vino la mosca y la hizo calar.

Callaba el hombre al cuchillo, el cuchillo al
(toro, el toro al agua,
el agua al fuego, el fuego al palo, el palo
(al perro,
el perro al gato, el gato al ratón, el ratón
(a la araña,
la araña a la mosca, la mosca a la rana,
que estaba cantando debajo del agua;
quando el hombre se puso a cantar
vino su suegra y la hizo callar (14).

LINDA PASTORINHA

Este romance português tem um aspecto brasileiro. Um casal de crianças, perdendo seus pais, ficou ao desamparo. O menino emigrou para o Brasil, onde o acolheu um tio, comerciante abastado. A menina abrigou-se em casa de uma tia pobre, que pouco depois faleceu. Procurou então a menina viver de seu próprio trabalho e empre-

gou-se como pastora na casa de um lavrador. Homem e já afortunado, o irmão regressou a Portugal, onde inteirou-se do paradeiro da irmã. O lavrador informou-lhe tratar-se de uma rapariga honesta, de costumes irrepreensíveis. Manifestou o rapaz o desejo de falar com a irmã mesmo no campo. O lavrador advertiu-lhe:

— Vá, mas diga-lhe quem é, porque do contrário ela não lhe dará atenção.

— Aposto que não.

Feita a aposta, a xácara nos diz quem ganhou.

Este romance é o mais atual de quantos Portugal nos mandou. Ainda hoje faz parte integrante dos festivais populares que sob a designação generica de **dramas** são levados a efeito no interior no encerramento das aulas ou em benefício de igrejas e obras assistenciais. Vão duas versões, a primeira de Pedro Velho e a gúndia de Goiânia. A seguir transcrevo para cotejo a versão portuguesa.

- a)
- ELE — Bela Pastorinha
Que fazes aí?
 - ELA — Pastorando o gado
Para não fugir.
 - ELE — Tão gentil menina
Pastorando o gado...
 - ELA — Já nasci, senhor,
Para tão triste fado.
 - ELE — Queira ir comigo
Que tudo te darei
Tudo quanto é meu
em meu palácio rei,
Tudo será teu
Si vieres comigo
Vamos, ó menina,
Vamos sem perigo.

ELA — O que estás dizendo
Não posso entender
Deixa-me, senhor,
O gado recolher.

ELE — Vai buscar teu gado
Pelo campo a fora
Fica-te com Deus
Que eu já vou embora.

ELA — Não, senhor, não ides,
Vamos ao sofrer,
Não posso ver calma
Ninguém padecer.

Escuta primeiro
E diz correndo
Que o amor é sério
E ainda vai tendendo.

ELE — Ficarei, ó Rosa,
Sem qualquer intenção,
Beijo-te, querida,
Que sou teu irmão.

b)

ELE — Bela Pastorinha
Que fazes aí?

ELA — Pastorando o gado
Que estou vendo ali.
ELE — Tão gentil menina
Pastorando gado...

ELA — Já nasci, senhor,
Para cumprir este fado.

ELE — Vá embora, moça
Que eu pastoro o gado
Com muito prazer
Serei seu criado.

ELA — Criado tão nobre
De roupas assim
Que meia de seda
Não é para mim.

ELE — Como és mulher
De meias de seda,
Olha não te rasgues
Aqui neste rochedo.

ELA — Vá embora, moço,
Não me dê tormento
Não quero mais vê-lo
Nem por pensamento.

ELE — Se vieres comigo
Tudo te darei,
Tudo quanto eu tenho
Em meu palácio rei.

Tudo será teu,
Si vieres comigo,
Vamos, ó menina,
Vamos sem perigo.

Como és mulher
De roupas assim,
Conta o teu segredo
Somente a mim.

ELA — Rapaz atrevido
Não repita mais,
Conta meu segredo
Mas não a rapaz.

ELE — Como és mulher,
Tão impertinente,

A EUROPA E O TOURO

Quando o Anjo da Anunciação, para longe lançando a flamejante espada, poisou, aturdido, junto Aquela que foi o "vazo honorífico" do Fruto, a grande flor humana, mais divina que humana inclinou-se toda na sua frágil haste.

No entanto, o Anunciador, tomando-a entre as mãos. — Ave! disse, e fecundou-a com o hálito, como o vento fecunda suas irmãs emersas do seio da terra imatura. E eu Te digo: — Ave! ó Tu que me levaste pela mão do meu anjo da guarda, e por muitos anos a fio, sobre os dois continentes e por debaixo das tempestades, e me has de preservar das ciladas do Atomo, como do touro ensanguentado da Europa dividida, — eu Te peço que a Terra, outra vez, reassucites, nos seus antigos loureiros e seus antigos roseirais, com as suas rosas languidamente inclinadas, onde as virgens tomadas do vão desejo de amar, recebam, desarmadas, os Anjos e os guerreiros.

Matheos de Lima



TRENO PARA MAURO MOTA

Dói-me na lembrança
no acalanto do cais
a lembrança do Recife
onde triste, a criança
que eu fui, chorava
como nunca e jamais.

Dói-me na lembrança
o oceano ao largo
de onde vim daí
para um outro além
no céu fundido ao mar.

Dói-me na lembrança
o ancoradouro que fugia,
da moça a lembrança
estufada, acenando
nos olhos da criança.

Sinto em mim Recife
dos meus douze anos
onde minha infância
morreu, no lenço azul
da moça que ficou
doendo na lembrança.

Fernando Ferreira de Loanda

Caboclinhos — desenho de Eros
Martim Gonçalves, que está
expondo no salão nobre do
Teatro Santa Isabel cerca de
90 desenhos e guaches muito
bem recebidos pela critica.



Benéficos efeitos da Intervenção

No Sindicato dos Trabalhadores de Fiação e Tecelagem de Paulista e Igaracú, de Pernambuco

A regularidade e boa marcha da situação econômico-financeira das associações classificadas em geral, e de se congregarem os dignos trabalhadores brasileiros para a defesa dos seus interesses, constituem motivos de mais cuidadosa atenção das autoridades trabalhistas, que representam o Ministério do Trabalho nos vários Estados do país.

Um salutar testemunho desses cuidados se resumiu na atitude do atual delegado regional do Trabalho, jornalista Antônio Freire, que, no recomendável propósito de tomar conhecimento da vida administrativa dos Sindicatos que funcionam naquele próspero Estado nordestino, dirigiu um ofício-circular a todos os presidentes daquelas organizações, requerendo informações detalhadas sobre a posição econômico-financeira de cada uma delas, determinando, ainda, que sejam prestados esclareci-

mentos mensais aos respectivos associados, a respeito de tudo que se relacione com a receita e despesa sociais.

Como é fácil de supor, essa providência representa evidente prova do interesse manifestado pelo delegado regional do Trabalho em Recife, no sentido de colaborar eficientemente para o desenvolvimento progressivo das classes trabalhistas do seu Estado.

Há um certo número de Sindicatos que, nem sempre, são administrados com o necessário zelo e com a devida firmeza de organização, deixando suas diretorias de prestar contas satisfatórias aos seus legítimos donos, neste caso, os associados, para o que concorre a ação criminosa e infiltradora de certos elementos vermelhos, que se há infelizmente em todos os recantos, e que manobram-se incessantemente nas administrações às vezes incautas das entidades, com o preconcebido intuito de

fomentar confusões.

Contudo, outros Sindicatos existem que não se deixam levar pelo perturbador "canto do ciano" dos agitadores inscrupulosos e cujas diretorias sempre sobejas proporcionam moralizadores exemplos de dedicação e sinceridade, na defesa dos interesses dos que compõem as organizações entregues à sua honrada administração.

Entre as entidades incluídas no rol das que foram aqui hodiadas por uma diretoria honesta e devotada, é justo que se destaque o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Paulista e Igaracú, em Pernambuco hoje sob a super-visão direta do Ministério do Trabalho, representado por um dos seus funcionários lotados na Delegacia Regional daquele Estado.

Logo ao assumir a direção desse Sindicato, em 30 de setembro de 1947, há pouco mais de um ano, o sr. Haroldo Veloso

Furtado se viu a braços com uma penosa situação deficitária, encontrando o Sindicato, sem disponibilidade financeira que pudesse fazer frente ao custeio normal das suas obrigações sociais e, mesmo, às despesas ordinárias de sua rotina administrativa. A receita daquela organização classista subia apenas a cerca de 29 mil cruzeiros mensais, quantia logicamente insuficiente para as necessidades das indispensáveis da entidade.

Entretanto, o sr. Haroldo Veloso Furtado não cruzou os braços e iniciou enérgica campanha de restauração. Começou por livrar o Sindicato das influências perniciosas da política que ali imperava, propiciando traço-fraçante o seu desenvolvimento. Obtendo o melhor sucesso em suas medidas saneadoras, o sr. Furtado se viu imediatamente apoiado moralmente pela empresa empregadora, além de contar com a incondicional solidariedade dos trabalhadores.

Incentivando os seus bem intencionados esforços, o atual dirigente do Sindicato dos Trabalhadores de Paulista e Igaracú promoveu uma campanha eficaz para a aquisição de novos associados, conseguindo aumentar o seu quadro social de alguns milhares de novos membros, o que elevou a receita mensal orçamentária a 30 mil cruzeiros, repen-

E NÍVIA E ELVIRA

Elvira era impura
E Nívia era pura
— A pura e a impura

E Nívia era olhos
era mãos e cabelos
Elvira era boca
era coxas e boca
morena madura e longa e esguia
E Nívia era leite
e verde o maillot
Elvira era chá
e branco o maillot.
E Nívia era fria
Elvira aquecia
De Nívia as mãos gelavam minhas mãos
As cartas de Elvira subiam e desciam meu corpo faminto

Porém agora vos digo
que muitas vezes em Nívia
Elvira acontecia

Rodolfo Maria de Rangel Moreira

assim, o Sindicato em nível de merecido conceito.

Decorrido agora um ano de sua benéfica administração à frente dos destinos daquela conceituada instituição classista, o sr. Haroldo Veloso Furtado, em resposta ao ofício-circular do sr. delegado regional do Tra-

PAULISTA, 16 de outubro de 1948.
OF. N.º 82/48.
REF. — Sa. DRT — OF. Circular n.º 4.510, de 5-10-48.

Sr. Delegado:
Acuso o recebimento da vossa circular acima referenciada, a cujo conteúdo — que mereceu toda a minha atenção — venho dar resposta.

O fato de ter este Sindicato relações diretas com a Companhia de Tecidos Paulista, por cujo intermédio são cobradas as mensalidades dos seus associados, e com o Banco do Brasil, onde são as mesmas depositadas por transferência de fundos, implica em que somente nos meados de cada mês, tenhamos em mãos os elementos contábeis indispensáveis ao encerramento do balancete do mês anterior. Dai, o motivo da demora em responder à citada circular, visto como era do meu empenho, prestar-vos informações claras, minuciosas e definitivas em torno da situação econômico-financeira deste Sindicato.

Assim, ao assumir as minhas funções, em setembro de 1947, o Sindicato dos Trabalhadores de Paulista dispunha dos seguintes recursos financeiros:

Saldo em caixa:

Em vales	258,20	261,60
Em vales	258,20	261,00

Saldo em bancos:

No Banco do Brasil	722,60	
No Banco Com. e Indústria	15,00	
No Banco Aux. do Trabalho	100,70	838,30

Saldo na Cia. Tecidos Paulista:

Mensalidades de setembro

Total	Cr\$ 30.251,90
-------------	----------------

Tais disponibilidades destinavam-se a atender a obrigações a pagar, na praça, no total de Cr\$ 36.869,90, além de contas em cartórios desta cidade e da fôlha do funcionalismo. Era, pois, uma situação financeiramente deficitária.

Obedecendo a instruções do então delegado regional do Trabalho, mandei levantar o acervo do Sindicato, e, em virtude da grande deficiência encontrada na sua escrituração e contabilidade — pois que até o livro principal, o DIÁRIO, foi extraviado — resolvi iniciar uma escrituração nova, com a transposição, apenas, dos saldos, das contas patrimoniais, encerrando um balanço geral em 31 de dezembro do mesmo ano de 1947, que foi submetido a essa Delegacia no tempo hábil.

Como se verifica desse balanço, a receita do Sindicato nos três meses de 1947 — outubro, novembro e dezembro — foi a seguinte:

Mensalidades	118.860,00	
Carteiras Sindicais	2.910,00	
Juros de Depósitos	136,20	121.906,20

Por sua vez a despesa fixou-se nas seguintes cifras:

Assistência e prev. social	19.607,40	
Diversas outras despesas orçamentárias	74.050,40	
Valor transferido para o Fundo Patrimonial	28.248,40	121.906,20

Com referência ao atual exercício social iniciado em janeiro do corrente ano, estou remetendo inclusos, um balancete de verificação da "RAZÃO" pelo qual se verifica um movimento global apreciável, até 30 de setembro último, no total de Cr\$ 2.890.590,00 e o balancete do "RAZÃO" de ativo e passivo, apresentando os saldos das diversas contas, no montante de Cr\$ 1.531.927,30.

Por esse balancete de ativo e passivo se constata, que a situação financeira do Sindicato em 30 de setembro último, — precisamente do primeiro aniversário da atual administração — é bem diferente daquela acima demonstrada, visto como, dispondo de SALDOS DISPONÍVEIS e créditos no total de Cr\$ 26.110,50, com o funcio-

nalismo em dia, o Sindicato tem de obrigações a pagar, na mesma data, a quantia de Cr\$ 23.936,50, ou sejam, aproximadamente, 27,80% das suas disponibilidades.

No que respeite à autorização e realização das despesas, a atual administração tem se empenhado vivamente em comprimi-las, dando-lhes as aplicações e finalidades rigorosamente previstas nos orçamentos. As verbas destinadas a pessoal, por exemplo, eram englobadas anteriormente, nas contas de Assistência Médica, Dentária, Judiciária, Escola de Alfabetização, cujos totais se avolumavam de mês a mês, dando aos associados, uma impressão menos exata da eficiência e vulto de tal assistência, prática tanto mais injustificável, quanto existe nas previsões orçamentárias os títulos de honorários, ordenados, gratificações, etc. Essa praxe foi abolida na atual administração, de maneira que, os saldos apresentados pelas contas dos serviços de assistência social, representam o consumo de medicamentos, drogas, produtos farmacêuticos e odontológicos, leite, açúcar para as crianças assistidas, farmamentos para escolares, despesas com registros de nascimento de filhos de associados, custas de distribuição de processos trabalhistas, etc. Os honorários, ordenados, gratificações, férias e outros ônus de pessoal, destinados a remunerar o corpo médico-odontológico, dentário, advogados, professores, contador, funcionários, enfermeiros e outros serventuários, aparecem nas suas próprias rubricas, para que os associados tenham o conhecimento exato da aplicação da receita social. Como se vê do referido balancete, o custo dos serviços de assistência e previdência sociais atingiu, em 30 de setembro, à soma de Cr\$ 115.019,10, equivalente a cerca de 37% da despesa até agora realizada.

Borçando estes ligeiros comentários em torno da situação econômico-financeira do Sindicato dos Trabalhadores de Paulista, submeto à vossa apreciação os documentos em anexo, na expectativa de que, por essa forma, haja atendido na medida dos vossos desejos, às determinações da Circular supra referida.

Sirvo-me da oportunidade para apresentar-vos as minhas mui atenciosas saudações.

HAROLDO VELOSO FURTADO
Interventor

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE PAULISTA E IGARACÚ

Balancete do "RAZÃO" em 30 de setembro de 1948

Ativo			
CONTAS DISPONÍVEIS			
Caixa:	Parcial	Total	
Saldo nesta data	3.190,00		
Banco do Brasil c/ sem limite		36,50	
Idem, idem		75.900,00	78.226,50
Banco do Brasil c/ Imp. Sindical			
Idem, idem			
EXIGÍVEL			
Cia. de Tecidos Paulista			
Saldo das mensalidades d/ mês		7.891,00	
FIXO			
Imóvel			
Valor da Sede social	644.643,80		
Mobiliário & Instalações			
Valor existente	349.874,90		
Biblioteca			
Idem, idem	2.717,50		
Títulos de Capitalização			
Saldo desta conta	57.654,00	1.054.890,20	
CIRCULANTE			
Aimoxarifado			
Valor existente		23.533,60	
DE RESULTADO			
Previdência Social			
Quota do Sindicato ao IAP	4.692,00		
Assistência Médico-Dentária			
Drogas, medicamentos, leite, etc.	93.495,50		
Assistência Judiciária			

Despesas em Juízo, e		Passivo	
		Contas	Somas
		Parcial	Total
Cartórios	13.343,30		
Escola de Alfabetização	2.523,30		
Auxílios diversos (Associados)	1.185,00		
Condução & Transporte	9.097,60		
Despesas Diversas	10.656,10		
Selos & Estampilhas	185,80		
Assinaturas de Jornais e Revistas	703,40		
Artigos de Expediente	15.463,50		
Conservação	1.150,00		
Telegramas & Portes	202,50		
Publicidade (Diário Trabalhista)	3.150,00		
Honorários (4 médicos, 2 advogados, 1 contador, 1 cirurgião-dentista e 3 professores)	87.590,00		
Ordenados (Funcionários, enfermeiros e vigias)	88.831,40		
Gratificações Diversas (Avulsos)	7.432,50		
Gratificação à Diretoria: Secretário e Tesoureiro	6.800,00		
Representação (Pro-labore do Interventor)	5.750,00		
Férias	900,00		
Indenização (Func. demitidos)	3.070,00		
Federação (Quota s/ Imp. Sindical)	31.451,10	387.393,00	
			1.551.927,30

Paulista, 30 de setembro de 1948.

HAROLDO VELOSO FURTADO
Interventor

PAULO TRAVASSOS SARINIH
Contabilista, Reg. 22.794

O POETA ISRAEL E O SALÃO

No suplemento literário da "Fôlha da Manhã", o seu redator principal, sr. Nilo Pereira, escreveu a seguinte nota sobre a morte do poeta Israel Fonseca, ocorrida no dia do encerramento do I Salão de Poesia do Recife:

CANTO N.º 1

Fica tão longe o Recife!
Enfrentando em vos contemplo
Os rostos sujos de pó
E as mãos crispadas em ódio.

Meus camaradas da Itália,
Nossas vidas tão iguais!

Sais à rua gritando
Bradando contra a opressão?
Na cidade do Recife
Há milhares como vós,
Prontos a dar-vos as mãos

Para a dança, para a ronda
Sobre as cidades da terra,
Sobre os recantos do mundo,
Como crenças e irmãos!

Meus camaradas de luta,
Meus camaradas de amor!
Tombais varrados à baía?
Tinjis o solo de sangue?
Meus camaradas, avante!
Não tenhas nenhum pavor!

Na cidade do Recife,
Numa das partes do mundo,
Num imenso, amor profundo —
Nós sentimos vossa dor!

Waldemar das Chagas

QUASE na mesma hora em que era encerrado o I Salão de Poesia, falecia o poeta Israel Fonseca. Ali mesmo, no Salão, conversando com Araújo Filho e com José Carlos Cavalcanti Borges, falávamos em ajudar ao poeta doente; e a guisa coisa de concreto foi lançado a esse respeito, Araújo Filho, seu irmão pela arte, tendo declarado que, no seu esboço havia dado início a um plano de ajuda imediata a Israel. No momento em que dizíamos essas coisas (José Carlos estava grandemente impressionado com a triste sorte do poeta Israel preparava-se para a longa viagem. Todos nos sentíamos jubilosos com o êxito do I Salão de Poesia; e, naquele instante um poeta agonizava. Com o Salão encerrava-se também uma vida poética, intensamente vivida. Dir-se-ia que Israel Fonseca esperava apenas que o I Salão de Poesia do mundo fechasse suas portas de vai-e-vem (a feliz expressão é de Aderbal Jurema para ir-se embora, cansado um pouco da terra e dos homens decepção e mal ferido. O poeta, no seu leito de agonias, deve ter sentido na sua alma a forte emoção criadora que vinha do Salão; e, nos seus colóquios com Deus (quem os poderá negar) os poetas e os santos) com certeza que pediu para se sentir os olhos quando seus irmãos de arte encerrassem a exposição dos seus versos. E tudo foi uma coincidência estranha — uma poeta escapando-se da vida quando a Poesia renatava, no Recife, um dos seus mais belos e mais expressivos ciclos sentimentais.

Em tudo isso há apenas uma aparência de morte: porque nem a Poesia morreu ao findar o Salão, nem Israel desapareceu ao fechar os olhos à vida. Ficou de tudo isso u'na mensagem universal de fraternidade e de beleza, que torna os homens impercíveis.

Sobre o corpo fri do poeta ficamos todos a pensar quanto a ilusão, quanto devaneio, quanto sonho aqueles olhos negros e profundos viveram. Foi uma alma encantadora, esse poeta que se chamou Israel Fonseca. Era simples e ingênuo; e tinha uma candura quase angelical. A arte lhe deu uma indolência quase suprema diante das coisas do mundo. Seu mundo, justo e ímpeto, era o da sua alma, tocada de um lirismo doce e enternecido.

Poetas, se olharem bem o céu, vereis que uma nova estrela brilha nestas noites dos trópicos. Somente vós, poetas, que sabeis ler o infinito livro, podéis dizer onde está essa estrela que não aparece apenas quando uma virgem morre, mas também quando morrem os poetas. Se das mãos dos poetas sai uma luz (recordai o poema de Jorge de Lima), que não sairá da alma dos poetas? Da alma dos poetas sai uma estrela.

Israel, como ocorreu a Pedro Nave, o admirável biscaiteiro não escreveu um poema sobre o "Defunto", não disse como queria fazer a longa viagem, como queria que lhe pusessem as mãos, que sapatos lhe dessem a usar para a caminhada eterna que roupa lhe vestissem, que gravata lhe botassem no pescoço. E não o fez porque — imaginamos todos — se fosse perdoado a esse poeta acolher sua indumentária fúnebre, seria o hábito de São Francisco em que teria preferido envolver corpo e alma sob chagas dolorosas e ternuras divinas. — N. P.

As informações secretas indicavam que os conspiradores desenvolviam uma febril atividade subterrânea. O tumulto ocorrido no Fórum era disso prova inquietante. Tornava-se oportuno agir com energia e rapidez.

Depois de deliberar com o cônsul Agripa, o cavaleiro Mecenas, encarregado por César Otaviano do governo de Roma, mandou chamar o tribuno militar Columela, comandante da guarda urbana, e deu-lhe ordem de prender o jovem Marco Lépido e os chefes da conspiração conhecidos de sua espionagem. Ao mesmo tempo enviava o libertino Meges à cidade de Tusculum comunicar ao pai do jovem sedicioso, o Pontífice Máximo, Marco Emílio Lépido, que o filho estava acusado do crime de alta traição.

O antigo triúviro recebeu a notícia com surpresa, mas se manteve impassível. Seu pesar e amargura cresceram com o relato das atividades criminosas do filho feito pelo emissário de Mecenas. Sua vaidade atingida transfigurou-lhe a fisionomia, mas não se dignou pronunciar uma palavra. Permaneceu taciturno, apesar do tom amistoso com que lhe falava o libertino, seu antigo conhecido, deplorando a situação.

O velho Pontífice não cogitou de dirigir-se logo a Mecenas insinuando ciência para o filho. Não se moveu a escrever-lhe declarando-se fiador do acusado. Todavia, mal saíra o emissário, fez sinal a Epifânio, seu libertino de mais confiança, que à distância assistia à conferência, e ordenou-lhe que fosse a Roma e prestasse ao filho todo auxílio possível. O libertino, que fora preceptor do rapaz, partiu sem perda de tempo.

O tribuno Columela tomara as providências para a prisão simultânea dos principais sediciosos. Antes que os litores fossem executados, mandou grupos de homens armados e disfarçados cercar suas residências. Diferentes decúrias da guarda urbana, na mesma hora também, davam busca nas moradias de plebeus, libertos, estrangeiros e escravos, suspeitos de participarem da trama, prendendo os que encontravam. Os diretores da nova associação, chamada Lucréciana, constituída secretamente por antigos membros das sociedades eleitorais de Clódio, postas fora da lei por Marco Antônio depois dos motins subsequentes ao assassinio do pai de Marco, eram procurados com furor inaudito.

Lépido foi surpreendido num dia dos mais agitados de sua atividade na preparação do golpe contra César Otaviano. Quando seu escravo atrevido lhe foi comunicar que se achavam à porta litores togados, distraidamente respondeu que os mandasse entrar, pois nada receava, pelo menos naquele dia e hora. Os litores apresentaram-lhe a taboinha encerrada onde estava escrita a ordem, firmada com o sinete consular, do levante detido para a prisão de Tullianum. Lépido disse ainda: — Irei apresentar-me mais tarde ao tribuno Columela.

— Não — responderam-lhe os litores. — Recebemos ordem de conduzi-lo já.

Mostraram-se inflexíveis e Lépido não teve outro jeito senão sair com os mesmos.

Os litores permitiram que caminhasse de liteira, enquanto o acompanhavam à distância, pois era preferível que a prisão do jovem patricio passasse despercebida. Chegaram depressa ao cavaleiro Jugurino e entraram no Tullianum. Foi levado à presença de Columela que o esperava no gabinete e o recebeu com gentileza. Mas mostrou-lhe logo provas de sua atividade sediciosa. Conduziu-o à presença de cómplices já detidos. Quase todos da plebe ou simples libertos e escravos, alguns apresentavam traços de chicote sobre os corpos nus, outros tinham as unhas arrancadas, dedos partidos e faces sangrando. Tinham insurreições perdidas dos planos insurreccionais e nomes das figuras mais importantes.

Em face desse espetáculo, Lépido, num assomo de firmeza e de orgulho, teve o impulso de declarar: "Sou patricio romano". Porém compreendeu logo que a resposta de Columela à sua exclamação seria um riso irônico. Sentiu que seus planos tinham sido descobertos. A princípio ferveu-lhe dentro o ardor de raiva e de rebelde; dominando-se passou a exprimir-se com sarcasmo. Pes plêbia da covardia do detator Escrimines que repetia, na presença de Columela, com abundantes palavras e mi-

núcias, seus projetos e os de seus amigos. O vil denunciante mencionava, sem equivocar-se uma só vez no nome da via, do bairro, da insula, o endereço exato de conjurados; referia ligações com outras regiões da Itália e a morte em Capua e Brundisium de cabeças locais.

Lépido escutara-o em silêncio, mas sua raiva ia crescendo a ponto de deixá-lo louco por arrebentar com golpe implacável a cabeça de tão infame traidor. Mas conteve-se e fez ironia:

— Me Herele! Que memória tem este homem! — exclamou rindo, encarando Columela que nas desprezíveis funções policiais pareceu-lhe contudo menos repugnante que o delator. Columela sacudiu a cabeça afirmativamente, rindo também, mas do próprio êxito policial. Efectivamente era uma memória extraordinária. Escrimines revelava com exactidão os pormenores mais insignificantes.

O jovem patricio Marco Lépido, rico e culto, que amava a República e odiava a César, sentiu-se perdido. O infame delator merecia ser liquidado, porém não estava ao alcance de suas mãos. Manifestar seu furor serviria apenas para divertir Columela e seus esbirros.

— Medius Fidius! que memória digna de causar inveja à própria deusa Mnemosine! — repetiu, preferindo rir com o próprio Columela, enquanto encarava Escrimines, com o qual estivera há dois dias na reunião dos cabeças sediciosos na casa próxima ao Templo da Honra e da Virtude.

O tribuno militar mandou encarcerá-lo. Os litores conduziram-no ao compartimento posterior, pelo qual se descia ao porão. Os escravos abriram a lage e apareceram em baixo o cárcere. Subiu um bafo úmido e nauseante, capaz de provocar uma vertigem ao mais resistente dos homens. Lépido, ainda quente de raiva, manteve-se firme. Foi agarrado pelos escravos e atirado pela abertura à mão dos carcereiros que já em baixo o sustentaram.

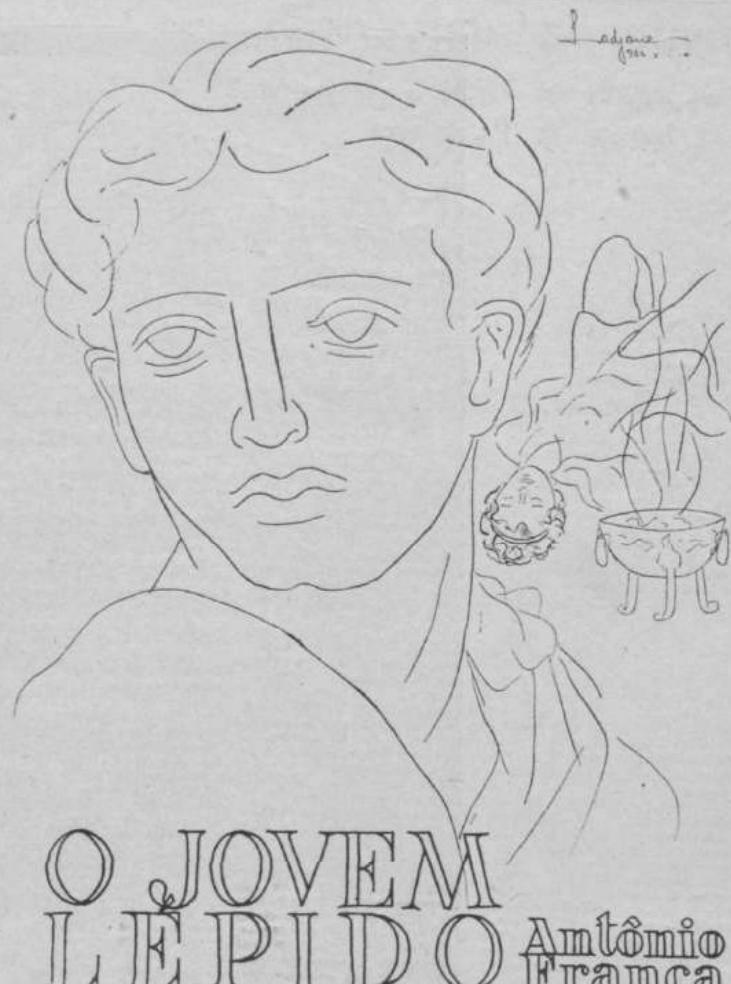
Os escravos do cárcere receberam o nobre patricio, o filho do Pontífice que fora durante algum tempo o mais poderoso dos romanos. Despojaram-no dos calçados, cinto, bolsa, catifele, deixando-o só com a túnica. Depois, indiferentes ao létrico da massorra e à sorte desgraçada do moço patricio, abriram a cela, fizeram-no entrar e fecharam a porta de ferro, matendo-a com força.

O estrondo da porta metálica ao fechar-se, encerrando-o numa cela escura e sem luz, fê-lo estremecer. Era o cárcere, donde raramente se saía com vida. O sangue gelou-se nas suas veias, o pavor dominou seus sentidos. Pensava alucinadamente. Repassavam em seu cérebro, como preocupações angustiantes, os fatos intensos dos últimos dias. Totalmente invadido por um pesar incomensurável ao passo que recordava seus ingéniosos esforços em procura de envenenamentos justos, sentiu que o mundo dos seus planos lucrécianos de lutar pela restauração da liberdade republicana e de vingar as traições com que Otávio e Antônio desonraram o pai, cerravam-se definitivamente com a porta da massorra.

Deante do malogro dos seus propósitos, compreendeu como tão facilmente a liberdade se torna suscetível a inúmeras crises; como a velhacaria pode ser norma aplaudida e premiada. Seus anos de estudos, apesar de jovens ainda, tinham sido vão. Assim era recompensado seu devotamento à virtude. As lições do filósofo epicurista vinham-lhe à mente e seus conceitos outrora tão amados se dissipavam na sua consciência como tufo de fumaça espalhada pelo sopro zelido de uma pragmática da mentira, abençoada pelos deuses na palavra dos sacerdotes venais, garantida pela lei feita e aplicada pelos detentores do poder.

Tudo parecia perdido. Pensou ainda que haveria companheiros em liberdade que proseguiriam... Mas não; eles nada fariam quando suboessem da prisão. Iriam procurar salvar suas vidas rendendo homenagem aos senhores de Roma.

Tudo estava perdido, sim. Entretanto não tivera o direito de haver arriscado a própria vida. Pois eis não lhe parecia vida somente. Sua querida Servília amava-o mais do que ele próprio a si mesmo. Não lhe honraria ela com a prisão ali, ontem, quando despartiu de um sono agitado, um sonho terrível, premonição que os deuses lhe manda-



O JOVEM LÉPIDO

Antônio Franca

vam? Por que não escutara a advertência dessas vãs criaturas que Lucrécio envolveu na ironia do seu ceticismo?

Ela lhe contara que tinha ido ao Templo da Honra e da Virtude, ao pé do monte Célio, levar uma oferenda às duas deusas. Quando entrou no templo a bela estátua da Virtude movera-se e adiantando-se até ela, rejateira os votos. A Honra pareceu dizer: "Nem Júpiter o salvar!". Ficou surpresa e temeu uma desgraça. Julgou ouvir ainda as deusas proferirem em coro: "O Destino nos expulsou do Olimpo e nos refugiamos no Tártaro. Lá nos encontraremos".

As servas que a acompanhavam sussurravam-lhe espantadas que a Virtude estava rubra de sangue, enquanto ela presenciava a Honra, descendo do pedestal, oferecer-lhe brazas flamejantes. Cheia de temor, saíra às pressas do templo. Seu pavor cresceu a um latido que lhe pareceu o de Cérebro, o não trifauce. Tropeçou, caiu nas escadarias, rolando ao solo.

Servilia acordara-o para narrar-lhe o sonho e ele a repeliu; estava exausto de fadiga. Contudo, — ó desgraça! — estivera de fato no Templo da Honra e da Virtude. Lá havia ido encontrar-se com seus correligionários e, depois, numa casa próxima, discutira com eles os resultados do motim ocorrido no Fórum e as medidas necessárias para sublevar a cidade quando neia penetrasse César Otaviano. Um mensageiro de Marco Cévo trouxera-lhe o aviso. Foi com ele até o Fórum dos Arrietos para tomar conhecimento do local da reunião. Enquanto seguiam juntos, de liteira, o companheiro descrevia-lhe os acontecimentos do Fórum dos quais fora participante. Quisera saber quantos haviam sido massacrados pela cavalaria, quantos atirados da rocha Torpeia.

Passaram o Circo Máximo, tomando a direção do Fórum dos Arrietos. Ai notara alguns cocheiros descansando ao lado de suas carroças, vendedores ambulantes e reduzido movimento de pessoas que tratava o alugeul de carros para transporte de carga e passageiros. Sua liteira parou à distância. Desceram e aproximaram-se da Taberna da Carreira Veloz. Anforas de vinho estavam arrumadas numa grande

prateleira armada à frente do prédio. Entraram na taberna, sentaram-se a uma mesa e pediram vinho. Não tardou que chegasse outro conhecido, que se sentou entre eles. Conversaram sobriamente até o entardecer. O recém chegado comunicou o local do encontro com Cévo e os demais companheiros; no átrio do Templo da Honra e da Virtude, à hora do contriúnium, pelas onze da noite.

A hora marcada chegara sozinho ao Templo. Viera embuçado num capote de couro e aproveitara o luar para conduzir-se na escuridão através das ruas. Aproximando-se do Templo, notou um pequeno grupo que se reunia, à luz de archote, para fazer um sacrifício. Logo descobriu seus conhecidos: o ferreiro Mendax, o libertino Numantino, o moleiro Celer. Com a toga passada sobre a cabeça, um sacerdote sustinha a caixa de incenso numa mão e na outra um vaso com o qual derramava vinho e leite sobre a vítima: tenra ovelha, que outro sacerdote imolava sobre o holocausto. Os ofertantes cercavam-nos numa atitude religiosa. Reuniu-se no grupo, em volta do altar, e acabou a cerimônia acompanhando-os.

Minutos após, estavam reunidos numa casa próxima. Sentados em sacabotes em torno a uma mesa de bronze, discutiam. Comunicara aos companheiros o resultado de suas conversações com os senadores Polion, Consádio, Ventídio, Longino, Fúrio, Cândia, Carfuleno e Matino, os quais pareciam prováveis aliados. Mendax, o ferreiro, mas homem letrado e experiente, insistiu a seguir em que era necessário colocar à frente de cada corporação trabalhista um lucréciano, mesmo que fosse preciso fazer grande esforço para restaurar algumas associações decaídas por falta de chefes. A discussão prolongara-se.

Quirava-se um ruído estranho. Houve um momento de silêncio geral. Celer foi inquirir: tinha sido uma ave agoureira. O debate proseguiria. Partiu-se uma proclamação de redigir uma proclamação aos romanos, especificando o programa dos rebeldes. Todos estavam de acordo em que era o momento de divulgá-lo solenemente. Escrimines, o miserável traidor, indagara então o que seria feito de Mecenas. Trouxera-se uma discussão, no tumulto

da qual surgiu a idéia de assassinar Otávio e seus principais amigos antes que chegassem a Roma. Ele, Lépido, espousara a idéia.

No canto da sala, uma tripode queimava mirra. Uma única lâmpada, debili já, iluminava os rostos sisudos dos conspiradores, dando-lhes uma cor macilenta e aspecto grave. Num assomo de entusiasmo dera um murro na mesa e dissera que Otávio seria morto, antes de atingir Ostia, quando viesse de Atena, onde estava, para a celebração do "triumfo". Notara que alguns riram com benevolência, outros sentiram-se preocupados com seu entusiasmo. Mas repetira que Otávio seria morto e se encarregaria da empresa. Escrimines sustentara-o, censurando os demais de tibieza. Os companheiros ouviram-no calados, inclusive Cévo, que alegou, enfim, não ser possível discutir o assunto naquele momento. O chefe popular parecia ser contrário à idéia, mas talvez não quisesse contrariá-lo abertamente, recelando perder seu apóio.

Após algumas horas de discussão, a reunião dissolveu-se. Antes disso, foi marcada outra, pois os trabalhos não haviam chegado ao fim e os acontecimentos, que se precipitavam, exigiam resoluções decisivas. Voltara para casa e dormia profundamente quando sua querida Servilia viera aos seus aposentos acordá-lo para contactar o sonho. A descrença perdera-o. Por que não acreditara, pelo menos uma vez, nos deuses que lhe anunciavam o perigo?

III

Passavam-se os dias. Seu pai, o Pontífice, poderia salvá-lo. Mas não... Ele não poderia salvá-lo, pois não era seu crime vingar a honra paterna? Arrastara a vida por ele e agora teria que sofrer as consequências. Davam-lhe a comida pela estrada, abrindo uma portinhola. A princípio comia. Depois passou a não alimentar-se. Mortificava-se estúpida e desvairadamente, aumentando o sofrimento do cárcere. Talvez ainda fosse obrigado para obterem dele outras revelações. Era melhor morrer, morrer logo. Esta idéia se formulou de súbito e adquiriu intensidade, dominando-o.

Sua jovem e bela esposa, sua querida Servilia, talvez já não vivesse. Teria já pôsto fim à

vida. A sugestão da Deusa, a exemplo de Fórcia e a filha de Atístio, após sacrificar aos Deuses Lares, teria enfiado carvões acesos. O tortura nem sequer comparável a dessa massorra! Sim, ela já estaria morta. Jamais volve-la de novo, e era tão linda! Linda como a encarnação, no dia das festas de do de ornar-se. Vestia um pelo azul, estava plena de vida, ria com vigor. Em sua fisionomia destacavam-se os bonitos lábios, grossos e vermelhos. Suas faces estavam bem rosadas e mais linda a cabeleira negra que as servas tinham cúpidio prazer em pentear. Sim, ela já estaria morta, inerte, contorcida, pela dor do suplício que se vultara e a pira ardente já calcinara tão fagueira juventude. Era preciso morrer também...

Correu os olhos pela escuridão da cela, procurando algo que pudesse servir de instrumento de morte. Nada havia. Os carcereiros tinham-lhe subtraído tudo. O cinto bem lhe serviria; os fios do calçado melhor ainda. Mas estava sem cinto, como os servos, e descalço como os escravos das minas. Nada existia na cela que se prestasse a instrumento de morte.

Sentou-se no chão para descansar um pouco. Mas logo ergueu-se mais inquieto. A idéia de morrer preocupava-o e de morrer logo. Seria heróico morrer pela liberdade dos romanos, pela honra da família. Deixaria gravada uma frase, fosse mesmo com a unha, na parede do cárcere, antes de perder o derradeiro alento.

De repente lembrou-se da vida, dos seus prazeres; dos seus amigos, de céias gostosas, das orgias com suas escravas Dáfne e Artemis, formosas gregas que tanto o deliciaram antes de casar-se com Servilia. Logo pensava na jovem esposa, cujo amor cada vez mais o seduzia a ponto de ir dispensando as festas com as mulheres alegres que suas amigas Lólia e Pompília reuniam na villa das Esquilias, para emular com seus ritos libidinosos da deusa Cibele. Todo esforço abnegado lhe pareceu mortalmente ridículo. A realidade era ele, Marco Lépido; a República Romana uma ilusão. Porisso era preciso morrer já, pois os prazeres da vida estavam perdidos para sempre e o sacrifício devia ser abreviado. Era preciso morrer e sem deixar sinal de tão ingênua abnegação, de tão fátuo heroísmo.

O gentil Marco Lépido, o rico herdeiro da gens Emília, o filho do Pontífice Máximo devia morrer; morrer de angústia, de sofrimento, de consumação, no cárcere de Tullianum antes mesmo de ser julgado.

Olhou para os pulsos; as veias latejavam. Podia cortá-las com os dentes. Os dentes servir-lham de arma.

Num momento de suprema exaltação meteu freneticamente os caninos nos pulsos e rasgou a carne. As veias começaram a vasar sangue, cada vez mais. Ao passo que o líquido escorria, quente e rubro, foram amortecendo seus impulsos. Seu pensamento se fazia dócil, sossegado, lícido. Perguntava-se a si mesmo: a si mesmo respondia, concluiu julgava, consumava-se. Era uma morte heróica pela liberdade, uma ação justa para vingar a honra paterna, um esforço abnegado pela restauração da República Romana conspirada pela ditadura demagógica... Heroísmo, virtude, liberdade, honra... tudo não passava de um sonho!

Quando o libertino Epifânio, regressando pela décima vez da casa de Mecenas sem ter conseguido avistá-lo, atravessava o Fórum, os pregões anunciavam ao som de clarins um edito de César Otaviano proclamando a decisão de restaurar a República e a antiga constituição depois do seu "triumfo". Ao aproximar-se da casa do jovem Marco, no Aventino, notou que a porta principal tinha sido subitamente ornada com bastos ramos de cipreste, sinal da luto. A entrada, o porteiro Menendotes explicou ao seu espanto que Servilia, a jovem senhora, estava morta; engulira carvões acesos do altar dos Deuses Lares, apesar de cercada de todo cuidado e vigilância, desde a prisão do sonho. O libertino desconfiado retornou à casa de Mecenas a fim de suplicar-lhe ciência para sua própria conta. Em casa deste, comunicaram-lhe que Lépido à noite passada falecera de consumação no cárcere Tullianum. Epifânio preferiu matar-se a levar ao Pontífice tão cruéis notícias.

FÓLHA CAIDA

Fólha caída, fólha abandonada,
Fólha que o vento leva e vai ao vento,
Aonde irás tú pairar na rude estrada
De teu destino, nesse teu tormento?

Vives de sofrimento em sofrimento,
Como uma alma de creança, apagada,
Sem a máguia sombria de um lamento
— Sob a angústia da dor martirizada!..

E vão as horas e se vão os dias
E tú dentro de tuas agonias
Por entre a poeira densa do caminho.

Vai! — E mister cumprir teu fado obscuro!
Porque sendo amanhã todo ou monturo
Talvez renasças numa flor de linho!

Mariano Lemos



VISÃO MATINAL

Para Eustáquio Duarte

A mão que esta manhã colheu uma flor no meu jardim
Foi a mão que abriu na madrugada
Uma porta de luz sobre meu sono

Criança, dormia socegada na penumbra
Sem nenhum grande vulcão a arder dentro das veias
Não dava cuidados a ninguém, não tinha amores
Nem pensava que os sonhos um dia me chegassem

Porém com o rosto assim iluminado
Meus olhos reconheceram os traços invisíveis dessa mão
Na tatuagem de cristal que o orvalho da manhã salpicou
No braço das roseiras

Quis, entretanto, acariciar esse rastro luminoso
Com uma suave expressão de amor e de carinho,
Mas, o vento despertou os ramos que dormiam
E os meus lábios ingénuos que dormiam
Na lança dos espinhos

— Erguendo a cabeça de seu leito em desalinho
O poeta chupou a fumaça de um cigarro

Debaixo da janela o jardim era uma festa
O sol aquecendo os botões apenas entre-abertos
E as abelhas douradas, umas voando, outras sorrindo
No ventre macio das flores perfumadas,
A doçura da vida...

(Do livro "Agnário Luminoso" — Exemplar único composto pelo autor a normógrafo — Recife, 1949).

OTAVIO MORAIS



POEMA DA CRIAÇÃO

São horas que passaram
imponderáveis
entre um gesto e o mundo.
Não perdidas
antes dispersas por esta íntima vida
e a exata palavra e esperada.
Horas terríveis —
em cada face o sinal
que ficou como lembrança
marcando a fronte
da criança morta.
Desespéro seria se na volta
ficassem mudas as línguas do universo
presas às formas antes permanente.

Laurenio Lima



INTERIOR MARAJOARA

Interior Marajoara. Recordação...
Lembrança de uma idade intraduzida,
Que passou, aos poucos, com a vida,
Ensaaiando, com o trabalho, uma canção...

— Índio, de coração selvagem e alma de artista,
Viveste num clamor, n'uma voragem,
Aumentando, num sabor bem fantasista
A coleção maravilhosa que ainda existe
No barro de marajó, onde creaste,
Onde amodaste
O passado da arte nativista.

— Índio, — com tua alma de artista
E coração de índio bravo —
Eu te comparo, ou te assemelho ao rio
Que vai correndo indiferentemente,
Num murmúrio feliz de água corrente,
Num desafio a outro desafio!...

De Castro e Silva



Eternidade

não haverá mais pouso
para minha alma.
Estarei presente a todas
as gerações

nas sementes que brotam
e na chuva que cai.

Das asas dos pássaros
aos segredos do mar
os meus raios se estenderão
em todas as direções

(sem que fique um ser)
(que não seja tocado)

ou, então, a minha tristeza
se alongará
por toda a terra

para que perdure o sentido da criação.

18-11-51

III

Leve como a brisa baila a bailarina
Como a brisa leve ou como leve ramo
Leve como a renda baila a bailarina
Como nuvem leve ou como leve folha

De corpo leve e puro é a bailarina
Tem a bailarina gesto puro e leve
De olhar leve e puro é a bailarina
Tem a bailarina riso puro e leve

De corpo tão leve é a bailarina
Baila a bailarina com gesto tão puro
Olha a bailarina com olhar tão leve

Ri a bailarina com riso tão puro
Que ninguém repara, como tão de leve
Leva-nos a Vida, a leve bailarina.

José Hermo



MENSAGEM À AMADA DISTANTE

Quero que ouças o meu canto triste
Na hora laza do repouso ao leito,
Para que sintas, viva, no teu peito
A dor que sinto desde que partiste.

Quero que busques como lenho feito,
Achar no pranto que na dor existe
E na distância que entre nós persiste,
Meu coração em lágrimas desfeito.

Talvez assim, ao menos num momento,
A ressonância do meu sofrimento
Revele a ti na mais sublime essência

A luz do amor que vibra e revigora
E que resplande e ilumina a toda hora
Na triste solidão de tua ausência.

José Gonçalves d'Oliveira

Limeiro — 1948.

O MORTO

a Adauto Gonçalves



Os círios acesos
aroma de incenso
o caixão exposto
na sala da frente
um Cristo presente
co'os braços abertos
a dor renitente
na cara do povo
Veório na sala
a cara do morto
a boca sangrando
os círios acesos
sereno na rua.



A luz lá fora
No céu passando
o drama do morto
por questões de terra
matou um vizinho
porém a desforra
não se fez tardar
o caixão exposto
a cara do morto
a boca sangrando
aroma de incenso
são o testemunho
da grande tragédia



Donde vem o grito
que para no ar
do quarto contíguo,
a filha do morto
chora que faz dó
Somente ela chora
os outros lamentam
a cara do morto
a boca sangrando
os círios acesos
o caixão exposto
a ronda da morte
a filha chorando



Para que sonhar
se somente a morte
é um marco Zero
na hora final?
Por que, para que?
a vida é um mito
Para que lutar?
os círios acesos
a cara do morto
a boca sangrando
o fim da tragédia
donde vem o grito
do céu ou do mar?

ADETH LEITE

CARRO DE BOIS

Bem me recordo, em época afastada,
Quando vivia no sertão querido,
Eu sempre olhava, ouvindo seu gemido,
Lento o carro de bois passar na estrada...

Se a viagem parecia demorada,
O carreiro ficava enfurecido
E, chamando seus bois pelo apelido,
Desferia a tirânica ferroada!

E os bois puxavam, com tristonha cara,
Cargas pesadas sobre rodas duras,
Cujo eixo lhes carpia a sorte amara...

— Aos ímpios golpes que os reveses dão,
Também arrasto um carro de amarguras,
Escutando gemer o coração!

Armando Maia
Olinda, 1948



MEU OCASO

Ocaso, sol de outono, os olhos fito
Nesta angusta expressão da natureza,
Por seu turno uma névoa de tristeza
Sobe da terra escura ao infinito

Aqui cheguei como quem foi proscrito,
Sob uma atmosfera de incerteza;
Tôda esta minha vida de largueza
Mudada agora em panorama estrito

A noite se avizinha pelas selvas,
Há vestígios de sombra sobre as relvas
E murmúrios de preces na amplitude.

Cheguei ao fim de um jornada austera
Sem jamais ter sentido primavera
Nem nunca ter passado no verão.

Ernesto de Albuquerque

Dois sonetos positivos

I

Eu te disse de amor sei fase nova
Neste que em a condiz as angustias
Emanações feitas da vineta nova
Luz a força de amnésia, opuscular.

Eu te disse da febre que se renova
Em sombras de espaldas acularas,
Luzindo da clausura de uma coisa
Em mutações traqueais e lemanas

Deus também de folhas, de acorturas
Levadas reluzmente nao alturas,
Do sentir e das agas venedoras;

Mas do mundo dizai sobre o silencio
Que e umza de falaras e que vence
O modo de insaludades tentativas.

II

Por ainda segura uma brisa me leva
Em seg dos elevos nubes da manha
Logo um caminho, um chão feito de terra,
Do loga, de colina e de rocha

Em seg os abori das nuvens que me enlora
Faz nubes de que a tarde e teula,
Oho o salto da noite que se eleva,
Quo o vento do mar me taha-va.

Do note mansa que me estende os abres
Do onde sorro os meus sonhos insolutas
E o latta suyo de imprecisas me pag.

Do mar que ao fim de tudo hoda me ta
Le o meu ferido corpo merecer
O encerru, o encanto e o canho das apru

1-9-940

João Bardegn



ENTÉRRO

(A Cândido Portinari)

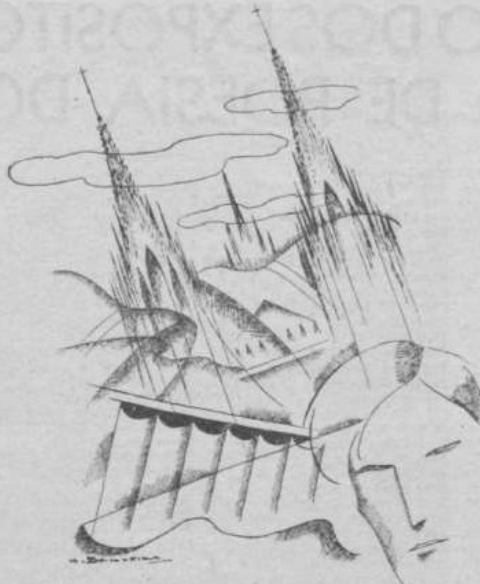
Os passos são lentos e as cabeças descobertas.
Menciados à saudade o terror e a certeza
Do esforço inútil
Representam para nós sem distarces
Os atos da viagem comum.

Cabeças curvas olhos marejados
Desfile do presente valorização
Do passado que outro teria sido
Se houvesse o dom da previsão.

Passos lentos vozes encarceradas
Pesa um réceio sobre os acompanhantes
A morte entra no ser pela respiração.

Cada passo dado — um segundo a menos
Cada olhar trocado diminui a vida
E quando todos chegam
À beira do túmulo
Mais próximos estão (todos)
Do túmulo.

Magnudes de Menezes



"ROMANTICA N.º 1..."

Se em ti percebo um Lamento,
A minh'alma sofre tanto,
Que vai juntar-se ao teu Pranto,
Formando dois pedestais!
Para um mesmo Sofrimento!
Como as duas cruces, puras,
Que ficam lá nas alturas
Das torres das catedrais!

— Se em ti percebo um Lamento...

Quando me dáis um Sorriso,
Minh'alma se rejubila!
— E' um novo Sol que estuzila
Irradiações de cristais,
Desvendando, um Paraíso,
Com Alelúias luzentes,
Entre repiques contentes
De sinos de catedrais!

— Quando me dáis um Sorriso...

Se eu tua Bondade eu penso,
Minh'alma se enche de lendas,
De plumas, arminhos, rendas,
Essências e madrigais...
— São oferendas de incenso,
Em meio a sons sublimados,
Que lembram Orçãos Sagrados,
Em Côros de catedrais!

— Se em tua Bondade eu penso...

Quando te vejo em Beleza,
Minh'alma é toda um Tesouro!
— Parece um Castelo de Ouro,
Com telhados de corais,
Aonde vive uma Princesa,
Que só reza salmos e hinos,
Em Santuários divinos,
De Altares de catedrais!

— Quando te vejo em Beleza...

OFERENDA

Se em teu Altar fôr Senhor,
Se em teu Reino fôr teu Rei,
Minh'alma dividirei
Em hóstias Universais...
— Serão lembranças de Amor,
Em forma de Relicários,
Que hei de encerrar nos Sacrários
De todas as catedrais!

— Se em teu Altar fôr Senhor...
— Se em teu Reino fôr teu Rei...

Góes Filho

SETEMBRO — 948

Ronda de Recreamento

Cândido Portinari, o grã Portinari
Em um Brasil novo,
Procurando o grande poeta novo!
Em busca de um Recreamento para
O Brasil para este século?

A toda Honra, a ex-Beata Portinari
Vindas para se recordar de fazer
O Brasil e o Brasil e o Brasil
Por quem se lembram e se lembra

Cândido Portinari

Uma mata
Uma mata avança o poeta
Uma mata avança o poeta
Uma mata avança o poeta
Uma mata avança o poeta

Cândido Portinari

Handwritten signature and date: 1940

Original de Mário de Andrade, da coleção Eustáquio Duarte



Handwritten text and signature: A morte do corpo... 1940



ANOIVA

Eu vou contar uma história
A história de meu noivado.
A história de meu amor.
Um dia saiu de casa,
Cansada, desiludida
E no mar se entregou.

Vestiu as roupas de seda,
Botou o véu e a grinalda
E como louca partiu.
Deixou as cartas na praia
Pedindo perdão aos pais.
Na minha carta dizia
Depois do último adeus
"A tua noiva infeliz".

Debalde foram os esforços
Des bravos escanfandriatas;
Não encontraram no mar
A minha noiva infeliz.

Inútil busquei no mar
A minha noiva suicida;
Os pescadores lançaram
As suas redes no mar...
Eram os sargaços, cedidos

A VIAGEM

Correndo tanto
Cansei depressa
Arquejando dentro
Da noite fria.

Bebendo sempre
Pelos caminhos



Da grinalda tão singela
Que eles pescaram no mar.
Eu vou terminar a história
A história de meu amor.
O mar repete os soluços
Do meu eterno bramido;
Da minha noiva querida;
E estende constantemente
O véu de fino rendado.
A branca espuma do mar.

LYCIO NEVES

Vertentes-Pernambuco

Um vento morno
Da terra fria.

Na curva adiante
Voltar queria
Donde partira
Saudades tinha.

Tarde demais
Pois já sentia
O cantar distante
De almas errantes.

Como voltar
Dentro da noite
Com um vento morno
Da terra fria?

Tão próximo estava
Da curva adiante
Que já sentia
O cantar distante
De almas errantes.

Juarez Gomes

Recife — 1948.

O POBRE

Para!
escuta!
não ouves a sinfonia
que emana da floresta?
detem teu olhar!
não véas a dança das cores
que louças,
endiaçadas,
vivem no ar?
não sentes o ritmo,
as formas,
de infinita beleza
que nos dá
a natureza?

Não véas?
triste sorte!
pois só sentes na vida,
o vazio da morte!!!

Tilde Oanti
1930

POEMA

A Napoleão Ivo

Uma nuvem intermina
se adelgaça. Espesso é
o lrio branco
que colhemos na manhã.
A lagoa manas
é como meu verso
não tem rugidos
de cataclismas.
O eco das palavras
se estende lépido
a bruma espessa
não tem mistérios.
O tempo é breve
como a palavra
do suicida
que está distante.
O poço reluz
numa côr prateada
parece uma seta
a brilhar na noite.

Moacir Souto Malor
agosto de 948

APROXIMAÇÃO

No vento que passa,
Que passa e soluça
Lá nos pinheirais,
Alguém se debruça,
Escuto distante
Vozes constantes
Lá nos pinheirais.

No vento que passa,
Trazendo lembranças
Vestidas de véus,
As vezes escuto,
As almas silentes
Perdidas no céu.

No vento que passa,
Trazendo as imagens
Dos prantos totais.
No fim do outono
Eu vejo bailando
Os dias finais.

Jefferson José Ferroira
Lima

RELAÇÃO DOS EXPOSITORES DO I SALÃO DE POESIA DO RECIFE

- 1—Antônio de Castro Alves
- 2—Ascenso Ferreira
- 3—Austro-Costa
- 4—Araujo Filho
- 5—Aderbal Jurema
- 6—Adeth Leite
- 7—Adauto Gonçalves
- 8—Adauto Acton
- 9—Aldes Siqueira
- 10—Abatê de Medeiros
- 11—Andrade Lima Filho
- 12—Amaro Wanderley
- 13—Arthur Alves Barbosa
- 14—Armando Maia
- 15—Antônio Guido
- 16—Antônio Quintino
- 17—Antônio Lóbo
- 18—Alvaro Fonseca
- 19—Afonso Brasileiros
- 20—Albino Buarque
- 21—Augusto Aristeu
- 22—Alfredo Pessoa de Lima
- 23—Ana Cecília
- 24—Anilda Leão
- 25—Augusta E. A. Barbosa
- 26—Angela Delouche
- 27—Andrea Maria
- 28—Balthazar de Oliveira
- 29—Brandina Rocha
- 30—Carlos Drommond de Andrade
- 31—Carlos Moreira
- 32—Cavreiro Leite
- 33—Cesário de Mello
- 34—Clovis Leite
- 35—Carlos Costa
- 36—Costa e Silva
- 37—Christovam Marques Pessoa

- 38—Cilro Meigo
- 39—Clelia Lopes
- 40—Celeste Dutra
- 41—Duarte Netto
- 42—Diogenes Noronha
- 43—Durval Cesar
- 44—David Diniz
- 45—Dulce Chacon
- 46—Diome Silvan
- 47—Edson Regis
- 48—Eneas Alves
- 49—Eufrasio Barbosa
- 50—Eneasto Albuquerque
- 51—Evangalina Ma Cavalcanti
- 52—Euridice Carneiro
- 53—Evaldo Cabral de Mello
- 54—Fialho de Oliveira
- 55—Fernando de Sousa Barros
- 56—Fernando Ferreira de Loanda
- 57—Fragundes de Meneses
- 58—Ferreira de Mello
- 59—Guerra de Hollanda
- 60—Goes Filho
- 61—Getúlio Cesar
- 62—Gustavo Passhaus
- 63—Giselda Joffly Ferreira

- da Costa
- 64—Herculio Celso
- 65—Helo Feijó
- 66—Hernani Borba
- 67—Herculano Marangãna
- 68—Heber Dantas
- 69—Homero Rego
- 70—Hugo Siqueira
- 71—Haroldo Maia
- 72—Hildefonso Mollanda
- 73—Inard Brandão
- 74—Joaquim Cardoso
- 75—Jayme Santiago
- 76—Jayme Griz
- 77—Jefferson Ferreira Lima
- 78—Jaques Gonçalves
- 79—Juarez Gomes
- 80—João Neves
- 81—João Barreto Menezes
- 82—José Cabral Rocha
- 83—José Isidoro Souto
- 84—José Hermo
- 85—João Lopes Albuquerque
- 86—José Ferreira Gonçalves
- 87—José Figueira
- 88—João Calado Borba Neto
- 89—João Rogério
- 90—J. Nemesio
- 91—J. Gonçalves de Oliveira

- 92—Jeca Farias
- 93—Jarina Pinto
- 94—Ledo Ivo
- 95—Lycio Neves
- 96—Laurenio Lima
- 97—Lucilio Varejão Filho
- 98—Lauro Ataíde
- 99—Leonardo Seiva
- 100—Luiz Cymeiros
- 101—Luiz Alberto
- 102—Ladjane Bandeira
- 103—Manoel Bandeira
- 104—Murllo Mendes
- 105—Mauro Motta
- 106—Mariano Lemos
- 107—Mario de Andrade
- 108—Matheus de Lima
- 109—Moreira Cardoso
- 110—Moacyr Souto Maior
- 111—Milton Souto
- 112—Milton Maranhão
- 113—Mueli Marques Jr
- 114—Mario Cunha
- 115—Mario Galvão
- 116—M. Dias Oliveira
- 117—M. Dasgraças Santos Leite
- 118—M. Carmo Barreto Campelo

- 119—Maria Alexandrina
- 120—Maíta Mendonça
- 121—arimília
- 122—Napoleão Xavier
- 123—Nicasia Filho
- 124—Odilon Nestor
- 125—Oscar Brandão
- 126—Oliveiros Litrento
- 127—Octavio Moraes
- 128—Odlilo Andrade
- 129—Otoniel Menezes
- 130—Octavio Ferreira
- 131—Osmario Telles
- 132—Osman Lins
- 133—Octavio Cavalcanti
- 134—Olympio Bonald
- 135—Oseias Dias Souza
- 136—Paulo Mendes Campos
- 137—Paulo Mattos
- 138—Quiterio de Barros
- 139—Rodolfo Rangel Moreira
- 140—Rogaciano Leite
- 141—Ricardo Cunha
- 142—Ricardo Rodrigues
- 143—Ribeiro Job
- 144—Ribamar Ramos
- 145—Rita Palmeiras
- 146—Seva Leite
- 147—Souza Lima

- 148—Sebastião Pereira
- 149—Thomas Seixas
- 150—Tercio Rosado Maia
- 151—Tupã
- 152—Tilde Cantli
- 153—Vasco Fonseca
- 154—Vicente Wanderley
- 155—Waldemar Cordeiro
- 156—Waldemar Chagas
- 157—Waldemar Maranhão
- 158—Walmyr Maranhão
- 159—Walfan Queiroz
- 160—Yeda Jucá.

(Continuação da pg. 5)

tristes problemas do mundo: há também o coração. E o lirismo dessa afirmação implícita na reunião de tantos poetas é uma mensagem que nos chega como se fosse o cântico de todos eles, maior e mais expressivo do que cada cântico individual.

CONCURSO DE ROMANCES DE "NORDESTE"

Em fins de janeiro de 1949 espera a comissão de julgamento do concurso de romances, instituído por esta revista, dar por terminada a sua missão, divulgando o seu resultado.

CONTRIBUIÇÃO AO ROMANCEIRO NACIONAL

(Continuação da pg. 7)

Homem não é lobo que engula gente.

ELA — Vem cá, pastorzinho, Eu não te desprezo, Com muito prazer O gado eu te entrego.

ELE — Ficarei, ó Rosa, Sem qualquer intenção, Beija-me, querida, Que sou teu irmão.

Versão portuguesa:

Deus te salve, Rosa, Lindo Serafina, Bela pastorinha Que fazes aqui ?

Você que lhe importa O que faço aqui ? Guiando o meu gado Que deixei ali.

— Linda pastorinha A guardar o gado — Senhor só nasci Para este fado.

— Diga-me, menina, Onde pasta o gado — Nas altas montanhas Que lá há bom pasto.

— Nas altas montanhas Corre grande perigo, Diga-me, menina, Si quer ir comigo.

— Não é de homem nobre O dar tal conselho Pois quer se perca O gado alheio.

— O gado alheio Não quero se perca Quero estar convosco A hora da sexta.

— A hora da sexta Não o ouvirei, Perguntam meus amos Em que me ocupe.

— S'êles perguntarem Em que se ocupou: Guardou-se da água Que tudo molhou.

— Eu falo verdade Mentir eu não sei Vou soltar meu gado Que pascal além.

— Seu gado, menina, Eu aqui lho trago: Serel venturoso,

— Não quero criados De tanta nobreza, Calça de veludo E meias de seda.

— Sapatos e meias Tudo rompereí Para vos dar gosto Minh'alma, meu bem.

— Vá-se embora, homem, Não me dá mais pena Lá vem meus amos Trazer-me a merenda.

— Qu'importe, menina, Que venham seus amos ? Quero qu'êles saibam Que falamos ambos.

— Senhor, vá-se embora Não me dê tormentos, Não o posso ver.

Nem por pensamentos. — Pastora formosa

Tão impertinente Homens não são lobos Que comam a gente.

Pastora formosa Porque és tão ingrata Homens não são lobos Que donzelas mata.

Tirana, ingrata, Mal agradecida, Só por causa dela, Eu perco a vida.

— Si eu sou ingrata Faço muito bem, Quero ser ingrata, Assim me conven. — Si quer ser ingrata Seja muito embora, Eu cá vou chorando Pela serra a fóra.

Aqui dou um grito, Alem dou um brado, Senhora da Penha Guardai este gado.

— Volte cá, senhor, Volte cá, não chore, Diga-me quem é Não se desconsola.

Volte cá, senhor Volte cá correndo, O amor é cego Já me vou vencendo.

— Digo-lhe a verdade O' meu camarada, Eu fiz uma aposta Tenho-a ganhada.

Volto, voltarei, Não com má tenção, Digo a verdade Eu sou teu irmão.

— Si eras meu irmão Por que o não dizias ? Tu, meu claro sol, Tu, luz dos meus dias.

O' gente do povo Acudi ao gado Que fuge a pastora Com um namorado.

— Si a pastora fuge Deixem-na fugir Nem cravos, nem rosas Lhe hão de acudir. (15).

As duas versões brasileiras em cotejo com a sua ancestral algarvia evidenciam o parentesco íntimo, deixado claro que derivaram de um tronco único.

III

A BELA INFANTA PAULINA

Ainda não vimos escrito este romance. Tem música. E' muito repetido no povoado de Tibá, município de Goianinha.

Deus vos salve Rei Afonso, Alto Rei de Sipantina, Este Rei tinha uma filha A Bela Infanta Paulina

Este Rei tinha um sobrinho

Fidelix era chamado, Quería que êle fosse Herdeiro do seu reinado.

— A minha filha Paulina Bom gosto me há de dar Com meu sobrinho Fidelix Si por esposo aceitar Herdeiro de todo o Reino E da corôa imperial.

— Não sei como há de ser isso Meu pai do meu coração Eu já fiz um juramento Para casar com Dom João.

Eu já fiz um juramento D. João também jurou Tomamos por testemunha Jesus Cristo Salvador.

— Aonde mora este homem ? Meu genro não há de ser. — Em reino de Aguas Claras Lá tem êle o seu poder.

— Mandai chamar êsse homem Sem nenhum mais embaraço, Eu quero ver êsse conde Amanhã em meu palácio.

Paulina muito contente Passada de alegria Escreveu-lhe uma cartinha Que estas palavras dizia:

"Deus vos salve Dom João, Meu belo conde querido, Que hoje sois meu amante, Amanhã sois meu maritô.

Meu pai vos manda chamar Que de gosto e de vontade Espero com brevidade".

— Deus vos salve Dom João, Eu não vim vos visitar Esta dourada cartinha Ela vos manda entregar.

Quando êle abriu a carta Vendo o que ela dizia, Brincava como criança A cada instante sorria.

— Cobri-me este palácio De rubis e de brilhante Quero me pôr a caminho Em busca de minha amante.

Me cubram este palácio Lá pras bandas do farol Quero que minha Paulina Deles escolha o melhor.

Quando êle embarcou Naquela triste jornada Logo foi desembarcar No porto da emboscada.

— Deus vos salvo Rei Afonso, Alto Rei de Sipantina, Aqui me tendes, Senhor, Para esposo de Paulina.

— De onde veio este homem Tão afoito e atrevido ? Como queres ser meu genro Recebes maior castigo.

Me peguem este homem Amarrarem bem amarrado, Enquanto se arma a força Pra êle ser enforcado.

— Esta noite em meu palácio Soluçava e não dormia, Pensando naquela ingrata Que tanto mal prometia.

Mulher ingrata, tirana, O' cruel desconhecida, Anda ver com os teus olhos Teu amor perder a vida.

O Rei subiu ao palácio Foi dizer à Bela Infanta, — Querida filha, vem ver, A morte do teu amante.

Paulina desceu o palácio Que mulher não parecia Em trajes de general General rei da Turquia Barras de aço em seu peito Que mil balas não rompiam.

Tirou do pai trinta peças Vinte bombas envenenadas E com seus passos ligeiros Descia na sua escada.

— Eu não vejo êsse Rei Dez corôas de brilhante Que tenha este poder De matar o meu amante.

Paulina disse aos criados: — Não queiram emrosocar Si o Afonso resistir Quero ver êle morrer.

O Afonso foi dizendo: — Haja fogo a meu mandado O general foi dizendo: — Haja bomba envenenada.

.....

Numa sepultura só Enterraram os dois amantes Na sepultura nasceram Lindas flores brilhantes.

O Afonso de malvado Por ser um cruel judeu Ninguém dê-lhe a sepultura No campo o urubú comeu,

NOTAS:

(1) Vicente T. Mendoza, *El Romance Español y el Corrido mexicano*, Ediciones de la Universidad Autonoma, Mexico, 1939, pags. 191-92.

(2) Op. cit. pg. 194.

(3) Opus. cit. pgs. 196-99

(4) Francisco Xavier de Ataíde Oliveira, *Romanceiro e Cancioneiro do Algarve*, Tip. Universal, Porto, 1905, pg. 312.

(5) a (9) Vicente T. Mendoza, *ops. cit. passim*.

(10) Alexina de Magalhães Pinto, *Os Nossos Brinquedos*, Coleção Icks, Lisboa, 1909, pg. 213.

(11) Francisco Rodrigues Marin, *Cantos Populares Espanoles*, Tomo I, pg. 74, ap. Mendoza.

(12) Vicente T. Mendoza, *ops. cit. pg. 246*.

(13) Alberto Faria, *Poesia Popular do Brasil*, in "Revista do Centro Academico Class. Letras e Artes", Campinas, S. Paulo, n.º XXIII-XXIV, 1910.

(14) Vicente T. Mendoza, *ops. cit. pg. 734-37*.

(15) Ataíde Oliveira, *ops. cit. pgs. 96-99*

PASTORAL

Não haverá de chuva senão a vidraça
E molhada, e longe. E dos rumores
As pernas frutíferas e velhas
— Adeus corações sem primavera!

O último trem parte, convida
E sacode o corpo pelas pontes
Além, nem poente nem leste
Apesar das narinas latejantes.

Deitarás o corpo, mas o rosto
— Haverá ainda aquele riacho?
— Onde Joãozinho meu camarada?
Apenas a manga amadurecida ao vento.

Entre as penas, no ventre brilham
Flapos de lá das ovelhas.
Apanharão a lágrima, não a infância
Os teus dedos decepados.

Repara o pastor, escurece a lembrança,
Há um atalho na frente, contudo
Volverás aos campos os olhos
E a estrada chamará coleante.

Felizes, sim, felizes os montes,
Lá — não apontes — lá onde os pífanos cantam
Em vez de reclinadas cabeças
Estudadas cabeças na sinfônica.

Enfrenta, filho pródigo, a soledade.
O cachorro deitado, relincham cavalos,
Sacode dos ombros os mormaços
Não detenhas a esperança frustrada.

E baterás o cajado. Nunca mais,
Nunca mais, porém, aquela rumba,
Só o céu claro e a folhagem,
Na sacola um livro de fábulas.

Adauto F. Gonçalves



O Gramofone

Oh, o gramofone está gravado na lembrança,
Canta todos os minutos do meu dia para acabar
Imorta porque repete-se no infinito,
Vale a pena reger-se a qualquer dispositivo
Caracolar, reger-se ao sentido, ao momento

O tempo do tempo reger-se a do gato Alcega
E o gato de mim ao tempo do gato Alcega,
Somente gato no alto vira, pimenta,
De um de outros gatos outros seus poderes,
A marca de São Paulo minha homenagem
O o gramofone, o gramofone o gramofone.

Oh, ninguém matou o gramofone,
A música antiga arranjada e polida,
Cantava sobre as nuvens de um dia,
Agora a vida voltou ao tempo do tempo,
Ficamos mudando, mudando, mudando tempo
Houve a vida para o momento,
Ficamos mudando o tempo.

A vida do gramofone abala como um dia,
Um gramofone e mais um dia seguinte
Se um minuto mais para o tempo.

Quero lembrar



NO CAIS

A barcaça adernada no canto do cais
Perto da ponte,
A velha barcaça,
Triste carcaça brilhando no cais.

A vida passou, nos mares correu.
Nos tempos perdidos, nos dias fugidos,
Os mestres sonharam em noites de lua,
Violas geraram canções de amor.
As velas rangeram na fúria dos ventos.
Na fúria dos ventos. Depois serenou.
Um bergo no mar, bofando nas águas
Ninando, cantando...

Nos portos distantes
Nas faces de liria
Lágrimas, sorrisos, lenços de adeus.
Carregou no ventre açúcar de engenho
Açúcar banguê, açúcar de escravo,
Solução de negro, solução de dor.

A maré é mais fria no fundo do rio.
No fundo do rio repousa um cadáver
Um fantasma do mar.
Borbulhas de ar dos pulmões vazios.
Na nécrea da morte
Gigante sem braços, dormindo no rio.

A barcaça adernada no canto do cais
Triste carcaça brilhando no cais.

Fialho de Oliveira



Renovação

RENOVAÇÃO

Renova continuamente a água da tua bilha,
ó insatisfeito caminhante,
que trazes o barro de tôdas as estradas
nos teus pés exaustos.
Mergulha o teu jarro
em cada fonte que encontrares no teu destino,
e segue,
sem voltar os olhos para trás,
nem recordar
arrastando os teus sonhos e as tuas miragens.
É preciso que a água gasta
e embaçada do cântaro que carregas
seja substituída,
para que não sintas o ardor do caminhar
nem o desespero do tempo,
nem a desilusão dos desejos,
nem a tortura da espera,
é não sintas a inutilidade dos teus anseios,
e não tenhas para medir a tua infelicidade
nem um termo de comparação,
nem um ponto de referência...

Maria do Carmo Barreto Campelo de Melo



SONETO

Tu, que sabes de cor os pobres versos
que as outras fiz antes de vir-te e amar-te,
e os transformastes em finas obras-de-arte,
ao pontilheiro de todos lábios torcos;

Tu, que não deste ouvidos aos parvosos,
enquanto corria mim um que baluarte,
o solista, mais, por toda parte,
a recolher os meus lauréis dispersos;

Tu, que abraçaste o fel em minha boca,
e me transportaste à vida da impiedade e louca
esta acaluna, esta serenidade;

quando sabei versos! e o que fiz outrora,
naqueles... que se em vão, somente agora
canto de amor e de felicidades!

1948

Supostista



NO RECIFE

Sinto por já sentir tudo perdido
uma vontade doida de ir-me embora,
sair cantando pelo mundo afora,
depois jogar-me no desconhecido.

Mas demoro a sair e essa demora
me torna cada vez mais constrangido,
lembrando meu esforço dispendido
desde o dia que fui até agora.

Por que não me entregar ao mar imenso
se preciso de sal e me convengo
nos meus sonhos que aqui nunca o terel?

— Que me falta? Será um companheiro?
E fico sem resposta o dia inteiro,
perdido no Recife onde me achei.

EDSON REGIS



POEMA

Amanhece.

Palra no ar um resto de noite

bocejando sôbre os mangues.

Lá bem longe pregados na lama

velhos mocambos esperam uma primeira missa

intrigando o rio e o arranha-céu.

Fernando Sousa Barros



A REDE

Não passarei jamais das tuas malhas
Não a de fibra em que balanceas
De um lado a outro do terraço
Não a da aranha a do lôgo
Volei tennis ping-pong
Não a que arrasta o peixe
A besta o pássaro a flor
Não a talarpaça em que fazes
Os teus bordados e as tuas
Louras tapeçarias

Nem a dos vasos a dos nervos
Nem a das comunicações
A dos navios
Nem a das canalizações subterrâneas
As de arame farpado
Tampouco
A dos baldes cativos ou
A dos esfaqueados lacradas como cartas

Nas tuas malhas sou e não sou
Me transformo em peixe em mosca
Em bola em fio em sangue em idéia
Em prisioneiro em guerreiro louco
Ou fico entre a vida e a morte
Em vão interpeio o outro
Viado um traje de malha e me balanceo
E ainda que salte do lugar mais alto

Abatê de Medeiros

Em Memória de Israel, o Poeta

☆☆ Francisco Julião ☆☆

A cidade recebeu, comovida, a notícia da morte de Israel Fonseca. É que já se habituara a ouvir o seu canto. Ele vinha todos os domingos com um daqueles sonetos em que se valia para derramar as notas do seu lirismo. Era pontual como o sabiá que elege certa árvore e oculto, entre suas folhas, põe-se a enternecer a gente com as suas queixas, a cada pôr de sol. Caiu Israel quando nem sequer atingira o cume da montanha. Ainda não ia em niço à jornada de sonhos e de rimas, quando tombou. Sobre o filho de ouro da sua inspiração veio o silêncio. Sabem seus íntimos como as curvas da sua lira caíram afinadas para os cantos da humildade e da renúncia, as notas características da sua musa. A última vez em que o viu já trazia nos olhos aquela doçura do cordeiro que se deixa molar sem um gesto de revolta. A vida fez dele o que bem quis. Deixou-se levar de olhos sempre postos naquelas estrélas que se derramam pela sua poesia em suaves constelações. Seguiu feito um peregrino sem pouso e sem destino ao sabor dos ventos como um barco desmantelado de tanto lutar com os vagalhões, mas por onde passava a terra florescia porque, nela, não semeava as sementes das urzes mas das messes doadas de que levava as mãos cheias.

Filho de um humilde flandrelheiro que ainda conheci, quando menino, na minha cidade natal, a soldar os seus candieiros, logo cedo Israel deu mostras dos seus pendores poéticos. Não tardou em deixar perdida nas harmoniosas colinas que guardam Bom-Jardim a sua meninice vagabunda e pobre para sair por esse mundo afóra que tanto lhe machucou o coração e os pés feriu em acerbos espinhos. Quanto mais o mundo "prático" massacrava-lhe o peito mais jorrava de dentro dele o doce tanto da renúncia e da humildade. Eis a sua atitude diante da vida, dos homens, do mundo:

"Despertei muito cedo para a vida; cedo, assim, me cansei da luta [glória... Como a de toda gente, a minha história é, porém, de ilusões entretrecida! Já cansado, inda em meio da subida, não volto o olhar à poeira [transitória... e, sem ter ambição de fama ou [suicida] também tenho gestos de Se meu mundo interior também [me engana,

ódio não devo ter à espécie humana, nem me pönho a chorar, como [um vencido... E se tudo me mente e me molesta, a mais perfeita convicção me resta de jamais a mim mesmo haver [mentido!"]

Feliz como éle o foi só os poetas. Somentes os poetas que fazem da sua poesia a única razão de ser, o principio e o fim, o efêmero e o eterno, o agora e o nunca. E da poesia, a quem chamava de eterna enamorada, disse Israel:

"Bem hajás, pois, ó doce, ó muda [companheira que fazes que eu me baste e [sempre, apenas queira tudo que o mundo nega e só tu [podes dar..."]

Acreditava no amor, no amor-sufriemento, como soube exprimir-se com tamanha beleza e simplicidade nesses versos:

"Só depois de golpeado é que posso o solo. Assim, também, é no [momento, da dor suprema, do maior tormento, que a alma de luz e de perfume [inundo.

Amá, pois, e que seja a tua [máguca como aquêle pequeno veio d'água que, esmagado entre pedras, vai [cantando..."]

Sobre a dor eis como extenuou-se:

"Não lamentos a dor que te faz [sofrer tanto! Tens no teu desencanto o teu [maior encanto! Teus olhos brilham mais quando [estão rasos d'água!"]

Noutro soneto diz assim:

"Construí um mundo à parte e [vai cantando, que estrélas surgirão, de certo, [em bando, da fogueira ritual da tua dor."

Viveu sempre torturado por causa da miséria humana. Contrangia-o o espetáculo do mundo impassível e indiferente ao sofrimento, à dor. Exasperava-se com a sua brutalidade. Clamava para que houvesse piedade e florescesse o bem e o amor brotasse. Esquecia-se de si, dos seus deveres elementares, para dar-se todo aos assomos do seu estro, expandindo-se em versos da mais profunda exaltação ao bem, como se sonhasse com as suas mensagens tocar nas mais sensíveis cordas do coração da



Israel Fonseca

gente. Acreditava ser possível brotar da rocha a linha pura da bondade sob o toque mágico da poesia. Morreu acalentando em seus versos essa doce ilusão. Foi um cristão no bom sentido da palavra. Era assim que se julgava:

"Não sei que absurda, que [teríveis taras me perseguem na vida! Eu [ponho em cada verso toda a bondade que anda, [esparsa, no universo, e meus poemas amargam como [fel Custa tanto ser bom! Pobre [Israel!"]

Amou o seu torrão natal, com aquela ingenuidade e aquêle êlvo que somente os poetas levam consigo. Quando mergulhava a sua pena nas tintas do seu passado, as mais delicadas notas espalhavam-se ao seu redor, como se fóra o gorgear dos pássaros ou a alacridade das crianças. Encolhiase todo naquela idéia fixa de um regresso à infância, ao aruando pobre em que viveu.

"Eu queria voltar, Senhor. Sei [que só um regresso aos tempos de menino é que [me pôde dar

o direito à ventura, à paz dos [dias claros, dos dias quasi sem rumores da pequena cidade em que nasci.

Eu queria voltar, Senhor, [aquêla doce tranqüilidade de aruado pobre, Aquêla mansuetude de sol posto, com dobras lentos e solenes do sino da matriz...

Eu queria voltar à pureza das [coisas, dos veios d'água de murmúrio [manso, das manhãs polifônicas, [cheias de sol, de flores e de [ninhos".

Ainda um dia dêsses, um amigo comum narrou-me que, certa noite de São João, já distante, indo o poeta a Bom-Jardim, fóra convidado a participar de uma festa. Havia luar. Os meninos brincavam no terreiro. Israel assistia a tôda aquêla ruidosa alegria com um ar distante. Alguém insistiu para que éle recitasse uns versos. Israel compôs, ali mesmo, de improviso, um soneto que esse meu amigo decorou e ainda hoje recita emocionado, com lágrimas nos olhos. Aqui está o soneto.

"Este luar é tão lindo que [atorda

Faz a gente ficar maravilhado Minha alma tem desejos de ser [boa, Noite, assim, tôda enluarada

Lembro a infância, distante, a [meninada A correr livre pela rua, à toa, "Boca de forno, forno..." E a luz prateada Do céu jorrava. Mas o tempo voa.

Minhas calças curtas, [desprezei-as Por outras longas, fúnebres e [feias Que foram o meu maior [deslumbramento

Mas fui crescendo e quanto [mais crescia Mais a felicidade em mim [diminuiu Mais crescia comigo o [sofriemento".

Veio buscá-lo a morte ainda muito cedo, desde que a sua musa não estacara, musa que quanto mais era esmagada pela vida, mais cantava, como aquêle carro de bois, de que nos fala Alberto de Oliveira. O eco dos seus sofrimentos, das duras privações de artista desamparado neste País em que os que sonham têm de viver como as cigarras, acalentando os outros com as suas penas, chegou tarde demais. Pôde, ainda, no entanto um entêrro condigno e que se louve a lembrança do governo não deixando que Israel fósse levado para o cemitério como um pobre diabo qualquer dêsses que não trazem na alma o murmúrio das Águas e a cintilação das estrélas. Gestos de caridade como êsses redimem os mais impenitentes pecadores. Se a Israel fósse dado assistir o seu próprio entêrro como ficaria espantado em verificar que nem tudo está perdido neste vale de lágrimas. Diz-se que o governo deseja completar a sua obra, amparando os filhos do poeta. Nada mais justo, necessário e urgente. É preciso ao menos que essa lição seja dada às gerações que escrevem versos por dilettantismo e zombam dos poetas. Israel morreu acreditando no milagre do amor filial.

"Eis-me aquí, fatigado da árdua [lida, levando ao lar apenas [decepção. Em tôda parte e a todo [instante, a vida dá glória aos maus e [humilhação aos bons

Os membros lassos, a alma [combalida, mortas as mais radiosas [ilusões, levo para o meu lar, como [suicida, todo, um cortejo de alucinações.

Mas eis-que, mal penetro em [casa, o bando de meus filhos me assalta, [disparando essas visões tânticas de Póe.

E para nova vida os olhos abro: foi-se-me o sonho trágico e macabro! Mas Deus vos abençoe!

Tudo o que sonhou foi para os filhos a quem confessava: "Sou apenas um poeta [descontente que aspira, na amargura do presente, a um futuro melhor para vocês".

Bem pouco pôde fazer por êles o passado que, um dia, deixou o Curato de Bom-Jardim, levando, porém, dentro do peito a harmonia dos seus sonhos, a doçura de suas fontes, o tanger dos seus sinos, o deslumbramento das suas madrugada, dos seus crepúsculos, das suas noites enluaradas, a humildade da tenda em que nasceu, aliado por um candieiro que o seu próprio pai fizera com as mãos rudes e honestas. Fez, no entanto, muito pela sua arte. Elevou bem alto o nome de Pernambuco. Foi um autêntico, um legítimo poeta. Seus sonetos, muitos deles impiedáveis, podem figurar em qualquer antologia. "O Sapó", "A Queimada", "O Rio", bastariam essas três jóias do seu escrinio para consagrá-lo como um eleito das musas.

Até a miséria não deixou de bater à sua porta, como bateu à porta de Luiz de Camões, de Póe, de tantos e tantos artistas a quem o mundo só consagra depois da sua morte. Desse sina não escaparam os gênios maiores da arte.

Pena é que a morte — ela também — não tenha vindo buscar o poeta, já que assim devia ser, se é que estava trizado, em uma tarde de agosto, como éle próprio desejava.

"Tarde manas de agosto! Ah! [quem me dêra, neste prejúdio azul da primavera, cerrar os olhos meus, para [morrer!"

CONTRAPONTO

Está em circulação o número 9 da revista "Contraponto", dirigida pelo teatrólogo Waldemar de Oliveira. Nesse número, muito bem apresentado, publica trabalhos originaes de Gastão de Holanda, Guerra de Holanda, Mário Sette, Hermílio Borba Filho, Bandeira da Costa e Waldemar de Oliveira, além de reportagens e ilustrações, reprodução de quadros, etc. Um bom número.

Vista com distinção e com elegância comprando o seu vestuário nas



LOJAS PAULISTA

Voiles, fantasias, cambraias finas, brins de linho, "panamá", sedas, musselinas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

EXPRESSIVA HOMENAGEM PRESTARAM AS CLASSES CONSERVADORAS DO ESTADO, AO SR. JOSÉ PESSOA DE QUEIROZ

“ESTA FESTA NÃO É UMA SIMPLES FORMALIDADE; TRADUZ UM ATO CONSCIENTE DE JUSTIÇA, DE RECONHECIMENTO E DE COMPREENSÃO”



O sr. José Pessoa de Queiroz ladoado pelo senador Vitorino Freire e pelo sr. Barros Barreto, secretário da Agricultura

O industrial José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco e figura da maior projeção nos meios econômicos do país, foi alvo de uma justa e significativa homenagem, na noite de ontem, quando os industriais açucareiros e plantadores de cana deste Estado ofereceram ao digno e operoso industrial pernambucano um suntuoso banquete de 230 ta-heras, da 2ª e meia horas, no Clube Internacional.

A carinhosa manifestação de apoio e simpatia, bem valeu como reconhecimento aos inestimáveis serviços que o sr. José Pessoa de Queiroz vem prestando, para a solução dos problemas ligados aos interesses da economia pernambucana. Tudo transcorreu num ambiente de mais fina espiritualidade e distinção social e, entre as numerosas pessoas presentes, a reportagem do JORNAL DO COMMERÇIO conseguiu anotar as que se seguem: José Pessoa de Queiroz; dr. Luiz Antônio de Barros Barreto, secretário da Agricultura, representando o exmo. sr. governador do Estado; general Cláudio Caldas, comandante da Sétima Região Militar; general Caiado de Castro, comandante da Sétima Divisão de Infantaria; senador Vitorino Freire, representando o presidente da República; dr. P. Pessoa de Queiroz, diretor do JORNAL DO COMMERÇIO, “Diário da Noite” e diretor-superintendente do Rádio JORNAL DO COMMERÇIO; sr. J. M. de Mattos, diretor do Banco da Borracha; representante o produtor de Alameda Guiana, representando os produtores açucareiros de São Paulo; dr. J. P. de Lapa, representando os produtores açucareiros do Estado do Rio; dr. Alfredo de Mayu, representando os produtores açucareiros; dr. Renato Ribeiro Coutinho, representando os produtores paraibanos; prefeito Mouris Régis, dr. João Roma, secretário da Segurança Pública; desembargador Orlando de Aguiar, presidente do Tribunal de Justiça do Estado; vereador Galvão Raposo, presidente da Câmara Municipal do Recife; deputado Armindo Monteiro, dr. G. Maranhão, dr. Mário Pena, sr. Oscar Jacy, inspetor da Alfândega; Artur Goulart, gerente do Banco do Brasil; Benício Dias Paulo Cabral de Melo, professor Murilo Guimarães; Amílcar R. M. Siqueira, comandante do 1.º Batalhão de Assis, Arnóbio Gimra, João Euzébio Filho, Silvano Queiroz, Antônio Coutinho, José Lacerda, Alfredo Vieira, Humberto Oliveira, Albino A. Silva, Alvaro Oliveira, Leopoldo Pedroza, Luiz Dubusaux, Agripino de Castro, Lafayette Bandeira, Joaquim Carneiro da Cunha, Eduardo Amorim, José Epitácio Godinho, Jaime Monteiro, Plácido, Gouveia de Melo, Pedro Jorge P. de Melo, Alfredo Bandeira, José B. Bandeira, José H. Queiroz, M. M. Batista da Silva,

vs. José Eustáquio, Artur Cisneros Severino Carneiro, Antônio Stampini, Joaquim Gouveia, Antônio Pereira, Armando Monteiro Filho, Alzir Leal, Nelson Barbosa, Moisés Cavalcanti, Manoel Valença, José Adolfo Pessoa de Queiroz, Mário Monteiro, Luiz Infância, Mouris Oliveira, Valdemar Rozende, Luiz Rio, José Bandeira, Moreira Neto, Stênio de Oliveira, Teófilo de Barros Filho, diretor-superintendente do Rádio JORNAL DO COMMERÇIO; José Guimarães, Humberto Costa Pinto, Mário Azevedo, Alvaro Azevedo, Décio Fonseca, Raimundo Torreão, Ribeiro Pessoa, Fernando P. Melo, Fernando Maranhão, Toledo Piza, Francisco Veriz, Renato Silveira, Benedito Diniz, José de Paula Lopes, João Lopes de Siqueira Santos, José Lopes de Siqueira Santos, “Ônibus Lapa, Olívio Marajo, Amândeo Marrojo, Euclides Metas, José Luiz da Silveira Barros, Arnaldo Fonseca, Augusto Otaviano, Diniz Perillo, Jaime Lolo, Jaime Lolo Filho, Othon Bezerra de Melo Junior, Artur Loureiro, Alberto Bezerra de Melo, Romildo Carvalho, Manuel Clementino Carneiro da Cunha, Zildo Maranhão, Antônio Fontes, Amaro Pedrosa, Vicente Gouveia, Apulcro Assunção, Paulo de Couto Malta, R. H. Dobson, Antígones Chaves, Benedito Coutinho, Bernardo Melo, João Santos, Saul Antunes, Mário Fontes, Costa Sousa, Pedro Malta, Joaquim Bandeira, Cordeiro Lima, Mateus Vaz, Artur Pio dos Santos, Fernando Sá, Hildebrando Breckenfeld, Frederico Maranhão, Júlio Maranhão, Júlio Maranhão Filho, Jefferson de Sousa, Olívio Moraes, José Fernandes Filho, Antônio Valença, Carlos Selva, Haroldo C. Barreto, Eugênio de Paula, Benjamin Tachnicki, Aluizio Santos e outras numerosas outras pessoas de projeção em todos os nossos círculos social e que a nossa reportagem foi impossível anotar.

Durante o banquete, o quarteto italiano, composto de músicos exclusivos do Rádio JORNAL DO COMMERÇIO e de outros industriais do açúcar, pela cidade emissora executou o seguinte programa: L. Boccherini — Quarteto V. in La maggiore Op. 38 N.º 6 — Allegro — Andantino — Minuetto — Finale. Beethoven — Beethoven in Fa maggiore — Violino e Piano. Handel — Perchon — Menuet — Alcina. Kozeluch — Pochon — Andante — Allegro. Chopin — Pochon — Lullaby. Schubert — Ave Maria — Violino e Piano. Dvorak — Quarteto — Op. 96 — Lento dal Quarteto Americano. Alfredo Pochon — Chanson de l’Hospedaria. Grieg — Pochon — Gavotte Paganini — Capriccio n.º 13 Pizzicato. OS DISCURSOS Saudando o sr. José Pessoa de Queiroz, o sr. Antígones Chaves proferiu o seguinte discurso:

— solidariedade crescente. Já podemos nos felicitar por este saudável e promissor ambiente de confraternização. A obra admirável que não tem autor conhecido, que será de muitos, que será filha, talvez, de erros e sofrimentos, com a significação de uma experiência vivida, a indicar o caminho certo, não fica só em Pernambuco, mas se estende, também, a outras regiões produtoras de açúcar do país, aqui representadas. O reconhecimento que se vai aperfeiçoando entre os produtores açucareiros dessas várias regiões, com seus característicos físicos e morais inalienáveis; as advertências agudas da experiência, por eles adquirida, traduzindo-se em melhor compreensão dos interesses próprios e comuns; o progresso das relações entre os homens e, até, entre os povos civilizados que evoluem da política da boa vizinhança para a da convivência, nos dão, nem só a perspectiva, nos dão a plena segurança de que nos achamos, usineiros e canavieiros pernambucanos, paulistas, mineiros, paraibanos, alagoanos, fluminenses, a bom caminho de realização do ideal da “homogeneidade na diversidade”. Parece que estamos a viver, transplantada para o Brasil, a observação penetrante e sugestiva de Madariaga: varia, porém uma, a terra, varia, porém um, o povo. E que as classes açucareiras e canavieiras estão tomando sentido da sua função relevante, não só no plano econômico e social, também no plano político, advertidas da ingente tarefa de organização de sua defesa e do esclarecimento da opinião e dos poderes públicos. Conhecendo a realidade ao vivo, em contacto com a terra, com as máquinas, com os elementos de produção e os de trabalho, sentindo-lhes as grandezas ou as deficiências, sondando-lhes os segredos, experimentando as soluções, as classes produtoras, conscientes também de seus deveres sociais e do interesse geral, têm uma palavra a dizer e a ser ouvida, na solução dos problemas que afetam e interessam a nossa ordem econômica. Sabeis como certas soluções preconizadas, às vezes de boa fé, tantas outras vezes, sob a inspiração de prevenções ou de preconceitos ideológicos, quase sempre através da importação de teorias alienígenas e inadequáveis ao nosso meio ou às peculiaridades regionais, até de zonas que variam dentro da mesma região, são falhas, são demostões, quando não são simplesmente impraticáveis ou irrisórias. Quantas dessas soluções são preconizadas, que se propagam ao modo das pragas, doer na própria terra, porque se traduzem em espoliação de muitos dos nossos solos de fertilidade rasa. De uma fertilidade à fibra da própria terra. Temos lido e temos ouvido, com insistência pertinaz, a cantilena monótona de que Pernambuco é um Estado monocultor

— de cana de açúcar. No entanto, dados estatísticos recentes e autênticos, fornecidos pelo Departamento de Estatística Estadual, falam linguagem bem diversa daquela outra. Em 1944, a área cultivada com milho era de 155.057 hectares, a de algodão em caroço de cento e vinte e dois mil e quinhentos, superiores, uma e outra, a área da cana de açúcar de cento e treze mil seiscientos e oito hectares. Em 1947, o milho mantém a primazia com uma área cultivada de duzentos e trinta e dois mil trezentos e dezesseis hectares, seguindo-se-lhe a de algodão com cento e setenta e dois mil quinhentos e dez, enquanto a do açúcar ocupava o terceiro lugar com cento e cinquenta e seis mil e seiscientos hectares. Recensadas, além dessas áreas, as áreas de abacaxi, mamona, feijão, café em grão, tomate, côco, mandioca e cará, encontramos uma área total ainda em 1947, cultivada só com essas culturas, de seiscientos e noventa e três hectares, representando, sobre a de açúcar, um excesso de quatrocentos e setenta e nove mil novecentos e noventa e três hectares. Os mesmos dados estatísticos revelam, no período de 1943 a 1947, o crescimento assencional na produção do algodão, em caroço (quarenta e seis mil seiscientos e setenta e duas toneladas e setenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas) e do milho (duzentas e trinta e duas toneladas e quatrocentos e cinquenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas), com uma variação considerável nos respectivos valores de quarenta e nove milhões e cinco mil cruzeiros para cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros; do milho 268.000 para 189.157 toneladas; da mandioca, da mamona, do feijão, do abacaxi, do cará; do côco (254.610 para 290.000 centos), com majoração no respectivo valor de quase duas vezes e meia. No mesmo ano de 1947, a produção de fição e tecelagem, com 21 fábricas em atividade, apresentava estes números altivos: a demonstrarem, ainda da mais, que nem só de açúcar se cuida em Pernambuco; cento e trinta e três milhões seiscientos e oitenta mil toneladas e sete milhões novecentos e vinte e sete mil duzentos e setenta e três sacos e quatro milhões setenta e dois mil e setenta e quatro quilos de fios, num valor global de quinhentos e dezesseis milhões quatrocentos e setenta e sete mil e quatrocentos e setenta e sete cruzeiros. A produção de óleo e subprodutos, no mesmo ano de 1947, ostenta-se com o valor global de duzentos e cinquenta e dois milhões trezentos e vinte e seis mil seiscientos e quarenta e seis cruzeiros. A produção açucareira das usinas do Estado elevou-se de quatro milhões setecentos e vinte e dois mil quinhentos e sessenta e nove, na safra 1944/45, para sete milhões setecentos e sessenta e dois mil duzentos e setenta e sete cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48.

— de cana de açúcar. No entanto, dados estatísticos recentes e autênticos, fornecidos pelo Departamento de Estatística Estadual, falam linguagem bem diversa daquela outra. Em 1944, a área cultivada com milho era de 155.057 hectares, a de algodão em caroço de cento e vinte e dois mil e quinhentos, superiores, uma e outra, a área da cana de açúcar de cento e treze mil seiscientos e oito hectares. Em 1947, o milho mantém a primazia com uma área cultivada de duzentos e trinta e dois mil trezentos e dezesseis hectares, seguindo-se-lhe a de algodão com cento e setenta e dois mil quinhentos e dez, enquanto a do açúcar ocupava o terceiro lugar com cento e cinquenta e seis mil e seiscientos hectares. Recensadas, além dessas áreas, as áreas de abacaxi, mamona, feijão, café em grão, tomate, côco, mandioca e cará, encontramos uma área total ainda em 1947, cultivada só com essas culturas, de seiscientos e noventa e três hectares, representando, sobre a de açúcar, um excesso de quatrocentos e setenta e nove mil novecentos e noventa e três hectares. Os mesmos dados estatísticos revelam, no período de 1943 a 1947, o crescimento assencional na produção do algodão, em caroço (quarenta e seis mil seiscientos e setenta e duas toneladas e setenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas) e do milho (duzentas e trinta e duas toneladas e quatrocentos e cinquenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas), com uma variação considerável nos respectivos valores de quarenta e nove milhões e cinco mil cruzeiros para cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros; do milho 268.000 para 189.157 toneladas; da mandioca, da mamona, do feijão, do abacaxi, do cará; do côco (254.610 para 290.000 centos), com majoração no respectivo valor de quase duas vezes e meia. No mesmo ano de 1947, a produção de fição e tecelagem, com 21 fábricas em atividade, apresentava estes números altivos: a demonstrarem, ainda da mais, que nem só de açúcar se cuida em Pernambuco; cento e trinta e três milhões seiscientos e oitenta mil toneladas e sete milhões novecentos e vinte e sete mil duzentos e setenta e três sacos e quatro milhões setenta e dois mil e setenta e quatro quilos de fios, num valor global de quinhentos e dezesseis milhões quatrocentos e setenta e sete mil e quatrocentos e setenta e sete cruzeiros. A produção de óleo e subprodutos, no mesmo ano de 1947, ostenta-se com o valor global de duzentos e cinquenta e dois milhões trezentos e vinte e seis mil seiscientos e quarenta e seis cruzeiros. A produção açucareira das usinas do Estado elevou-se de quatro milhões setecentos e vinte e dois mil quinhentos e sessenta e nove, na safra 1944/45, para sete milhões setecentos e sessenta e dois mil duzentos e setenta e sete cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48.

— de cana de açúcar. No entanto, dados estatísticos recentes e autênticos, fornecidos pelo Departamento de Estatística Estadual, falam linguagem bem diversa daquela outra. Em 1944, a área cultivada com milho era de 155.057 hectares, a de algodão em caroço de cento e vinte e dois mil e quinhentos, superiores, uma e outra, a área da cana de açúcar de cento e treze mil seiscientos e oito hectares. Em 1947, o milho mantém a primazia com uma área cultivada de duzentos e trinta e dois mil trezentos e dezesseis hectares, seguindo-se-lhe a de algodão com cento e setenta e dois mil quinhentos e dez, enquanto a do açúcar ocupava o terceiro lugar com cento e cinquenta e seis mil e seiscientos hectares. Recensadas, além dessas áreas, as áreas de abacaxi, mamona, feijão, café em grão, tomate, côco, mandioca e cará, encontramos uma área total ainda em 1947, cultivada só com essas culturas, de seiscientos e noventa e três hectares, representando, sobre a de açúcar, um excesso de quatrocentos e setenta e nove mil novecentos e noventa e três hectares. Os mesmos dados estatísticos revelam, no período de 1943 a 1947, o crescimento assencional na produção do algodão, em caroço (quarenta e seis mil seiscientos e setenta e duas toneladas e setenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas) e do milho (duzentas e trinta e duas toneladas e quatrocentos e cinquenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas), com uma variação considerável nos respectivos valores de quarenta e nove milhões e cinco mil cruzeiros para cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros; do milho 268.000 para 189.157 toneladas; da mandioca, da mamona, do feijão, do abacaxi, do cará; do côco (254.610 para 290.000 centos), com majoração no respectivo valor de quase duas vezes e meia. No mesmo ano de 1947, a produção de fição e tecelagem, com 21 fábricas em atividade, apresentava estes números altivos: a demonstrarem, ainda da mais, que nem só de açúcar se cuida em Pernambuco; cento e trinta e três milhões seiscientos e oitenta mil toneladas e sete milhões novecentos e vinte e sete mil duzentos e setenta e três sacos e quatro milhões setenta e dois mil e setenta e quatro quilos de fios, num valor global de quinhentos e dezesseis milhões quatrocentos e setenta e sete mil e quatrocentos e setenta e sete cruzeiros. A produção de óleo e subprodutos, no mesmo ano de 1947, ostenta-se com o valor global de duzentos e cinquenta e dois milhões trezentos e vinte e seis mil seiscientos e quarenta e seis cruzeiros. A produção açucareira das usinas do Estado elevou-se de quatro milhões setecentos e vinte e dois mil quinhentos e sessenta e nove, na safra 1944/45, para sete milhões setecentos e sessenta e dois mil duzentos e setenta e sete cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48.

— de cana de açúcar. No entanto, dados estatísticos recentes e autênticos, fornecidos pelo Departamento de Estatística Estadual, falam linguagem bem diversa daquela outra. Em 1944, a área cultivada com milho era de 155.057 hectares, a de algodão em caroço de cento e vinte e dois mil e quinhentos, superiores, uma e outra, a área da cana de açúcar de cento e treze mil seiscientos e oito hectares. Em 1947, o milho mantém a primazia com uma área cultivada de duzentos e trinta e dois mil trezentos e dezesseis hectares, seguindo-se-lhe a de algodão com cento e setenta e dois mil quinhentos e dez, enquanto a do açúcar ocupava o terceiro lugar com cento e cinquenta e seis mil e seiscientos hectares. Recensadas, além dessas áreas, as áreas de abacaxi, mamona, feijão, café em grão, tomate, côco, mandioca e cará, encontramos uma área total ainda em 1947, cultivada só com essas culturas, de seiscientos e noventa e três hectares, representando, sobre a de açúcar, um excesso de quatrocentos e setenta e nove mil novecentos e noventa e três hectares. Os mesmos dados estatísticos revelam, no período de 1943 a 1947, o crescimento assencional na produção do algodão, em caroço (quarenta e seis mil seiscientos e setenta e duas toneladas e setenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas) e do milho (duzentas e trinta e duas toneladas e quatrocentos e cinquenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas), com uma variação considerável nos respectivos valores de quarenta e nove milhões e cinco mil cruzeiros para cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros; do milho 268.000 para 189.157 toneladas; da mandioca, da mamona, do feijão, do abacaxi, do cará; do côco (254.610 para 290.000 centos), com majoração no respectivo valor de quase duas vezes e meia. No mesmo ano de 1947, a produção de fição e tecelagem, com 21 fábricas em atividade, apresentava estes números altivos: a demonstrarem, ainda da mais, que nem só de açúcar se cuida em Pernambuco; cento e trinta e três milhões seiscientos e oitenta mil toneladas e sete milhões novecentos e vinte e sete mil duzentos e setenta e três sacos e quatro milhões setenta e dois mil e setenta e quatro quilos de fios, num valor global de quinhentos e dezesseis milhões quatrocentos e setenta e sete mil e quatrocentos e setenta e sete cruzeiros. A produção de óleo e subprodutos, no mesmo ano de 1947, ostenta-se com o valor global de duzentos e cinquenta e dois milhões trezentos e vinte e seis mil seiscientos e quarenta e seis cruzeiros. A produção açucareira das usinas do Estado elevou-se de quatro milhões setecentos e vinte e dois mil quinhentos e sessenta e nove, na safra 1944/45, para sete milhões setecentos e sessenta e dois mil duzentos e setenta e sete cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48.

— de cana de açúcar. No entanto, dados estatísticos recentes e autênticos, fornecidos pelo Departamento de Estatística Estadual, falam linguagem bem diversa daquela outra. Em 1944, a área cultivada com milho era de 155.057 hectares, a de algodão em caroço de cento e vinte e dois mil e quinhentos, superiores, uma e outra, a área da cana de açúcar de cento e treze mil seiscientos e oito hectares. Em 1947, o milho mantém a primazia com uma área cultivada de duzentos e trinta e dois mil trezentos e dezesseis hectares, seguindo-se-lhe a de algodão com cento e setenta e dois mil quinhentos e dez, enquanto a do açúcar ocupava o terceiro lugar com cento e cinquenta e seis mil e seiscientos hectares. Recensadas, além dessas áreas, as áreas de abacaxi, mamona, feijão, café em grão, tomate, côco, mandioca e cará, encontramos uma área total ainda em 1947, cultivada só com essas culturas, de seiscientos e noventa e três hectares, representando, sobre a de açúcar, um excesso de quatrocentos e setenta e nove mil novecentos e noventa e três hectares. Os mesmos dados estatísticos revelam, no período de 1943 a 1947, o crescimento assencional na produção do algodão, em caroço (quarenta e seis mil seiscientos e setenta e duas toneladas e setenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas) e do milho (duzentas e trinta e duas toneladas e quatrocentos e cinquenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas), com uma variação considerável nos respectivos valores de quarenta e nove milhões e cinco mil cruzeiros para cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros; do milho 268.000 para 189.157 toneladas; da mandioca, da mamona, do feijão, do abacaxi, do cará; do côco (254.610 para 290.000 centos), com majoração no respectivo valor de quase duas vezes e meia. No mesmo ano de 1947, a produção de fição e tecelagem, com 21 fábricas em atividade, apresentava estes números altivos: a demonstrarem, ainda da mais, que nem só de açúcar se cuida em Pernambuco; cento e trinta e três milhões seiscientos e oitenta mil toneladas e sete milhões novecentos e vinte e sete mil duzentos e setenta e três sacos e quatro milhões setenta e dois mil e setenta e quatro quilos de fios, num valor global de quinhentos e dezesseis milhões quatrocentos e setenta e sete mil e quatrocentos e setenta e sete cruzeiros. A produção de óleo e subprodutos, no mesmo ano de 1947, ostenta-se com o valor global de duzentos e cinquenta e dois milhões trezentos e vinte e seis mil seiscientos e quarenta e seis cruzeiros. A produção açucareira das usinas do Estado elevou-se de quatro milhões setecentos e vinte e dois mil quinhentos e sessenta e nove, na safra 1944/45, para sete milhões setecentos e sessenta e dois mil duzentos e setenta e sete cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48.

da realidade, prevendo ainda a favor do açúcar. Este confronto, embora impreciso, fornece-nos a perspectiva da importância preponderante que todos bem conhecemos, da indústria açucareira na economia do Estado. Podemos, já agora, antecipar a conclusão de que o atual, uma depressão que seja, na nossa indústria açucareira se refletirá, naturalmente, em toda a economia — economia privada e economia pública, na vida mesma de Pernambuco.

Fala-se, por todos os cantos, que o Brasil é o país dos latifúndios, que o latifúndio é o responsável pela monocultura e é culpado de tudo quanto é mal físico ou moral; fala-se em distribuição de terras, na fixação do homem ao campo por meio das culturas domésticas, inevitavelmente empíricas e, em determinadas zonas, precárias, em ruínas; fala-se que a situação está na pequena produção; muitos não se detêm e já se sentem a destruição da grande empresa, declarando morte ao grande, até mesmo, ao médio proprietário, que, em verdade, tem uma sorte comum. Dados recentes revelam, entretanto, que 90% das propriedades recensadas no Brasil — recenseamento de 1946 — são de área inferior a 200 hectares; as propriedades em maior número — 455.057 — são de áreas entre 20 e 50 hectares; apenas 37 propriedades, em todo este país, têm proporções continentais, (também) com uma variação considerável nos respectivos valores de quarenta e nove milhões e cinco mil cruzeiros para cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros; do milho 268.000 para 189.157 toneladas; da mandioca, da mamona, do feijão, do abacaxi, do cará; do côco (254.610 para 290.000 centos), com majoração no respectivo valor de quase duas vezes e meia. No mesmo ano de 1947, a produção de fição e tecelagem, com 21 fábricas em atividade, apresentava estes números altivos: a demonstrarem, ainda da mais, que nem só de açúcar se cuida em Pernambuco; cento e trinta e três milhões seiscientos e oitenta mil toneladas e sete milhões novecentos e vinte e sete mil duzentos e setenta e três sacos e quatro milhões setenta e dois mil e setenta e quatro quilos de fios, num valor global de quinhentos e dezesseis milhões quatrocentos e setenta e sete mil e quatrocentos e setenta e sete cruzeiros. A produção de óleo e subprodutos, no mesmo ano de 1947, ostenta-se com o valor global de duzentos e cinquenta e dois milhões trezentos e vinte e seis mil seiscientos e quarenta e seis cruzeiros. A produção açucareira das usinas do Estado elevou-se de quatro milhões setecentos e vinte e dois mil quinhentos e sessenta e nove, na safra 1944/45, para sete milhões setecentos e sessenta e dois mil duzentos e setenta e sete cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48.

— de cana de açúcar. No entanto, dados estatísticos recentes e autênticos, fornecidos pelo Departamento de Estatística Estadual, falam linguagem bem diversa daquela outra. Em 1944, a área cultivada com milho era de 155.057 hectares, a de algodão em caroço de cento e vinte e dois mil e quinhentos, superiores, uma e outra, a área da cana de açúcar de cento e treze mil seiscientos e oito hectares. Em 1947, o milho mantém a primazia com uma área cultivada de duzentos e trinta e dois mil trezentos e dezesseis hectares, seguindo-se-lhe a de algodão com cento e setenta e dois mil quinhentos e dez, enquanto a do açúcar ocupava o terceiro lugar com cento e cinquenta e seis mil e seiscientos hectares. Recensadas, além dessas áreas, as áreas de abacaxi, mamona, feijão, café em grão, tomate, côco, mandioca e cará, encontramos uma área total ainda em 1947, cultivada só com essas culturas, de seiscientos e noventa e três hectares, representando, sobre a de açúcar, um excesso de quatrocentos e setenta e nove mil novecentos e noventa e três hectares. Os mesmos dados estatísticos revelam, no período de 1943 a 1947, o crescimento assencional na produção do algodão, em caroço (quarenta e seis mil seiscientos e setenta e duas toneladas e setenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas) e do milho (duzentas e trinta e duas toneladas e quatrocentos e cinquenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas), com uma variação considerável nos respectivos valores de quarenta e nove milhões e cinco mil cruzeiros para cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros; do milho 268.000 para 189.157 toneladas; da mandioca, da mamona, do feijão, do abacaxi, do cará; do côco (254.610 para 290.000 centos), com majoração no respectivo valor de quase duas vezes e meia. No mesmo ano de 1947, a produção de fição e tecelagem, com 21 fábricas em atividade, apresentava estes números altivos: a demonstrarem, ainda da mais, que nem só de açúcar se cuida em Pernambuco; cento e trinta e três milhões seiscientos e oitenta mil toneladas e sete milhões novecentos e vinte e sete mil duzentos e setenta e três sacos e quatro milhões setenta e dois mil e setenta e quatro quilos de fios, num valor global de quinhentos e dezesseis milhões quatrocentos e setenta e sete mil e quatrocentos e setenta e sete cruzeiros. A produção de óleo e subprodutos, no mesmo ano de 1947, ostenta-se com o valor global de duzentos e cinquenta e dois milhões trezentos e vinte e seis mil seiscientos e quarenta e seis cruzeiros. A produção açucareira das usinas do Estado elevou-se de quatro milhões setecentos e vinte e dois mil quinhentos e sessenta e nove, na safra 1944/45, para sete milhões setecentos e sessenta e dois mil duzentos e setenta e sete cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48.

— de cana de açúcar. No entanto, dados estatísticos recentes e autênticos, fornecidos pelo Departamento de Estatística Estadual, falam linguagem bem diversa daquela outra. Em 1944, a área cultivada com milho era de 155.057 hectares, a de algodão em caroço de cento e vinte e dois mil e quinhentos, superiores, uma e outra, a área da cana de açúcar de cento e treze mil seiscientos e oito hectares. Em 1947, o milho mantém a primazia com uma área cultivada de duzentos e trinta e dois mil trezentos e dezesseis hectares, seguindo-se-lhe a de algodão com cento e setenta e dois mil quinhentos e dez, enquanto a do açúcar ocupava o terceiro lugar com cento e cinquenta e seis mil e seiscientos hectares. Recensadas, além dessas áreas, as áreas de abacaxi, mamona, feijão, café em grão, tomate, côco, mandioca e cará, encontramos uma área total ainda em 1947, cultivada só com essas culturas, de seiscientos e noventa e três hectares, representando, sobre a de açúcar, um excesso de quatrocentos e setenta e nove mil novecentos e noventa e três hectares. Os mesmos dados estatísticos revelam, no período de 1943 a 1947, o crescimento assencional na produção do algodão, em caroço (quarenta e seis mil seiscientos e setenta e duas toneladas e setenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas) e do milho (duzentas e trinta e duas toneladas e quatrocentos e cinquenta e sete mil quatrocentos e cinquenta e cinco toneladas), com uma variação considerável nos respectivos valores de quarenta e nove milhões e cinco mil cruzeiros para cento e trinta e quatro milhões de cruzeiros; do milho 268.000 para 189.157 toneladas; da mandioca, da mamona, do feijão, do abacaxi, do cará; do côco (254.610 para 290.000 centos), com majoração no respectivo valor de quase duas vezes e meia. No mesmo ano de 1947, a produção de fição e tecelagem, com 21 fábricas em atividade, apresentava estes números altivos: a demonstrarem, ainda da mais, que nem só de açúcar se cuida em Pernambuco; cento e trinta e três milhões seiscientos e oitenta mil toneladas e sete milhões novecentos e vinte e sete mil duzentos e setenta e três sacos e quatro milhões setenta e dois mil e setenta e quatro quilos de fios, num valor global de quinhentos e dezesseis milhões quatrocentos e setenta e sete mil e quatrocentos e setenta e sete cruzeiros. A produção de óleo e subprodutos, no mesmo ano de 1947, ostenta-se com o valor global de duzentos e cinquenta e dois milhões trezentos e vinte e seis mil seiscientos e quarenta e seis cruzeiros. A produção açucareira das usinas do Estado elevou-se de quatro milhões setecentos e vinte e dois mil quinhentos e sessenta e nove, na safra 1944/45, para sete milhões setecentos e sessenta e dois mil duzentos e setenta e sete cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48. O valor da produção dos açucares de vários tipos, álcool anidro e potável, aguardente, ôcos, confeitos, pode ser estimado, com segurança, em milhões de cruzeiros, na safra 1947/48.

Aspecto do banquete oferecido ao sr. José Pessoa de Queiroz, pelas classes produtoras do Nordeste

Outro aspecto do trabalho

O advogado Antigeno Chaves saudando o sr. José Pessoa de Queiroz, em nome dos manifestantes



uma pergunta contundente. Qual será mais estimável, não só do ponto de vista econômico, como do ponto de vista social: a transformação da propriedade, produzindo tecnicamente, conservando os solos pela adubação, defendendo-os da erosão, praticando o reflorestamento, corrigindo os efeitos das longas estagnações, dando assistência aos trabalhadores, ou a propriedade em pequenos pedaços, improdutiva, abandonada, a terra como se estivesse morta?

Na companhia ilustre do professor Daniel Willey, notável economista e que tem realizado estudos e investigações pessoais, em nosso país, visitei recentemente Pesqueira, onde uma família empreendedora — a família Brito — plantou, em pleno sertão, uma "Bandeira" de trabalho e de progresso, realizando, ali, a experiência, única no mundo, da agro-indústria tomateira em terras tropicais.

As experiências realizadas, no decurso de nove anos, por um técnico competente, dr. Moacir Brito de Freitas, com o conhecimento esclarecido e experimentado das condições regionais — zona de agreste, de clima seco e solo arenoso com a declividade, se não me engano, de 12% — ofereceram resultados que precisam ser tornar conhecidos, pela contribuição valiosa que trazem ao estudo realístico da organização econômica e social desta região.

Sabereis, então, que a cultura empírica do tomate, sem os cuidados técnicos de conservação do solo — essa é preocupação permanente entre os empresários de Pesqueira — se constitui em espoliadora de fertilidade, registrando-se quedas de produção unitária, em menos de um quinquênio, de trinta toneladas para uma, em casos de áreas que foram encontradas completamente esgotadas ou irreparavelmente.

Também, a rotação das culturas exigente, no entanto, de maiores recursos, a cultura de conservação do solo, sendo apreciáveis as diferenças da redução de perda d'água e de terras, no lado do aumento considerável de produção unitária, em modo consorciado, a produção de matéria prima e a produção industrial.

Temos, sem dúvida, que voltar urgentemente à terra, que cuidada, conservada, recuperada. E um dos caminhos certos é o do municipalismo, da "revitalização" do município brasileiro, na pregação de Rafael Xavier.

Urge, também, para o êxito dessa campanha redentora dos nossos destinos, que cesse o fogo dirigido a quem não tem culpa, dirigido contra os produtores, contra os proprietários, contra os empresários. Porque, aqui, se produz sob condições de trabalho e de condições de vida de diferentes lados. No entanto, se examinarmos, com maior profundidade e serenidade, o problema brasileiro, havemos de confirmar o conceito, já histórico, de que "o Brasil é obra do particular".

Há ainda, entre muitos outros, um aspecto que não podemos omitir, nos esforços a emprender pelo crescimento da produção, o aspecto fiscal. Sabemos que, modernamente, o problema da produtividade fiscal está posto em equação com o problema da produção, preconizando os autores, mais em dia com este assunto, em vez do lançamento de novo, ou majoração dos antigos impostos, um melhor arranjo dos sistemas obsoletos, que precisam ser reformados.

Paulo Higazi — mestre universitário, atualmente professor da Universidade de S. Paulo — preconiza, em obra recente: "Nesta reorganização, um princípio não se deve perder de vista: é que a produção, quando conformada com o interesse geral, nunca deve ser diminuída pelo imposto, porque toda a perda de produção é um empobrecimento para a nação e seus homens".

ção de sobrevivência das próximas gerações.

O dr. Osborn observou que, nos últimos três séculos, a população da terra aumentou de 400 milhões para mais de dois bilhões e que, na proporção atual de desenvolvimento, pode chegar a 3 bilhões dentro de 50 anos, excedendo as possibilidades das áreas cultiváveis para a subsistência.

Cuidou-se, naquele congresso, em apelos dramáticos, da necessidade de conservação dos recursos naturais e da correção, a todo custo, do esgotamento dos campos. Cuidou-se, essencialmente, do problema da produção.

A admirável comentarista depois de referir que os homens podem, muito em breve, construir adições que lhes permitam escapar da força de gravidade da terra, observa, com malícia, que não há, todavia, "nenhuma indicação de que eles encontrarão subsistência ou qualquer vida orgânica fora deste planeta". E lança a pergunta que deve penetrar nas entranhas de todos os brasileiros que tenham uma parcela de responsabilidade nos destinos do nosso país, na salvação de nossa gente: "O homem precisa de fugir da terra ou de voltar a ela?"

No Brasil, meus senhores, estatísticas divulgadas por um extraordinário batalhador da boa causa, propõem as seguintes conclusões, fundadas no conhecimento da realidade — Rafael Xavier — revelam que, no período de 1935/36 a 1944, a população, no país, aumentou de 19%, enquanto a produção primária geral teve um acréscimo apenas, de 8% e a de gêneros alimentícios se reduziu de 15%.

Outras informações dignas de fé, que coligi ainda esta manhã na secretária do I.B.G.E., demonstram que, em certas regiões, a produção de subsistência sofreu reduções muito maiores, excessivamente maiores, ao passo que, pela influência do fenômeno da guerra, cresceram, de modo considerável, a produção de matéria prima e a produção industrial.

Urge, também, para o êxito dessa campanha redentora dos nossos destinos, que cesse o fogo dirigido a quem não tem culpa, dirigido contra os produtores, contra os proprietários, contra os empresários. Porque, aqui, se produz sob condições de trabalho e de condições de vida de diferentes lados. No entanto, se examinarmos, com maior profundidade e serenidade, o problema brasileiro, havemos de confirmar o conceito, já histórico, de que "o Brasil é obra do particular".

Há ainda, entre muitos outros, um aspecto que não podemos omitir, nos esforços a emprender pelo crescimento da produção, o aspecto fiscal. Sabemos que, modernamente, o problema da produtividade fiscal está posto em equação com o problema da produção, preconizando os autores, mais em dia com este assunto, em vez do lançamento de novo, ou majoração dos antigos impostos, um melhor arranjo dos sistemas obsoletos, que precisam ser reformados.

Paulo Higazi — mestre universitário, atualmente professor da Universidade de S. Paulo — preconiza, em obra recente: "Nesta reorganização, um princípio não se deve perder de vista: é que a produção, quando conformada com o interesse geral, nunca deve ser diminuída pelo imposto, porque toda a perda de produção é um empobrecimento para a nação e seus homens".

Após essas experiências de estabelecimento e socialização, em frágil e desregrado mundo de hoje, algumas delas crises que vincaram a alma humana,

a última, ainda, em estado de danoção, tentando destruir valores permanentes e imperitáveis da civilização — refiro-me ao regime soviético — retomemos a palavra oracular de Proudhon ao predir que o problema que se impunha não era o de destruir as forças econômicas existentes, mas de conservá-las, equilibrando-as e controlando-as nos seus excessos.

Sr. José Pessoa de Queiroz: Esta festa não é uma formalidade; traduz um ato consciente de justiça, de reconhecimento, de compreensão. Os serviços que, com o vosso denodo, a vossa tenacidade, vossa eficiência pessoal, prestastes, em hora perigosa, à economia açucareira, parte vital da economia nordestina e parte ponderável da economia nacional, estão na consciência de todos nós. E que vos coube, como pesada tarefa, a ingrata oportunidade da prestação desses serviços, de que temos a visão exata e a justa estimativa.

Impôs-se, assim, a todos nós, como um ato de consciência, o grato dever de prestar-vos esta homenagem, na qual, simbolicamente, se juntam os canaviais pernambucanos, os beirões dos engenhos, as chaminés das usinas.

Uso da palavra, em seguida, o professor Murilo Guimarães que, em nome do Industrial José Pessoa de Queiroz, agradeceu o homenagem, com o discurso que se segue:

"Meus senhores: O sr. José Pessoa de Queiroz, honrou-me com a sua generosa atenção ao elevado encargo de agradecer esta esplêndida manifestação que lhe tributam as classes açucareiras de Pernambuco, abrilhantada com o comparecimento do ilustre representante do nosso município da República, do exmo. sr. governador do Estado, de outras autoridades do Estado e do país, de representantes do Instituto do Açúcar e do Alcool e de distintos colegas seus de outros Estados.

O nobre ideal que congregou os elementos mais representativos da produção açucareira de Pernambuco, unidos como sempre — quer na luta para a defesa dos seus legítimos interesses, quer na paz para expressão de suas ideias mais representativas — focou profundamente a sensibilidade do homenageado. A sua natureza altamente emotiva, a modestia excessiva que é um dos traços marcantes do seu caráter, levaram-no a insistir, repetidamente, por que não se realizasse a manifestação que se reputava exagerada para os seus méritos. Não conseguindo vencer a resistência dos seus amigos, delegou-me o encargo de exprimir o quanto significava essa homenagem dos seus colegas — a mais cara de todas ao seu espírito — no recibo de que a sua emoção o traísse à última hora.

Fianços, assim, privados de ouvir nesta solenidade, a sua palavra amiga, tão persuasiva, sempre repassada de uma inquietante fé nos destinos da economia açucareira nacional e na capacidade realizadora dos homens de trabalho da sua terra.

Não me passou despercebida a responsabilidade da tarefa, convencido como estive desde o primeiro momento, da impossibilidade de uma substituição adequada. Nem sequer poderia eu traduzir fielmente, com a eloquência precisa, o imenso sentimento de gratidão que neste momento anima o homenageado. Profundamente integrado na indústria açucareira, a que se dedica há longos anos, é no convívio com seus colegas, nas provas de afecção que lhes lhe dedicam, que José Pessoa de Queiroz vive as suas horas mais felizes e sente registrada a sua determinação em empregar os seus máximos esforços na prestação

de quaisquer serviços em benefício da classe a que ele se achava intimamente ligado. Haveria de compreender, então, a minha dificuldade em exprimir os seus sentimentos de um homem de tão vigorosa personalidade, para quem esta homenagem tem um caráter de verdadeira consagração.

Nessa conjuntura, em que dificilmente não se sentiria amesquinçado qualquer pessoa de mais elevado porte do que eu, deliberei alinhavar alguns dados indicativos da situação atual da economia açucareira em Pernambuco, buscando, deste modo, aproximar-me do tom objetivo que o homenageado impõe ordinariamente às suas palestras.

Assumindo a presidência da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, em dezembro de 1946, teve José Pessoa de Queiroz que enfrentar, no decurso do seu mandato, seríssimos problemas, atinentes à sorte da indústria açucareira deste Estado talvez dos mais graves que a sua história registra. As grandes dificuldades financeiras, resultante da reestruturação dos mercados internacionais após a cessação da guerra e da preocupação do Governo do Presidente General Eurico Gaspar Dutra de deter a inflação causavam obstáculo de vulto ao equilíbrio da economia do açúcar, agravado pela falta de exportação do produto na época devedida. A essas dificuldades, juntou-se o problema do excesso da produção nacional, em consequência do abandono provisório pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, da política de limitação forçada por contingências do momento.

Foram dias atribulados em que muitos observadores da possibilidade de sobrevivência da indústria açucareira, nesta região. Era necessário conseguir grandes financiamentos para manter os enormes "stocks" de açúcar que aqui se acumulavam, à espera da possibilidade de sua exportação para o estrangeiro. Além disso, tornava-se imperioso auxiliar cada vez mais o produtor, na realização dos seus planos de trabalho, permitindo-se, assim, que o produtor alcançasse a sua posição de "leader" da produção açucareira do país.

Para aquilatar o valor do trabalho desenvolvido pela Cooperativa dos Usineiros na consecução desse objetivo, é suficiente mencionar a cifra dos financiamentos concretos obtidos nas safras 46/47 e 47/48 em confronto com os financiamentos normais dos anos anteriores. Enquanto nas safras 44/45 e 45/46 esses financiamentos totalizaram, respectivamente, de Cr\$ 121.139.800,00 e Cr\$ 140.711.320,00, nas safras 46/47 e 47/48 ascenderam, respectivamente, a Cr\$ 233.759.385,00 e a Cr\$ 478.781.546,00 além dos financiamentos agrícolas, respectivamente, de Cr\$ 12.139.800,00 na safra de 1947/48, a quantia superior a Cr\$ 300.000.000,00.

A maior parte desse auxílio financeiro foi obtida do Banco do Brasil e, em parcela também considerável, do Instituto do Açúcar e do Alcool. Contribuíram decisivamente para esse resultado, a ação esclarecida do Presidente Dutra, eredor do reconhecimento da indústria açucareira, o prestígio do Governador Estadual Lima Sobrinho, a boa vontade do dr. Guilherme da Silveira, presidente do Banco do Brasil, e dos senhores Espiridônio Lopes e Edgard de Góes Monteiro, do Instituto do Açúcar e do Alcool, durante essa dura campanha, além do trabalho fecundo e da justa compreensão de outras autoridades e empresários colaboradores dessa árdua tarefa. Merece ainda destaque a ajuda prestada pelos Bancos particulares desta terra, notadamente da agência do Banco do Brasil e do Distrito Federal, que contribuíram valiosamente para a estabilidade e da economia açucareira de Pernambuco.

Foram esses financiamentos que permitiram a distribuição equitativa aos industriais açucareiros do nosso Estado, dos recursos indispensáveis à manutenção dos seus serviços e à expansão das suas safras. Todos os usineiros cuidaram das suas culturas e aumentaram sua produção, mesmo os que atravessavam maior crise e que, conseqüentemente necessitavam de maior amparo para desenvolvimento das suas culturas, como único meio de restaurar a sua situação financeira, daí resultando benefícios gerais, entre eles o da estabilidade do crédito de que justamente goza a indústria açucareira. A liquidação já efetuada desses financiamentos, prova a sua justa aplicação, elevando o conceito de que destrua o órgão máximo da produção do açúcar deste Estado.

As propostas foram vitoriosas. Criou-se a taxa de Cr\$ 2,06 por sacco de açúcar sobre as vendas nos mercados internos e o plano de álcool foi aprovado por decreto assinado pelo Presidente Dutra quando da sua visita a Pernambuco, em julho deste ano.

Essas medidas alcançaram resultados positivos na debelamento da crise, restabelecendo a tranquilidade entre os produtores e assegurando o equilíbrio da economia açucareira nacional. Contribuíram poderosamente para que se mantivesse o nível ascendente da produção de açúcar neste Estado nos últimos anos, expressa em cifras que excederam as previsões de todo o país. A produção de açúcar das usinas de Pernambuco que foi de 4.843.494 saccos na safra 45/46, elevou-se para 5.955.991 na safra 46/47, para 7.771.269 saccos em 1947/48 e atingirá, segundo cálculos conservadores, a 5.500.000 saccos na safra 48/49.

A OPINIAO DA "REVISTA BRANCA" SOBRE O SALÃO DE POESIA

"Este empreendimento cultural, por que responde a sua Comissão Organizadora, constituída pelos senhores Aderbal Jurema, redator-chefe de "Nordeste", Celso Regueira Costa, Mauro Moraes, Nilo Pereira, Edison Regis, Fernando Mota, Carlos Moreira e Edson Nery da Fonseca, traduz, de forma significativa, o interesse da gente pernambucana pelo cultivo da arte, em toda a sua manifestação e reafirma o conceito de que goza a terra de Joaquim Nabuco e tantos outros, como sendo o maior berço brasileiro de homens do pensamento.

Justificam-se, pois, a repercussão e o interesse provocados pelo I Salão de Poesia do Recife, o qual está sendo aplaudido, no qual estão que têm tido a oportunidade de visitá-lo, mas também por aquilo que o conhecem através de notícias.

"Trecho de "tópico" da "Revista Branca" — Rio, outubro-novembro, 1948.

Ninguém ignora que o açúcar representa o principal esteio da economia pernambucana. A sua produção, incluindo os diversos tipos de açúcar e os subprodutos aqui fabricados, pode ser estimada em cerca de 1.500.000 sacos. Os cofres públicos do Estado têm na produção açucareira, a principal fonte da sua arrecadação. Na safra 1947/48, somente o imposto de exportação para o estrangeiro produziu cerca de Cr\$ 40.000.000,00 — Mais em 10% do orçamento da receita — e ainda se estima o recolhimento de um em perto de Cr\$ 20.000.000,00. Sobre a cerca de Cr\$ 20.000.000,00 a arrecadação do imposto e vendas e consignações. Adiciona-se ainda os impostos de indústria e profissão, impostos territoriais e outros vários tributos e taxas pagos diretamente pelas classes açucareiras ao Estado e aos municípios, além de muitos outros impostos que decorrem diretamente da atividade dos produtores de açúcar e ter-se-á uma visão clara da importância da indústria açucareira para as finanças estaduais.

É incontestável a contribuição da indústria açucareira para a grandeza desta região, no desenvolvimento de várias atividades que prosperam à sua sombra. Somente em transportes, incluindo fretes marítimos e terrestres, dispôs essa indústria na safra 47/48, quantia que ora em Cr\$ 70.000.000,00. A Cooperativa dos Usineiros pagou na mesma safra, Cr\$ 3.600.000,00 de prêmios de seguro. Muitas centenas de milhares de pessoas vivem diretamente às custas da produção açucareira em Pernambuco, calculando-se em cerca de Cr\$ 500.000.000 os salários pagos nos operários da indústria e aos trabalhadores empregados na tarefa da cultura da cana.

Lamentavelmente, apesar dessa colaboração valiosa que presta à prosperidade desta região, não obtém, a indústria açucareira pernambucana os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para reforma das usinas fabris, permanecendo permanentemente no crédito, por falta de meios próprios para execução dos seus serviços. Durante todo o período da guerra em que a indústria nacional floresceu mereceu a produção açucareira os justos resultados do seu esforço auferindo sempre lucros reduzidíssimos, sem poder constituir quaisquer reservas para melhoria dos seus processos agrícolas, para

(Continuação da pag. 17)

dos responsáveis pelo estudo do problema, uma solução que acarretaria o futuro dessa importante indústria.

Expostos, se representam muito do trabalho desenvolvido pelo homenageado, pouco valiam para ele. É próprio da "ormação do seu espírito jamais se deteve sobre as suas realizações e as suas preocupações se dirigiu principalmente para o que ele desejaria haver feito e que julgava indispensável que se fizesse. A elevação do preço do açúcar, a ampliação do crédito agrícola e industrial para os produtores, a realização de planos para o aumento do consumo nacional do açúcar, o estímulo para a renovação dos processos agrícolas e industriais, a construção de armazéns para a guarda do açúcar — assunto, já em via de solução parcial com as outras iniciativas pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, em consequência de apelo que lhe foi dirigido pela Cooperativa dos Usineiros — o desenvolvimento das obras sociais de que constitui marco valioso a instituição, sob seus auspícios, da Sociedade Beneficente e Hospitalar das Usinas de Açúcar de Pernambuco, são todos esses problemas que dominam totalmente o seu espírito, convertendo no ideal com que vive sonhando a ser realizado numa ampla e sólida e estreita união das classes açucareiras do Estado.

Instou comigo José Pessoa de Queiroz, para que eu destacasse a ação patriótica do exmo. sr. presidente da República e exmo. sr. governador do Estado que emprestaram seu apoio decisivo aos pleitos por ele encaminhados, a ajuda prestamos de outras autoridades e homens públicos do país, com uma menção especial à dedicação e ao esforço construtivo do senador Vitorino Freire; a colaboração e a justa compreensão que sempre mereceu o Instituto do Açúcar e do Alcool, do Banco do Brasil e de outros órgãos e estabelecimentos bancários com que teve de tratar no interesse da indústria açucareira deste Estado; à boa acolhida e à solidariedade dos expoentes máximos das classes açucareiras dos demais Estados produtores do país; e, finalmente, um registro todo especial, a confiança com que sempre o distinguiram os seus colegas de Pernambuco, e essas honras tenazes que, revelando uma fibra incanescida e estabeleciram elevar a sua terra, realizando o milagre de quasi duplicar a sua produção em pouco tempo, sem aumento da área anteriormente utilizada, sob as mais diversas condições econômico-financeiras. A todo esse auxílio atribua o homenageado a razão principal, o motivo quasi único do sucesso dos seus planos de ação.

Prometi, senhores, — e per-

EXPRESSIVA HOMENAGEM PRESTARAM AS CLASSES CONSERVADORAS DO ESTADO, AO SR. JOSÉ PESSOA DE QUEIROZ

mita-me também o homenageado — que, mesmo a risco de uma leve imprudência, eu me atrevo por momentos, da minha missão, para associar-me com entusiasmo, a justa manifestação aqui tributada a José Pessoa de Queiroz. Testemunha do esforço inaudito por ele empreendido em defesa dos interesses da indústria açucareira, revelando uma energia impar nos momentos supremos da crise, foi o homenageado a toda a campanha realizada durante a sua gestão, o espírito que persuadiu as autoridades da indeclinável das medidas que ele pletava, que estimulava os produtores e alimentava a sua fé, que impunha confiança aos órgãos financiadores da produção, que assegurava a tranquilidade indispensável ao trabalho fecundo dos industriais açucareiros desta região.

Meus senhores: Por solicitação de José Pessoa de Queiroz, eu agradeço esta manifestação, prometendo-vos, em seu nome, tudo quanto seu temperamento dinâmico e homem de ação for capaz de realizar em proveito das classes açucareiras de Pernambuco e assegurando-vos o melhor de tudo quanto o seu coração profundamente humano conviver em sentimento de gratidão impericível.

FALA DO SENADOR VITORINO FREIRE

O senador Vitorino Freire, representante do exmo. sr. presidente da República, levantou, a seguir, um brinde ao governador Barbosa Lima Sobrinho, falando de improviso, do qual destacamos os seguintes trechos:

"O sr. presidente da República, em cujo nome falo, fazendo-se representar nesta homenagem, quis demonstrar de público o seu apreço e a sua gratidão aos homens que representam a lavoura canavieira e, particularmente, ao seu amigo industrial José Pessoa de Queiroz. Afirma o sr. presidente que não se irrita com a imperitência do sr. José Pessoa de Queiroz, defendendo junto à sua presença os interesses da amargurada indústria do açúcar. S. excia. está examinando com especial cuidado o memo-

rial referente ao reajustamento dos preços do açúcar, que lhe foi pessoalmente entregue pelo sr. José Pessoa de Queiroz, a fim de dar solução adequada e justa, pois que s. excia. não deseja o aniquilamento dos produtores.

Fiquem certos os pernambucanos de que o presidente da República não teme a demagogia quando cumpre o seu dever, amparando os produtores machucados, e que não se vende o que se está vendendo; a lavoura canavieira aqui unida nos seus grandes valores solidários. E por isso o sr. presidente autorizou-me a declarar que apoia e confia na ação do presidente da Cooperativa dos Usineiros.

Proseguindo, disse o senador Vitorino Freire que continuava a viver como homem da planície, sem jamais se perturbar no clima dos altiplanos. Esboçou com ênfase os nomes dos homens que aqui o ajudaram: João Lopes de Siqueira Santos, Eurico Chaves e Francisco Xavier Paes Barreto, para declarar, depois, que jamais deslucaria o nome pernambucano e conservaria sempre a sua altivez tradicional. Fez o elogio do povo maranhense, afirmando que a bancada federal do Maranhão se confunde com a de Pernambuco, exaltando, nessa ocasião, o apuro e o cavalheirismo dos senadores Apolônio Sales, Etelvino Lins e Novais Filho. Terminou fazendo o elogio do sr. Barbosa Lima Sobrinho, cujo governo exaltou, acrescentando que o presidente da República apoia integralmente o governador pernambucano, para resolver os problemas que afligem Pernambuco. As suas palavras finais foram as seguintes:

"Orgulho-me de ver o clima de paz que Pernambuco desfruta, sob o governo Barbosa Lima Sobrinho e peço a Deus que ilumine s. excia. para maior grandeza do seu governo e para a paz e o progresso da nossa terra."

BRINDE AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Finalmente, o sr. Luiz Antônio de Barros Barreto, secretário da Agricultura, levantou-se para fazer o brinde ao presidente da República. Declarou, de início, que a ausência do governador Barbosa Lima Sobrinho fora motivada por moléstia, mas que s. excia. estava inteiramente solidário com a grande manifestação do industrial José Pessoa de Queiroz.

"O sr. presidente da República, em cujo nome falo, fazendo-se representar nesta homenagem, quis demonstrar de público o seu apreço e a sua gratidão aos homens que representam a lavoura canavieira e, particularmente, ao seu amigo industrial José Pessoa de Queiroz. Afirma o sr. presidente que não se irrita com a imperitência do sr. José Pessoa de Queiroz, defendendo junto à sua presença os interesses da amargurada indústria do açúcar. S. excia. está examinando com especial cuidado o memo-

rial referente ao reajustamento dos preços do açúcar, que lhe foi pessoalmente entregue pelo sr. José Pessoa de Queiroz, a fim de dar solução adequada e justa, pois que s. excia. não deseja o aniquilamento dos produtores.

TELEGRAMAS RECEBIDOS

Do Rio de Janeiro, o sr. José Pessoa de Queiroz recebeu os seguintes cabogramas:

"Mesmo distante, considere-me presente e solidário às justas homenagens que lhe serão prestadas pelo inestimável serviço que o presado amigo tem prestado à nossa querida terra. Abraços. (a) Renato Carneiro da Cunha."

"O sr. Waldemar Rezende representará a Caixa de Crédito na homenagem que lhe será prestada amanhã. Abraços. (a) Edgard de Goes Monteiro."

"Sabendo que a classe e todos os elementos que labutam na lavoura da cana em Pernambuco estão com justiça homenageando o ilustre brasileiro, solidarizo-me com a mesma, desejando ao presado amigo muitas felicidades. (a) Vieira Filho."

Do Recife, o sr. José Pessoa de Queiroz recebeu os seguintes telegramas:

"Aceite o presado amigo o nosso sincero e afetuoso abraço de felicitações pelo seu natalício e nossos melhores votos de felicidade. Família Alvares Oliveira; Diniz; família Alvaro Oliveira; família Nelson Ferreira; e família Viúva Antônio Gonçalves Ferreira."

"Impossibilidade de comparecer pessoalmente, à manifestação do Internacional, apresento, por este meio, ao presado amigo a minha solidariedade à justa homenagem. Abraços. (a) Virgínia Novais."

"Em nome da Cooperativa dos

Proprietários de Veículos apresento a vossa excelência as expressões de sua solidariedade a justa homenagem que será prestada hoje a v. excia. pelas indústrias açucareiras e plantadoras de cana classes e produtores de açúcar, em prestado inestimáveis serviços. Esta Cooperativa aguarda a v. excia. toda sorte de felicidades, a bem das coletividades integradas na indústria açucareira. (a) Nelson de Castro e Silva."

Do Rio de Janeiro, o dr. Gil Maranhão recebeu o seguinte cabograma:

"Em virtude de motivo superior impedir o afastamento daqui do dr. Moita Maia, que estava designado para representar a homenagem ao sr. José Pessoa de Queiroz solicito ao prezado amigo aceitar esta delegação. Cordiais saudações. (a) Edgard de Goes Monteiro, presidente do I. A. A."

De Campos, Estado do Rio de Janeiro, a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Ltda recebeu o seguinte telegrama:

"O Sindicato da Indústria do Açúcar do Estado do Rio de Janeiro, como órgão de representação dos usineiros fluminenses, interpetando o sentimento de todos os seus associados participa das justas e expressivas homenagens que serão prestadas pelas classes açucareiras e canavieiras do país ao esforçado presidente dessa Cooperativa, dr. José Pessoa de Queiroz, como demonstração do seu reconhecimento à maneira patriótica, pela qual vem defendendo os legítimos anseios dos industriais e lavradores vinculados à produção açucareira."

"Lamenta a presidência deste Sindicato não poder, por motivo de moléstia, comparecer pessoalmente, a essas demonstrações de apreço que não só refletem a confiança no seu valioso "leader", mas, também, o espírito de coesão dominante indispensável ao bem êxito da missão que lhe está confiada na defesa dos seus diretos. Saudações cordiais. (a) Júlio Nogueira, presidente."

De São Paulo os srs. Antígenes Chaves, João Santos, Romero Costa e Leônio Araújo receberam o seguinte cabograma:

"Acusamos o recebimento do telegrama dos presados amigos, transmitindo aos usineiros paulistas o honroso convite para o comparecimento ao banquete que se realizará em nome do sr. José Pessoa de Queiroz, o qual os vossos amigos ofereceram ao comum amigo, José Pessoa de Queiroz, a 5

do corrente. O referido telegrama, em face da incidência dos feriados, só chegou em nossa cidade ontem, 3, impondo-nos a viagem e o comparecimento dos representantes paulistas à justa homenagem ao sr. José Pessoa de Queiroz, atual presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, lamentando sinceramente a ausência ao banquete de confraternização dos usineiros do país em forma da distinta personalidade do homenageado. Transmitimos a José Pessoa de Queiroz, por intermédio de vossas senhorias a solidariedade inextinguível dos usineiros paulistas a s. excia. incontestavelmente grande "leader" de nossa classe. Atenciosas saudações. (a) A. C. de Sales Filho, presidente da Associação dos Usineiros de São Paulo; Fátima Margareth, esposa de Lima e Carlos Pinto Alves."

Do Rio de Janeiro, os srs. Romero Santos e Leônio Araújo receberam o seguinte telegrama:

"Agradecendo o convite, lamentando não estar presente, amonho, à justa homenagem ao sr. José Pessoa de Queiroz cuja a Associação da presidência da Cooperativa assinada grandes serviços à produção açucareira nacional. Recebam meu abraço de solidariedade. (a) João Cleofas."

De João Pessoa (Estado Paraíba), os srs. Antígenes Chaves, João Santos, Romero Costa e Leônio Araújo receberam o seguinte telegrama:

"Sensibilizado agradeço o convite à justa homenagem que será prestada hoje ao sr. José Pessoa de Queiroz. Impossibilidade de comparecer, pessoalmente, telegrafei ao dr. Benício Dias a fim de representá-lo. (a) Renato Ribeiro."

Do Rio de Janeiro, o dr. Leônio Araújo recebeu o seguinte cabograma:

"Acusando o convite para a homenagem que ao senhor José Pessoa de Queiroz prestarão as classes açucareiras, tenho o prazer de comunicar que a mesma estarei presente na pessoa do dr. Gil Maranhão, a quem deleguei a incumbência de representá-lo. Atenciosas saudações. (a) Edgard de Goes Monteiro, presidente do I. A. A."

De Timbóba, Pernambuco, o sr. José Pessoa de Queiroz recebeu o seguinte telegrama:

"Associação de coração às justas homenagens que lhe serão prestadas hoje, enviando-lhe um grande abraço. (a) Júlio de Queiroz."

O sr. José Pessoa de Queiroz recebeu ainda numerosos outros telegramas, os quais não nos dá o publicar, devido o adiantado da hora.

Castro Alves, Manuel Bandeira e o Salão de Garça Branca Sobre Campo Verde

I Sei que Carlos Moreira vai ficar com água na boca quando olhar para o retrato de Castro Alves aos 18 anos, com aquele ligeiro buço sombreando as lábios e a cabeleira farta derramando-se pelas orelhas, que este suplemento publica hoje em homenagem ao I Salão de Poesia, que de quarta-feira, 22, está de portas abertas para o povo do Recife. Fotografia que tem a intenção de uma homenagem e a força de uma sugestão: a de escolhermos, os cento e sessenta poemas que lá estão, o grande poeta baiano para patrono do certame que tem revolucionado a cidade. Será uma honra para a poesia atual prestar mais uma reverência àquela que fez da vida uma estrada larga para as musas nacionais com a ternura de sua sensibilidade e a grandiloquência de seu talento. Deante dos seus originais, inéditos, até ontem tão avaramente guardados por Cós Regueira Costa, e agora expostos no I Salão de Poesia do Recife, todos nós devemos proclamá-lo em prosa e verso o patrono da exposição.

II — E já que falamos em homenagem, a oportunidade é excelente para darmos

corpo à idéia de um grupo de escritores pernambucanos, amigos e admiradores de Manuel Bandeira, de erguermos, em praça pública, um busto ao poeta de Passargada. Para isso, precisamos fazer um grande movimento e aproveitarmos, justamente, a semana poética do Salão para conquistarmos o busto de Bandeira que o escultor Celso Antônio esculpiu com mão de mestre.

Que a idéia de trazer o busto do grande poeta vivo do Brasil para a sua terra seja uma das realizações dos poetas que vêm no seu companheiro de Salão a voz maior.

III — Já está em tempo de agradecermos à Câmara Municipal do Recife o crédito aprovado, sem uma só voz discrepante, em favor do Salão. Com as dez mil cruzeiros que, estamos confiantes, o prefeito Moraes Régio, sancionará, a comissão diretora do Salão vai reunir todo o material exposto em livro que será um documento de primeira plana sobre essa original mostra de arte que já vem causando os seus benefícios. Há mais, ainda, a agradecer, principalmente ao Rádio JORNAL DO COMMER-

CIO, pelo programa POESIA VIVA, de quarta-feira. E pelo futuro programa, na próxima quarta-feira. Mas tudo isso será feito em tempo oportuno pela comissão diretora do Salão que se sente nas nuvens e a alegria é tanta que nem tem palavras para falar. Mesmo assim, repitamos, nessa semana que começa, com tanta euforia: — Pela poesia nós seremos irmãos!

Aderbal Jurema

(“Jornal do Commercio”, 26-9-38)

O DIRETOR DA REVISTA "JOAQUIM" E O MOMENTO CULTURAL PERNAMBUCANO

O escritor Dalton Trevisan, o jovem diretor da famosa revista dos novos "Joaquim", do Paraná, em carta aos diretores de "Nordeste" diz o seguinte:

"Recebi hoje vinte exemplares de "Nordeste", nº. 4, que é cada vez mais uma revista notável. Vocês, do Recife, são talvez a gente mais realizadora do Brasil. Basta ver o Salão de Poesia, o Salão de Pintura, o Concurso de Romances, as revistas, e o resto."

to que estava debruçado sobre o paredão da ribanceira. De olhos fitos no fundo da água, suble como uma macaco mordido por um lacrau, a todo vapor até ao último milímetro de caule do coqueiro. Outra miríada de sujeitos para o abismo. Depois do que, voltou o rosto para o lado, fez o pelo sinal e despençou, tebel! com todo o corpo, bem em cima do caule imergido do outro.

Quem seria o orango de balizes esturruado, atarracado, de olhos fitos no fundo da água, próprio Dinó, tio do Noratinho e irmão do Didi? Quem seria, senão ele?

— Você ouviu o estalo da "boquinha" que "ela"...

— Ouvi o estalo da espoletada de uma espingarda de caça, respondeu o outro. — E o tiro...

— Bem, o tiro... O pessoal anda às vezes escapando por ali. Foi uma coisa rápida e inesperada. E a sua culpa, exata, histórica, nunca foi possível averiguar com os precários elementos de prova colhidos no local do desastre. Retirado o cadáver da água, já bastante desfigurado pelo alarís, verificaram-lhe várias roturas no dorso do espinhaço. Os fundinhos estavam rendilhados de pequenos orifícios, como de uma carga de chumbo que penetrara na cabeça, e não se pôde com certeza estabelecer o modo de sua salobra.

A pesca do cadáver se deu a algumas léguas de Felix Bandeira, já quase em terras do tenente João Canafusa. O velho Dinorato costumava recolher-se por ali, nos raros intervalos das suas intermináveis peregrinações por esses mundos de Nomo Senhor.

Suicídio, acidente imprevisível, morte afrontosa, o pessoal do Felix Bandeira não gostava. O velho Dinorato podia ter levado o diabo de outra forma, menos daquela. Os coqueiros, numa extensão incrível das lin-

des justamente do tenente Canafusa, o pirata, haviam sido despojados de sua carga naquela tarde. Terrível noite, aquela! Só muito, tarde animou-se o Tião a voltar com o sobrinho para Felix Bandeira, disposto a explorar no dia seguinte o milatério da mulher da estranha aparição do "après-midi". Mas este seria o primeiro e último dia em que a veriam.

As visões que o dia claro e cheio de sol forneciam eram muito mais belas do que as da noite escura, é exato, mas muito mais difíceis de evocar.

Voltaram inúmeras vezes à lagos, e em noites de luar não conseguiram adivinhar o que se passava no fundo da água. Aquelas incursões eram para ambos uma espécie particular de aventura numa viagem para o sobrenatural.

— Uma garça branca, sobre campo verde, o bico na água, sobre a água, o que é? — dizia o Tião para o sobrinho, não podendo mais suportar a tenaz poética da paisagem dos seus pensamentos.

— Já sei, é uma adivinha. — Quero saber o que é. — É navio. — É a mãe do meu. Foi que quebrou a espinha do Dinorato, mas mesmo podia ter perdido o próprio nome, mas salvava com aquilo a honra da família.

O próximo n.º de "NORDESTE" será dedicado à Revolução Praieira

de "NORDESTE" será dedicado à Revolução Praieira

★ ★ Gerações e Individuos em Poesia ★ ★

(Continuação da 1a. pg.)

pela razão — para uns; despojada da razão, para outros. E eu estaria faltando à verdade se dissesse que esses últimos não estão logrando preeminência, marcando nossa época. A poesia que se vê hoje é uma poesia mergulhada no sonho, afundada no inconciente.

Para julgarmos dessa evolução, é mister considerar duas circunstâncias.

Primeiro, a situação cósmica e ontológica do homem: um espírito inteligente e livre, mergulhado na matéria que é a carne. O espírito, como uma luz, entendendo e, à vista do que entendeu, determinando a ação; a carne, como uma sombra em cujo seio se movem misteriosas, estranhas energias. São energias obscuras, irmãs das que se movem no seio da terra, e o homem é o ponto de encontro delas com as outras, com as que sopram como largos e puros ventos nas planícies de Deus.

E acontece — eis aí a segunda circunstância — que o progresso do homem é feito através de uma luz e acidentada dominação do espírito sobre a matéria. Dominação da ciência sobre o universo exterior, descobrindo e disciplinando seja o fogo, seja a roda, seja o rádio, seja a divisão atômica. Dominação da consciência sobre o universo interior, penetrando nele, conhecendo seus elementos, medindo-os, utilizando-os. Em certo período recente, dizia-se que o homem é razão apenas, como se dissesse que a sociedade vive só de ideal e de heroísmo; foi bom que alguns pensadores modernos mesmo errados, erradíssimos como Freud, restaurassem diante desse outro erro os direitos da matéria, as noções do instinto e da fome. Foi um mal que os extremassem.

Como a beleza não é mais do que o esplendor da verdade, a poesia está nisto: "e Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança e presida aos peixes do mar e às aves do céu e aos animais selváticos e a toda a terra e a todos os répteis que se movem sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus e criou-o macho e fêmea. E Deus os abençoou e disse: crescei e multiplicai-vos, enchei a terra, e sujeitai-a e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem sobre a terra". Não é essa, porém, mandada por Deus, uma sujei-

ção apenas externa pois o homem é terra, barro da terra: "o Senhor Deus — está ainda no gênesis — formou o homem do barro da terra e soprou no seu rosto um sopro de vida". O homem há de sujeitar, portanto, a terra e a matéria, dentro de si também. Mas, a matéria dominada no homem e pelo homem não se escraviza nem se humilha: eleva-se, transfigura-se. A ordem de sujeição que se inscreve na primeira página da Bíblia, conclui-se pela esperança que encerra o Credo cantado e rezado todos os dias pela Igreja: creio na ressurreição dos mortos e na vida eterna. A ressurreição quer dizer a carne também vencendo a morte, a matéria unida de vez e unida mais intimamente ao espírito, numa harmonia que a vida terrena nem permite nem supõe.

Esse domínio da matéria exterior cabe à curiosidade científica, da mesma forma que essa transfiguração da matéria interior cabe à piedade religiosa. A poesia não é uma coisa nem outra. Mas, a ambas acompanha, cântico de ansiedade e de júbilo, ansiedade pelo que ainda não veio, júbilo pelo que já se viu, alegria profunda e grave, mística e séria.

O homem que a poesia de hoje conhece, não há de ser mais o homem dos poetas clássicos, concebido segundo um padrão abstrato, nem o homem dos poetas românticos, concretizado em alguns sentimentos elementares. É um homem cujos meandros íntimos foram não direi devassados mas vislumbrados por longas meditações e meticolosas pesquisas. Um homem que se debruça sobre o inconciente e sabe a espontaneidade de vida que existe no sonho. Que vai descobrindo, através de pequenos achados analíticos, a verdade enunciada globalmente pelos escolásticos medievais: nele, o "princípio de vida" é um só, animando a vida vegetal, a vida animal e a vida racional.

É, porém, desalentador e melancólico que ele tente esquecer ou ignorar que é razão também, que é razão sobretudo. E que, por consequência, essa penetração em suas brumas interiores não se faz às cegas. Maritain preferiu uma lição insuperável ao dizer que a inspiração autêntica é superior à lógica mas é falsificá-la pedir ao sonho e a toda a noite orgânica inferior à razão não só alguns materiais mais ou menos preciosos porém a própria regra da atividade artística.

Que mergulhem em nós mesmos o mais longe que seja possível, está certo e é imperioso. Mas, o diamante que dorme no seio da terra, não brilha senão quando trazido à luz do sol. Assim também não se trata de abdicarmos da consciência perante o inconciente, mas de levar a consciência, levar a sensibilidade de conciente até as mais remotas camadas subterráneas do nosso ser.

Esta é a natureza do homem. Ele é um ser racional. Logo, a sua poesia ter de ser lógica, não no sentido de ser didática ou silogística, mas na obrigação que lhe incumbe, de ter um conteúdo discernível. O irracional e o absurdo não podem ser a sua regra e, sim, a sensibilidade inteligente, mais ou menos cultivada, mais ou menos apurada, e sutil porém lúcida sempre. Os elementos de sensibilidade, de não-razão, que são a sua base e lhe dão forma, estão na musicalidade, na fantasia, nas analogias, na imaginação, em tudo isso mediante o qual descobrimos no universo — entre as cores, sons e os perfumes, como disse o poeta — uma correspondência que não entendemos, que não sabemos classificar.

Por isso mesmo que usa palavras — termo e fruto de um processo lógico — a poesia tem de ser inteligível. Poderá ser resumida depois de ser lida. Terá perdido a encantação propriamente poética mas conservará o seu sentido de mensagem humana, de recado de um homem aos outros homens, de veículo de comunicação social e fraterna.

Reparai que essa experiência pode ser feita com os nossos maiores poetas modernos, sem desrespeito ao seu modernismo.

O grande Carlos Drummond de Andrade poderia dar-nos verdadeiros exemplares ou modelos dessa digamos intelectualização: dessa penetração da sensibilidade pela inteligência realizando integral poesia. Como no poema *Os últimos dias*:

*Que a terra há de comer.
Mas não coma já.*

*Ainda se mova,
para o ofício e a posse.*

*E veja alguns sítios
antigos, outros inéditos.*

*Sinta frio, calor, cansaço;
para um momento; continue.*

*Descubra em seu movimento
forças não sabidas, contactos.*

*O prazer de estender-se; o de
enrolar-se, ficar inerte.*

Prazer de balanço, prazer de vôo.

*Prazer de ouvir música;
sobre papel deixar que a mão deslize.*

*Irreduzível prazer dos olhos;
certas cores: como se desfazem, como aderem;
certos objetos, diferentes a uma luz nova.
Que ainda sinta cheiro de fruta,
de terra na chuva, que pegue,
que imagine, que grave, que lembre.*

A sensibilidade está na escolha desses momentos, desses gestos; está no modo de dizê-los e de reuni-los; e faz a poesia. Mas, a inteligência não abdicou: ela penetra e expressa cada um deles, com precisão e ordem — não mediante uma simples associação de palavras a pretexto de associação de idéias.

Depois da verticalidade dessa inspiração, poderíamos citar o largo, envolvente impulso que Augusto Frederico Schmidt abraça o cosmos e o caos, a sutileza requintada, etérea, de Cecília Meireles, a clara, diáfana ternura com que Ribeiro Couto, finíssimo artista não tão lembrado agora como merece, reata e renova os fios tradicionais do nosso sentimento e do nosso ritmo em poemas assim:

*Que quer o vento?
A cada instante,
este lamento
passa na porta
dizendo: abre ...*

*Vento que assusta
nas horas frias
da noite fria,
vindo de longe,
das ermas praias.*

*Andam de ronda
nesse violento,
longo queixume,
as invisíveis
bocas dos mortos.*

*Também um dia,
estando eu morto,
virei queixar-me
na tua porta.
Virei no vento
mas não de inverno,
nas horas frias
das noites frias.
Virei no vento
da primavera.
Em tua boca
serei carícia,
cheiro de flores
que estão la fora
na noite quente.*

*Virei no vento ...
Dizei: acorda ...*

Todos esses legítimos poetas nos mostram como a poesia caminha no coração dos homens e nas veredas da história. E que o seu espelho não é o delírio da loucura mas a serenidade da contemplação, não é o inconciente mas a sabedoria. Todos eles nos chamam para um aprofundamento da sensibilidade através do esclarecimento dela, para uma superação do subconciente e do instintivo em nome da razão clara e da ordem perfeita.

N.B. — Não foi possível incluir nesta edição poemas de todos os expositores. Continuaremos, nos números que se seguirem, a publicar os trabalhos dos demais poetas do Salão.

CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIA DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDOMIL"

TELEFONE, 9401 — CAIXA POSTAL, 649

AVENIDA RIO BRANCO, 23 - Recife - Pernambuco

*

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

juros a seus depositantes
Paga as melhores taxas de

*

C/C. Populares (limite de Cr\$ 30.000,00, com cheques 6% a. a.
C/C. de Movimento, retiradas livres) 4% a. a.
C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 30, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta) 6% a. a.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

De 6 meses 6½% a. a.
De 12 meses 7% a. a.

COOPERATIVA BANCO DO NORDESTE LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310
Enderço Telegráfico: "BANORDESTE" — Telefone: 6260
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS
Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente

ASPECTOS DA VISITA DO SNR. EDGARD DE GOES MONTEIRO, PRESIDENTE DO INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ALCOOL, A PERNAMBUCO

Declarações do presidente do I.A.A. à Agência Nacional sobre sua visita a Pernambuco

RECIFE, 24 — Ouvindo pelo representante da Agência Nacional, nesta capital, o sr. Edgard de Goes Monteiro, presidente do Instituto de Açúcar e do Alcool, acaba de fazer as seguintes declarações: "Esta visita a Pernambuco possibilitou-me a oportunidade de conhecer, em observações que há angústia do tempo em que foi possível realizá-las, nem sempre puderam ser demoradas, o progresso registado nos processos de cultura da cana e de sua industrialização. Seria espantoso o que aqui verifico, como sinal desse desenvolvimento, se o mesmo não correspondesse a consequência lógica da racionalização do trabalho. Viajando pelo Norte e pelo Sul de Pernambuco, sentimos que este Estado teve todas as condições para manter, dentro mesmo da expansão natural da produção do país a posição que vem destruindo, até agora, de grande produtor de açúcar."

Estou profundamente grato às manifestações de apreço que aqui recebi das classes produtoras, e do Governo do Estado, na pessoa do ilustre Governador Barbosa Lima Sobrinho, que realizar um Governo à altura das tradições de austeridade e de trabalho de Pernambuco, e de seus dignos auxiliares.

Desejo salientar, ainda, a ação do Presidente da Cooperativa dos Usineiros, o sr. José Pessoa de Queiroz, que nestes dias de minha estada aqui deu apreciável colaboração ao estudo dos problemas açucareiros. Associaram-se a esse trabalho as figuras representativas, não só da classe dos usineiros, como dos banqueiros e fornecedores de cana. Volto, assim, estimulado por essas demonstrações de apoio à ação do Instituto."



O sr. Edgard de Goes Monteiro chegando à Cooperativa dos Usineiros. O sr. Edgard de Goes Monteiro ouve a exposição do contador.



Outro aspecto da visita oficial do I. A. A. à Cooperativa dos Usineiros. O sr. José Pessoa de Queiroz, presidente daquela Cooperativa, reuniu os seus auxiliares para fazer entrega de um memorial sobre a situação açucareira de Pernambuco ao sr. Edgard de Goes Monteiro

O sr. Edgard de Goes Monteiro, presidente do Instituto de Açúcar e do Alcool, homenageado pelos usineiros deste Estado num banquete no Clube Internacional. O brigadeiro de honra ao presidente Dutra foi levantado pelo governador Barbosa Lima Sobrinho. O sr. José Vieira de Melo, em nome dos fornecedores de cana, saudando o presidente do I. A. A. O sr. Edgard de Goes Monteiro lê o seu discurso de agradecimentos



Aspectos da visita do sr. Edgard de Goes Monteiro a Pernambuco: Na Sociedade dos Fornecedores de Cana e na Cooperativa dos Usineiros. Almoço numa usina pernambucana.